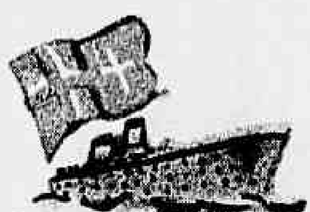
**Aqui está a entrevista que o «homem da vassoura» negou à Imprensa e ao Rádio mas concedeu à REVISTA DA SEMANA, por intermédio de Celestino Silveira. (E ainda autografou a carta-saudação que o leitor vê ao lado).**




No Conte Grande

Por intermédio do jornalista Celestino Silveira, saúdo a "Revista da Semana", fazendo-o na sua Direção e na pessoa de todos que nela trabalham, responsáveis pelo alto padrão moral e intelectual do periódico, e, através da revista, o grande e generoso povo carioca

Bordo do "Conte Grande", 28-10-54.

J. Quadros



# 3 DIAS COM JÂNIO QUADROS

A bordo do "Comte Grande"



# DEZ RESPOSTAS DE JÂNIO A DEZ ASSUNTOS IMPORTANTES

1 Na evolução política do Brasil, a mudança de regime do Império para a República (1897) foi um acontecimento útil e oportuno para o país?

— SIM. ALIÁS A FORMA REPUBLICANA É UMA IMPOSIÇÃO DA PLURALIDADE ÉTNICA DE NOSSO POVO, COMO A FEDERATIVA É DECORRÊNCIA DA GRANDEZA E DIVERSIDADE GEOGRÁFICA. O PENSAMENTO POLITICO-HISTÓRICO DO BRASIL SEMPRE FOI FAVORÁVEL AO ATUAL REGIME.

2 Em sua opinião, qual a maior figura do Império? E da República?

— O SEGUNDO IMPERADOR. — NA REPÚBLICA, RUI E PRUDENTE.

3 Como interpreta a revolução de 1930 nas suas conseqüências para o Brasil? Teria sido preferível uma evolução natural ou foi melhor a revolução?

— BENÉFICA. — TROUXE O VOTO SECRETO, POLITIZOU AS MASSAS OPERÁRIAS E, EM LINHAS GERAIS, IMPULSIONOU O PROGRESSO NACIONAL.

— APRESENTA NO PASSIVO, PORÉM, ERROS E MALES TREMENDOS. — O PASSIVO PREPONDERA.

4 Como interpreta a conduta das fôrças armadas não querendo o poder nos movimentos de 49 e 54?

— COMO ÍNDICE DE PATRIOTISMO E DE CULTURA CÍVICA E SOCIOLÓGICA. — AS FÔRÇAS ARMADAS NÃO IGNORAM O SEU ELEVADO PAPEL CONSTITUCIONAL.

5 Onde estava na revolução de São Paulo em 1932?

— NO GINÁSIO SALESIANO S. JOAQUIM, DE LORENA, EST. DE SÃO PAULO, CURSANDO A 4ª SÉRIE, ALIÁS, MAL FEITA.

6 Acha que na massa eleitoral que o elegeu, preponderou o voto dos milhares de adventícios que se radicam em São Paulo?

— NÃO. — OS PRÓPRIOS ADVERSÁRIOS COMPREENDERAM SER UMA ESTUPIDEZ OUSAR ALGUÉM QUE FÔRA VEREADOR DE SÃO PAULO, DEPUTADO DE SÃO PAULO E ERA PREFEITO DA CAPITAL, O TER NASCIDO EM OUTRO ESTADO.



O SORRISO E O OLHAR
(Foi difícil convencer o homem!)

7 A vida paulista poderá voltar ao regime clássico de crédito?

— NÃO ENTENDI A PERGUNTA.

8 Que pensa da industrialização que se está operando no Brasil?

— CUMPRE DAR-LHE BASES MAIS SEGURAS COM NOVOS MERCADOS, MAQUINARIA MODERNA, MATÉRIAS-PRIMAS ABUNDANTES, CRÉDITO E TRANSPORTES.

9 Entende que a Constituição deve ser reformada? (Parlamentarismo ou Presidencialismo)?

— NÃO. CUIDADO COM ISSO. ACHO, SIM, QUE DEVE SER CUMPRIDA.

10 Prefere, em tese, para a Presidência da República, civil ou militar?

— QUAIS OS DOIS HOMENS PARA O CONFRONTO? CONHEÇO MILITARES COM A MENTALIDADE DOS MELHORES CIVIS, E CIVIS COM A MENTALIDADE DOS PIORES PRUSSIANOS.





Enquanto os repórteres o esperavam na 1ª, êle entrava, de mansinho, pela outra escada e recebia cumprimentos dos crentes.

Recado de Jânio Quadros a certos oportunistas profissionais:

# "É favor não me procurarem que não os mandarei chamar"


Dona Eloá e Dirce Maria são a guarda pessoal pe Papai.

AO sair de São Paulo, Jânio Quadros aborreceu-se com as manchetes de um vespertino que anunciou estar a sua bagagem constituída de malas e valises, às dezenas, abarrotadas do melhor guarda-roupa, dêle, da espôsa e da filha. Adiantava que entre a papelada de estudo e planejamento do futuro govêrno, levaria o homem da vassoura uma pilha de revistas infantis de quadrinhos. Êsse episódio foi largamente comentado e provocou um desabafo em regra de Jânio, mais irritado ainda quando lhe apresentaram um microfone para dar suas impressões e através do qual se destemperou. Resultado: o pelotão de repórteres que de Santos viera ao Rio, no «Comte Grande», perdeu tempo e o dinheiro da passagem, recebeu devolvidos em branco os questionários que fizera chegar às mãos do ilustre passageiro e, quando muito, noticiou o «estrilo». Na manhã do embarque no Rio, frustradas novas tentativas dos confrades, um dêles apressava-se em usar o telefone para me prevenir contra o infalível malôgro da viagem projetada. Mas a passagem estava no bôlso e a resolução de tentar a entrevista era igual à do viajante em não a conceder.

★

Entrei no «Comte Grande» de roldão com os colegas do Rio, como se ali fôsse para sair daí a instantes. Por precaução, a valise — que o carregador levara momentos antes — já estava no camarote e a Rolleiflex escondida dentro dela. Mas quando o último sinal para debandada dos visitantes foi dado, a bordo, precisei disfarçar e sumir da circulação. É que alguns confrades, desiludidos de abordar o homem, insistiam que os acompanhasse, de saída...

Burlando a vigilância dos rapazes, já então Jânio estava a bordo, tendo entrado pela escada de «terceira». Mesmo assim foi descoberto e não pôde furtar-se à investida dos «flashs», enquanto trocava os últimos abraços com os amigos, correligionários e a família que não o acompanhava — pai e mãe. Em pura perda Carlos Rizzini tentava ainda uma explicação com o governador, ao menos para se desculpar da manchete desastrada do órgão associado paulista, já que a entrevista pela TV fôra cancelada. Jânio limitava-se a ouvir, de olhos cravados no chão, a deixar que na sua pessoa incidissem as lâmpadas e a retribuir os abraços. Por fim a turma desertou, postando-se no cais, de nariz espetado no ar, à espera de algum imprevisto. Dona Eloá e a filha debruçavam-se no


A família entrou primeiro. Jânio apareceu à hora marcada para a partida, acenando sem olhar para os seus admiradores.



**Reunião em família, no «Comte Grande», depois do café: Papai conta uma história para Dirce Maria que é tôda ouvidos. Também assistem dona Eloá e o casal Paulo de Abreu.**

«deck» superior, despediam-se dos que ficavam, e a seu lado o casal Olavo de Castro Fontoura fazia-lhes companhia. Jânio, êsse desaparecera. Só quando a escada foi suspensa e não corria mais o risco de uma abordagem impertinente, fêz ato de presença, já amável, outro homem, tranqüilo, a mostrar o seu primeiro sorriso e a retribuir as saudações dos amigos de terra. Porfírio da Paz acena com o chapéu, faz menção de jogá-lo para bordo, mas Jânio, bem humorado, mostra-lhe o chapéu que traz na mão e responde:

— Obrigado, tenho um... E o meu é novo, está vendo?

Depois recomenda a alguém, de terra, que seus pais voltem para casa sem demora. O pai faz cara feia e a seu lado uma senhora simpática, a mãe de Jânio, manda-lhe um último sorriso de até a volta. No «deck», a orquestra desafina o «Mamãe eu quero», as sirenes atordoam, o alto-falante reclama a presença de um retardatário e o navio começa a afastar-se do cais.

São precisamente dezessete horas. O «Comte Grande» está zarpando com o atraso de uma hora, atraso que não correu por conta do futuro governador bandeirante; êle embarcou às dezesseis em ponto. Os amigos e correligionários retiraram-se quando, pouco antes, se espalhou que êsse atraso iria até mais tarde. Os repórteres deram-se por vencidos. Um maravilhoso cair de tarde, um sol crepuscular, lenços que acenam de terra e de bordo — enquanto o vencedor de Ademar no grande páreo dos Campos Elísios inicia a sua viagem de repouso (será mesmo?) à Europa. Agora êle vai mostrando à filha, menina de dez anos, os pormenores da paisagem maravilhosa. Seus olhos faíscam e traduzem uma satisfação íntima e um desejo de paz, fixando-se em cenários novos, por essas terras além. De si para consigo, Jânio deve exultar, feliz, livre e desembaraçado da impertinência dos jornalistas.

Mas não é tão fácil, como pensa, livrar-se dêles. Pelo menos um vai acompanhá-lo até o último pôrto de escala no Brasil — e Jânio nem sabe o que o espera.

★

Enfim, o homem está por minha conta e ficará no meu campo de observação por espaço de três dias. Mas das dezesseis horas de têrça às onze da manhã seguinte, limito-me às primeiras sondagens sem que êle suspeite da existência do «inimigo» que lhe vigia os passos, lhe acompanha os mínimos gestos, lhe estuda as contrações fisionômicas e — por que esconder? — procura ouvir indiscretamente o que êle fala, pecado de que a profissão o absolve certamente. Se um homem público pode ser estudado psicològicamente a essa pequena distância, então Jânio Quadros o foi: à distância bastante para recolher o primeiro material de análise, pois se souber da minha presença, deixará de ser o viajante despreocupado que ali está ao meu alcance visual e auditivo. Encerra certo quê de aguçado mistério a função que me cabe desempenhar: tenho para mim o político brasileiro, direi melhor, da América do Sul, para quem convergem as atenções inteiras do país e muitas do Continente, senão do mundo. Dizem que poderá ser o sucessor de Café Filho embora insista em desmentir suas intenções nesse sentido. Até sete anos passados era um anônimo professor ginasial — e vem de triunfar na mais renhida campanha sôbre Ademar, o candidato dos milhões, com a sua vassoura simbólica. Visto de perto, na rotina de bordo, é um passageiro como qualquer outro, sem poses estudadas nem atitudes demagógicas, um homem magro, de olhar distante, que veste roupas modestas — mas não o homem sujo de que tanto falam.

Quando o navio partiu, houve uma sessão de cinema com a «Dama das Camélias» que êle não foi assistir. Meteu-se no seu camarote depois de vencido o Pão de Açúcar e foi, talvez, arrumar a bagagem que na realidade se compõe de três ou quatro malas. O camarote é comum, nêle está o casal, dormindo a filha em outro, com a filha do casal Olavo Fontoura.

À hora do aperitivo, Jânio apareceu na sala, e ouviu mais do que falou e bebericou um refresco. Quando o gongo chamou para o jantar, entrou no salão com a espôsa e a filha, sem que nenhum dêles mudasse de roupa. A mesa é ocupada por oito pessoas: o casal Quadros e a filha, o casal Fontoura e a filha e o casal Paulo de Abreu. Claro que a minha mesa é situada na vizinhança, em ponto estratégico. Pois que melhor ensejo para estudar o homem, senão durante o repasto, quando mais e melhor se revelam as nossas afinidades e os nossos temperamentos enquanto mastiga?

Reparo que Jânio Quadros fuma bastante, entre um prato e outro, come com apetite e ao pedir um Chianti, teve alguma dificuldade em ser entendido pelo garção italiano. A conversa é mais trivial que o «menu», interrompida pelas perguntas infantis e curiosas de Dirce Maria, respondidas pacientemente pelo pai. Em dado momento, Jânio conta uma história à filha, que o escuta atentamente; pelo correr da viagem reparo que êsse é um hábito de Jânio, mas quase sempre as histórias encerram uma lição de moral ou tem seu fundo cultural. Exemplo: as viagens de Júlio Verne que deixam a menina alvoroçada e terminando por pedir ao pai, sem demora, um livro de aventuras.

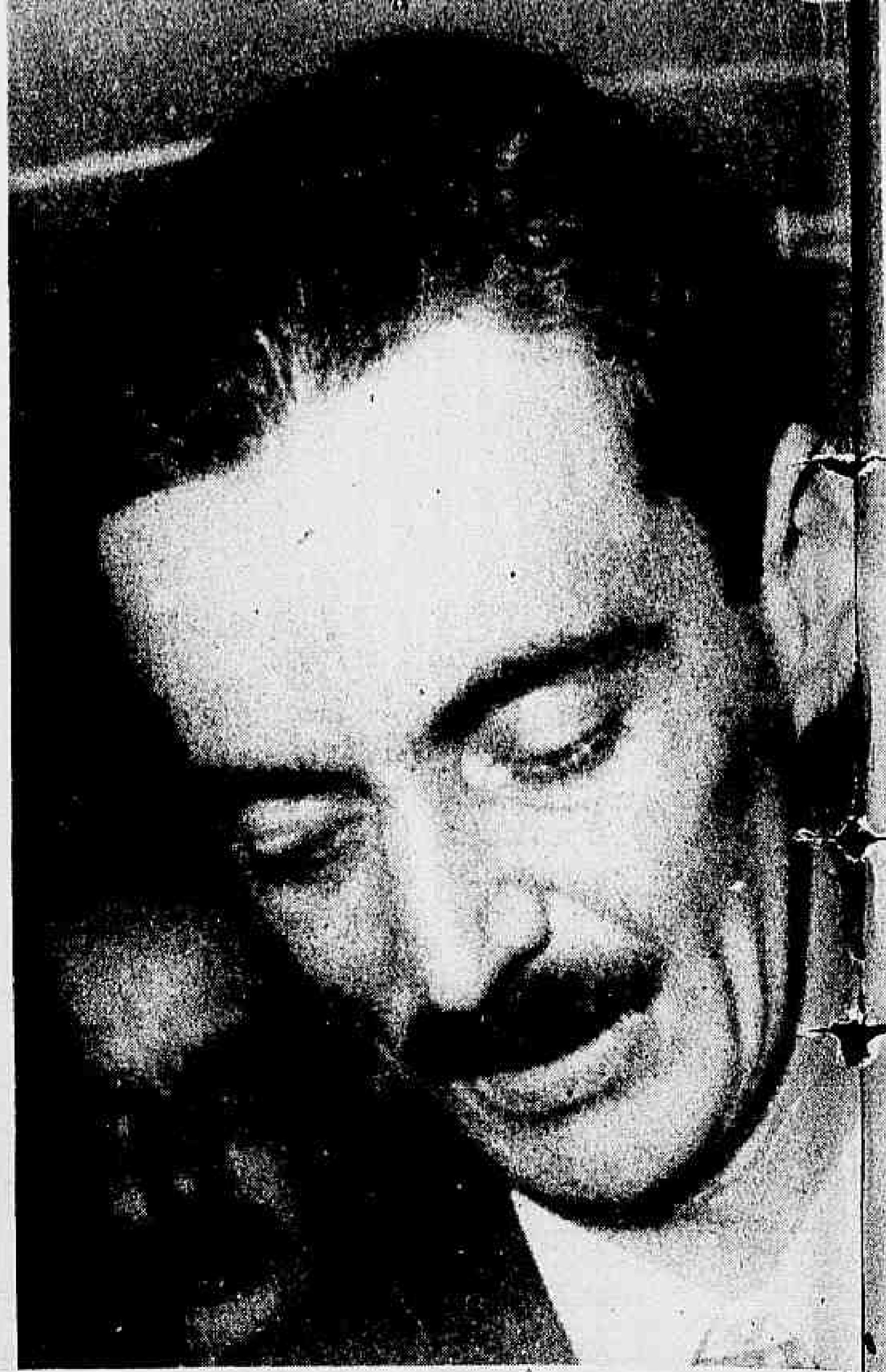
Depois do jantar, reúne-se a família em tôrno de uma pequena mesa sôbre a qual foi disposto um tabuleiro de lôto ou jôgo parecido, na sala de música. Enquanto o conjunto de bordo vai executando melodias internacionais, Jânio, a mulher, a filha e os compa-



**JÂNIO**
Ignora que um repórter o acompanha.



**ENTREVISTA ?**
E a fisionomia altera-se imediatamente.



**AFINAL...**
A entrevista é concedida e a cara melhorou.

nheiros debruçam-se sôbre as figuras do tabuleiro. E passa das vinte e três horas quando o grupo se desfaz, rumando para os camarotes. Jânio passa a meu lado, retribuindo cumprimentos com a cabeça sempre voltada para o chão.

Não deixou de ser enternecedor aquêle quadro familiar e ninguém diria que ali estivesse, anônimo, o governador eleito do maior Estado brasileiro. Perfeitamente calmo, humano, alheio ao mundo e à política (o que estariam falando a seu respeito de ponta a ponta do Brasil!), Jânio ia mudando as figurinhas do tabuleiro sem nada daquele homem nervoso que fôra o grande assunto do dia. Os óculos de grossos aros cavalgavam-lhe o nariz magro e as mãos apertavam-se uma na outra quando não tinham de movimentar o jôgo. O dorso recurvava-se, a gola do jaquetão brigava com o colarinho e dir-se-ia que ali estivesse apenas o chefe da mais desinteressante família provinciana.

Leva o «Comte Grande» escasso número de passageiros mas nem êsses, nem a tripulação, parecem preocupar-se com a personalidade que me levou a empreender esta viagem.

Depois de recolhidas as famílias, Jânio e Olavo Fontoura vão ainda beber o último «drink» no bar noturno. O que podem ter conversado, então, a brisa do mar levou.



E a primeira noite de bordo ajudou Jânio Quadros a refazer-se. Na manhã seguinte, aparecia de barba irrepreensìvelmente feita, cabelos penteados e o rosto descansado, de epiderme quase rosada, a fazer o seu primeiro giro, tombadilho a fora, sempre acompanhado da filha. Depois foi vê-la banhar-se na piscina. É quando vejo o momento da grande investida, mas a ocasião propícia — Jânio inteiramente a sós — não se oferece. Sempre o acompanham pessoas de família e os amigos, razão porque decido falar-lhe naquele momento em que o vejo sentado à sombra, apreciando de longe os mergulhos da garôta, embora esteja a seu lado o industrial Fontoura. Acerco-me e dirijo-lhe um cumprimento retribuído com um sorriso de homem amável e educado. Quase sinto remorsos... Peço-lhe dois minutos de atenção e êle acede, apontando-me a cadeira vizinha. Mas quando lhe digo quem sou, tudo se modifica, e o sorriso de homem amável e educado sumiu. A fisionomia até então serena cedeu vez à carranca fechada do homem enfezado què tanto os jornais mostraram na véspera. Seu olhar desviou-se do meu e, na sua atitude característica, fixa-se no chão. As mãos juntaram-se sob o queixo enquanto as palavras fatais vão saindo, metálicas e sibilantes:

— Sinto muito dizer-lhe que a sua viagem será inútil. Resolvi não conceder entrevista de nenhuma espécie e, em que peze a minha consideração pelo senhor, não modificarei essa decisão. Peço que me desculpe, nem veja na minha atitude qualquer desconsideração pessoal — mas a minha resposta é apenas uma: Não.

Evidentemente outra não poderia esperar e já contava com ela. Ali estava a primeira derrota — derrota parcial, no entanto. Lancei mão dos argumentos de reserva, pré-ajustados, e por espaço de quinze minutos angustiosos, usei da palavra. Um quarto de hora silencioso por parte de Jânio Quadros, imóvel qual estátua, enquanto Olavo Fontoura assistia — o que estaria pensando? — os apuros de um repórter tentando convencer o político fechado em copas, e dar-lhe a esmola de uma entrevista...

Não pergunte o leitor, nem queira saber o que disse êste repórter ao governador eleito de São Paulo. Saiba, apenas, que todos os cartuchos foram queimados, e quando esgotei a munição, quedei-me silencioso também, à espera do julgamento. O que sairia, afinal, daqueles lábios enigmáticos?

Pois saiu o inesperado. E horas mais tarde, depositava nas mãos nervosas de Jânio Quadros as perguntas de um questionário que êle guardou no bôlso do casaco côr de pinhão, comprado feito — prometendo estudá-las.

Quanto a serem respondidas...



Nessa noite o comandante do «Comte Grande» ofereceu a tradicional recepção aos passageiros. Hora marcada — dezenove e quinze minutos. Passava das vinte quando Jânio Quadros apareceu com a família, decepcionando a bisbilhotice geral: o convite impresso recomendava traje a rigor, mas o nosso homem não se deu por achado e apareceu democràticamente metido no mesmo jaquetão prêto com que embarcara na véspera. Só a gravata — a mesma que de Santos ao Recife apareceu nas fotografias — era substituída por outra de lacinho prêto. Motivo da demora, a dar crédito à indiscrição de uma passageira amiga — dona Eloá tivera de mudar o vestido escolhido, a conselho do marido.

E a recepção transcorreu em ambiente amável, enquanto Jânio felicitava o comandante pelo confôrto do seu barco e impedia que a filha bebesse o aperitivo com álcool, trocando-o por um inofensivo refrigerante.

Houve baile nessa noite, mas o casal dêle não participou. Consentiu, porém, que a filha comparecesse com a família Fontoura, e quando o chefe de orquestra improvisou um concurso de dança com prêmio — uma garrafa de «champagne» — ao par que resistisse às eliminatórias até o minuto final, acreditem ou não, os vitoriosos foram — a menina Dirce Maria Quadros e êste repórter... A prova consistia em não ficar com um espanador envolto em serpentinas, nas mãos, sempre que a orquestra parasse, de súbito. Em meio às danças, Dirce saiu-se com esta:

— O senhor não acha que seria mais próprio uma vassoura, em vez do espanador?

E no momento do brinde, uma taça do «champagne» foi levada pela filha de Jânio Quadros, ao camarote onde os pais já estavam recolhidos.

Decididamente a sorte sorria para o meu lado. Mas — e as respostas ao questionário, viriam mesmo?



Só me foram entregues na véspera da chegada ao Recife, quando as risonhas esperanças da véspera começavam a dissipar-se. Suspeita infundada, pois Jânio Quadros acabou não respondendo, apenas, ao que lhe perguntei por escrito, mas estendeu-se por outras considerações e através de assuntos gerais que nunca esperava fôssem por êle ventilados.

Quando, na madrugada seguinte, o «Comte Grande» atracava ao cais da capital pernambucana, e era tomado de assalto pelos confrades — um repórter carioca dava-se por satisfeito e agradecia ao santo protetor dos jornalistas os seus bons ofícios.



Pouco depois, na mesa ao lado, dava-se o encontro dos governadores — o eleito de São Paulo e o de Pernambuco. Apresentação sumária, que não chegou a interromper a primeira refeição de Jânio Quadros. Fazendo-lhe companhia, o sr. Etelvino Lins procurava saber detalhes da viagem e, à falta de maior eloqüência, estranhava que o seu ilustre hóspede (por algumas horas) tomasse o café-com-leite sem pão nem manteiga...

Veio em seguida a conferência secreta — uma hora e quarenta minutos — e o comunicado à Imprensa: Pernambuco e São Paulo marcharão, unidos, para a escolha do candidato ideal à Presidência da República. Mas o comunicado não deixava entrever maior compromisso de parte a parte — e tôda a gente ambiciona por um candidato ideal, à sua feição...

Os repórteres deram-se por satisfeitos. À tarde, os vespertinos do Recife noticiavam em têrmos fidalgos a passagem de Jânio pela sua cidade e às onze em ponto o «Comte Grande» retomava o seu giro para Las Palmas, levando a bordo — agora sim, livre e desembaraçado de qualquer impertinência jornalística — o homem que derrotou Ademar de Barros.

No seu rápido passeio, elogiou a Praia da Boa Viagem, provou a água de côco — e dobrou, genuflexo, o joelho, em uma prece contrita, na igrejinha de Guararapes.



Não mentirei dizendo que também o repórter agradeceu à Providência o êxito da sua missão. A entrevista estava feita, o homem que não falava a ninguém, abriu-se para a REVISTA DA SEMANA — e outros pormenores dessas setenta e duas horas com o político em maior evidência que, visto de perto, deixou de ser a Esfinge, ficarão para a próxima. Há muito ainda a dizer.

REVISTA DA SEMANA

ANO 54 — Nº 46 ★ RIO DE JANEIRO ★ 13/11/54

SUMÁRIO

REPORTAGENS
3 dias com Jânio Quadros .......... 3/8
Os novos pássaros da Gaiola de Ouro 12/15
Ping-Pong com Nereu Ramos........ 20/21
Panorama político do Nordeste...... 40/41
Em pé de guerra a Taba dos Bariris 46/47
Crepúsculo de Gloria Swanson..... 48/49
O caso (do petróleo) é o seguinte... 52/56
LITERATURA
Vulcão em Sepetiba (Adalgisa Nery) 9
Oswald de Andrade .............. 22/23
A prova (conto) .................. 26/27
Maria (romance) .................. 32/33
Literária (A.P.) .................. 51
SEÇÕES
Puxe pelo cérebro .................. 10
Champanhota ...................... 11
Palavras Cruzadas .................. 14
Astrologia ........................ 15
Show .............................. 16
Flash Paulista ..................... 18
Cinema ............................ 24
Modas ............................ 28/29
Femininas ......................... 34/35
Por êsse mundo de Deus........... 36/37
Música ............................ 43
Flash Carioca ...................... 49
Último Flash ...................... 58
HUMORISMO
O riso dos outros ................. 19
Cinema Moderno ................. 30/31
Cuco .............................. 59

Capa:
JULIA ADAMS
(Universal-Intern.)

Redator Chefe......................Celestino Silveira
Paginação..........................Victor Tapajós

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor ............................Gratuliano Brito
Desenho............................Alberto Lima
Assistente de Publicidade.........J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores..S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES
Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires: Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

| | |
|---|---|
| Porte simples — Um ano......... | Cr$ 250,00 |
| Seis meses...................... | Cr$ 125,00 |
| Registrada — Um ano........... | Cr$ 280,00 |
| Seis meses...................... | Cr$ 140,00 |

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

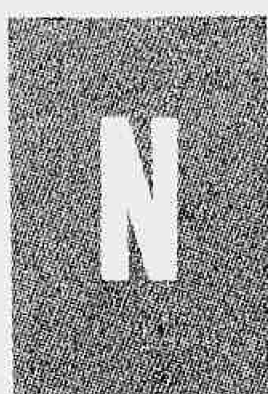
| | |
|---|---|
| Registrada — Um ano........... | Cr$ 400,00 |
| Seis meses...................... | Cr$ 200,00 |

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número tem 60 páginas.

# VULCÃO EM SEPETIBA



NÃO é por nada. Até que eu não gosto de dar notícias desagradáveis mas acontece que devo prevenir aos incautos e plácidos habitantes do Distrito Federal que um novo perigo ronda êste solo que no dizer do nosso ilustre hóspede português, deve ser beijado como a face de uma mulher.

Não estou imaginando nem me foi contado. Foi notícia ouvida e tinha expressões de gravidade. Abri o rádio e surgiu uma voz anunciando que após a reunião de conceituados geólogos nacionais, havia sido afastada a hipótese do aparecimento de um vulcão em Sepetiba. Mas quem foi que falou em vulcão? Sabiam vocês que perto, muito perto dos nossos pés havia essa coisa? Sabemos que outros vulcões vivem em erupção constante ameaçando as nossas pobres vidas mas êsses, já não nos assustam. São brabos, mas com uma anedota, um samba de breque ou um Fa-Flu contornamos bem humorados as suas crateras e fugimos às suas lavas devastadoras. Mas êsse, o próprio, em carne e osso, êsse de Sepetiba rompendo o solo com calores estranhos, roncos furiosos e derramando fogo sôbre os pacatos residentes sepetibenses, êsse não estava na lista das coisas previstas.

Fiquei atemorizada e lembrei-me da história do Paracutin, no México. Numa cidade do interior, de muita altitude onde o frio e o vento constantes faziam gelar os pobres mexicanos no lugar, havia um lavrador com mulher e filhos que afrontavam as noites de temperatura baixíssima de janelas abertas, peitos nus, livres de todo o agasalho e até viviam de «abanico» em punho amenizando os seus calores. Um grande mistério cercava aquela família e pensavam que uma enfermidade desconhecida dos cientistas, aparecera naquela gente. Tudo gelado, a população tiritando sob ponchos reforçados, aquecendo com tequilla o sangue e o nosso camponês com a família inteira suando esbaforidos.

Um dia lavrando o seu terreno avistou entre os pés de milho, uma fumacinha tênue levantando-se para o ar. Chamou os vizinhos e contou a sua descoberta. Foram todos inspecionar o campo do lavrador e realmente naquele pedaço de terra, o chão era aquecido demais e lá entre o milharal estava a fumacinha com volteios de bailarina. Inesperadamente um ronco estremeceu os circunstantes e a fumacinha cresceu e aumentou como um repucho imenso. Apavorados correram todos montanha abaixo trazendo as suas guitarras e a tequilla e de longe viram o nascimento do vulcãozinho Paracutin. Meses depois já adolescente o Paracutin com a sua juventude indômita preocupava as autoridades e espalhava brasas e rompia o céu com estrondos e claridades.

Naquela parte do México, também um grupo seleto de geólogos havia afirmado que o terreno estava isento dessa surprêsa desagradável.

Não creio que o nosso solo seja tão temperamental e nos brinde com uma irritação dêsse gênero mas o que me faz espécie é que nada foi perguntado nem suspeitado sôbre vulcões em Sepetiba nem em outro pedaço do nosso solo salve, salve, mas essa coisa do locutor desmentir um fenômeno que não estava incluído nas nossas agruras, dá o que pensar. Nesse país do futuro tudo pode acontecer, até mesmo um vulcão marinho. Para manter um regular equilíbrio de pensamento, vivo hoje na base do absurdo. E' bom lembrar que o absurdo implica o falso, mas o falso não implica sempre o absurdo.

Vamos desconfiar da quentura do solo de Sepetiba e não é bom ficarmos displicentes vendo fumacinhas esporádicas porque no Brasil quando aparece um desmentido sem haver ainda a notificação da mentira, alguma coisa aconteceu ou vai acontecer. Vocês não vêm quando as autoridades desmentem que o leite não vai subir, sem ninguém cogitar disso? Dias depois as mesmas autoridades aumentam o preço da nossa água branca como se nunca tivessem tocado no assunto.

Vamos ficar de sentinela para o fenômeno porque apesar dos técnicos afirmarem que não há nada, eu não vejo com bons olhos êsse desmentido sem cabimento.

ADALGISA NERY

# COMO OBTER PUBLICIDADE GRÁTIS

**nas colunas noticiosas dos jornais**

Leia êste primeiro grande estudo de caráter prático sôbre «free publicity» e Relações Públicas, publicado pela primeira vez em língua portuguêsa no

## ANUÁRIO BRASILEIRO DE IMPRENSA (1954)

que contém ainda

**Relação completa e atualizada dos Jornais e das revistas existentes no Brasil.**

— O QUE FAZEM OS AMERICANOS PARA PROMOVER A CIRCULAÇÃO DE SEUS JORNAIS (Idéias e métodos para um jornal aumentar sua tiragem).

— O INTERÊSSE DAS ILUSTRAÇÕES COMO FATOR DE IMPACTO PUBLICITÁRIO (Descobertas das pesquisas motivacionais sôbre os temas de ilustração que apresentam mais interêsse para os homens, para as mulheres e para os dois sexos simultâneamente. Relação de temas de elevado e de baixo interêsse para cada caso).

— PARA QUE UM «HOUSE ORGAN» OU PUBLICAÇÃO DE UMA FIRMA SE TORNE INTERESSANTE (As famosas 15 regras de Kenilwort H. Mathus).

— PANORAMA DA IMPRENSA BRASILEIRA EM 1954 (A posição política dos jornais, o aumento da publicidade e da circulação).

— ESTILO SOB MEDIDA PARA JORNALISTAS E «COPYRWITERS» (Um técnico brasileiro adapta ao português as teorias de Rudolf F. Flesh, que revolucionou a técnica da redação em inglês).

— PAGINA PAR OU IMPAR? (A resposta definitiva ao controvertido problema da colocação de anúncios através da condensação do livro de D. B. Lucas e Sewart Henderson Britt, «Psycology and Research»).

Centenas de notas, comentários, notícias, leis e decretos sôbre a imprensa, biografias, informações variadas sôbre tudo que diz respeito à imprensa e à publicidade.

## ANUÁRIO BRASILEIRO DE IMPRENSA (Edição da Revista PN)

A venda na Redação (Av. Rio Branco, 117 - 3º and. - s/323 — Tel. 52-4499 — Rio ou Largo Paissandu, 51 - 17º and. - s/1701 — Tel. 36-1062 — São Paulo) ou pelo Reembôlso Postal — Preço Cr$ 100,00 (mais Cr$ 10,00 pelo Reembôlso). Número limitado de exemplares à venda.

Corte o cupon abaixo para pedir seu exemplar pelo Reembôlso.

A EMPRÊSA JORNALÍSTICA PN S. A. à Av. Rio Branco, 117 - 3º and. - s/323 — Rio de Janeiro. Peço enviar-me pelo preço de Cr$ 100,00 mais despesas postais, o ANUÁRIO BRASILEIRO DE IMPRENSA (1954).

Nome: ..........................................................

Endêrço ..........................................................

Cidade: .............................. Estado: ..........................


# Puxe pelo cérebro

## NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Qual a ave que os caçadores da Idade Média, não dispondo de armas de fogo, utilizavam para abater as prêsas:
— **A águia?**
— **O falcão?**
— **O condor?**

2—Qual o compositor que trazia sempre o cabelo amarrado atrás com uma fita de côr:
— **Beethoven?**
— **Bach?**
— **Mozart?**

3—Qual o jornal mais antigo da América Latina:
— **Gazeta do Rio de Janeiro?**
— **Dom Casmurro?**
— **Diário de Pernambuco?**

4—De que filósofo é esta frace: «Como é bom voltar para casa!
— **Santayanna?**
— **Sócrates?**
— **William James?**

5—Qual o escritor (famosíssimo) que não escrevia sem primeiro vestir um hábito de frade:
— **Balzac?**
— **Victor Hugo?**
— **Cervantes?**

6—Qual a espécie de palmeira que tem invariàvelmente oito palmas em cada cinta que lhe circunda a haste:
— **O coqueiro?**
— **A carnaúba?**
— **O babassu?**

7—Qual o animal (da Tunísia) que morria antes do tempo, pelo fato de comer os próprios pés:
— **Catoblepas?**
— **Tapir?**
— **Dinosauro?**

8—Qual a cidade do norte do Brasil onde existe um monumento assinalando o marco zero do mundo:
— **Manaus?**
— **Itacoatiara?**
— **Macapá?**

9—Qual o poeta que, ao expirar, disse: «Que fatalidade, meu pai!»:
**Alvares de Azevedo?**
**Moacir Teixeira?**
**Vespaziano Ramos?**

10—Qual a ave nordestina, cujo cheiro é o bastante para afugentar qualquer colmeia de abelhas venenosas:
**Assum prêto?**
**Xexéu?**
**Papa-arroz?**

11—Quantos pratos diferentes se pode fazer com a tartaruga do amazonas:
**19?**
**4?**
**56?**

12—Qual dos seguintes sábios é considerado «O pai da História»:
**Tales de Mileto?**
**Aristóteles?**
**Herodoto?**

13—Qual o primeiro homem que descobriu que um fôrro sôbre a cabeça fazia diminuir (em sensibilidade) o pêso do volume?
**Adão?**
**Moisés?**
**Protágoras?**

14—Em que cidade do mundo está o túmulo de Julieta, personagem real do romance de Shakespeare:
**Florença?**
**Verona?**
**Oxford?**

15—Em que data do ano o povo inglês «comemora» a traição de Judas:
**5 de março?**
**7 de outubro?**
**5 de novembro?**

**CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.**

**RESPOSTAS:** 1) O falcão; 2) Mozart; 3) Diário de Pernambuco; 4) William James; 5) Balzac; 6) A carnaúba; 7) Catoblepas; 8) Macapá; 9) Alvares de Azevedo; 10) Xexéu; 11) Dezenove; 12) Herodoto; 13) Protágoras; 14) Verona; 15) 5 de novembro, em repúdio ao terrorista Faukes.


# WINDSOR HOTEL




RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Endêrêço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

## BÉL-HORMON

**A BELEZA DOS SEIOS**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.




**Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.**

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......
NOME ..............................
RUA ...................... Nº. .....
CIDADE ..............................
ESTADO ..............................

**Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00**

# NOSSA CIDADE ESTRÉIA
# O REI SE CONSOLA

PETER

● **No dia 4 de novembro, no Botafogo, foi instalado o Bazar de Natal, com o já tradicional Chá das Côres. O bazar reuniu lindos presentes para Natal e tôda renda apurada reverteu em benefício das Obras Sociais Dominicanas. A Comissão de Honra foi constituída pelas sras. embaixador Antônio Faria, ministro Raul Fernandes, prefeito Alim Pedro e general Juarez Távora. Diversas senhoras da nossa Sociedade fizeram parte da comissão organizadora que ficou muito feliz com os resultados obtidos. O estrêla solitária está de parabéns pela medida filantrópica que acaba de tomar.**

**PAULISTAS GANHARAM**

Os paulistas ganharam os cariocas no jôgo de pólo, quinta-feira. Dizem que o sr. Daniel Klabin (que não jogou) ficou muito triste com o resultado.

**CONDECORAÇÕES**

Na Embaixada da Nicarágua, teve lugar a entrega de condecorações, pelo embaixador Sanson Balladares, em nome do seu país, aos senhores Gilberto Chateaubriand, Artur Portela e Antônio Carlos de Abreu. Parabéns a todos e um abraço especial ao meu amigo Gilberto Chateaubriand.

**«MISS ELEGANTE BANGU»**

Fomos informados de que a srta. Sônia Carneiro levará para a Europa, como acompanhante, a costureira (Elisa) que fêz o vestido com o qual desfilou no Caiçaras, no dia em que foi escolhida para representar aquêle clube.

**SILVEIRA CONVIDA**

O sr. Silveira Sampaio convidou a sra. Vera Nascimento Silva para trabalhar com êle. Não sabemos se a senhora aceitou ou não.

**MAIS UM CAVALO, NA PISTA**

A sra. Nenen Barrouquel adquiriu, em São Paulo, num leilão público, um belíssimo cavalo de nome «Cognac», de propriedade do sr. Roberto Seabra. O animal, que custou 200 mil cruzeiros, deverá correr, brevemente, na Gávea.

**«GLAMOUR-GIRL»**

Segundo fomos informados, além das srtas. Ilde Garavaglia, Eloísa Dolabella, Joy Pessoa, Nono Sêves, Baby Médicis, foi ontem convidada também para patronesse da festa da «Glamour», a srta. Regina Sampaio Dória. Ainda no fim dêste mês deverá se dar a primeira reunião das patronesses para discutir detalhes e providências a serem tomadas.

**BATIZADO DA NETINHA**

No sábado à noite, trabalhando, o sr. Arnaldo Vieira arranjou um jeitinho de levantar um formidável brinde à sua netinha, Agar Estelita que fazia um aniversário e era batizada com tôdas as normas.

**ANIVERSARIOU COM CHAMPANHOTA**

Terminou tarde o jantar em que se comemorava, com muita champanhota, o aniversário do sr. Cícero da Silva Prado. Pessoas que foram abraçá-lo de passagem, acabaram ficando até quase o dia amanhecer.

**UMA DAS 10 MAIS ELEGANTES DO MUNDO**

A sra. Louie Arpels há dez anos figura na lista das 10 mais elegantes da lista mundial. Agora, chega-nos a notícia de que seu marido está se divorciando, para casar-se com Julliette Larsen.

**VOLTA AO BRASIL**

A srta. Jane Mary Hime, filha do casal Cecil Hime, há mais de um ano que não vem ao Brasil, pois está estudando na Suíça. A senhorita em questão está sendo esperada para a primeira semana de novembro.

**ESPERA-SE**

O sr. Vitório Romanelli está na Europa fazendo uma viagem de negócios, segundo fomos informados. E tanto isto é verdade que vimos uma foto do rapaz em questão examinando uma das máquinas, num belo parque de Milão. O nome da máquina é Flavia Sullivani e estêve no Festival Internacional de Cinema, em São Paulo, quando se conheceram. Quando êste número estiver nas bancas, o sr. Romanelli já deverá estar no Rio de Janeiro.

**«NOSSA CIDADE»**

Sem dúvida, o mais importante acontecimento artístico da semana foi a estréia de «Nossa Cidade», original de Thorton Wilder, traduzido por Elsie Lessa. Para assistir ao espetáculo, compareceram os casais Cândido Guinle de Paula Machado, Nelson Libornio, sr. Heitor Grilo, sra. Cecília Meirelles, sra. Logan, diretor Adolfo Celi, atriz Luísa Barreto Leite, escritor Aníbal Machado (Maria Clara teve uma grande noite), romancista Ivan Pedro Martins e a jornalista Eneida. Sem dúvida, o «Tablado» fêz o «goal» da semana.



A marquesa de Valparaíso é brasileira.

● **A srta. Maria Teresa Corrêa do Lago foi uma das muitas moças do nosso «Café Society». Carioca, ia à praia nas manhãs quentes e fazia seu descanso anual em Petrópolis. São Paulo, também, de vez em quando e só não jogava «biriba» porque êste é jôgo muito novo. Certo dia, resolveu atravessar o Atlântico e foi parar junto ao seu tio, ministro Vasco Leitão da Cunha, então embaixador de nosso país junto ao govêrno da Espanha. Foi de passagem. Conheceu o Marquês de Valparaíso que ficou entusiasmado com a brasileira morena e esguia. Resultado: namoraram, noivaram e casaram-se na Embaixada do Brasil.**

**Quando recentemente estêve aqui, a fim de assistir ao casamento de sua irmã, a Marquesa de Valpasaiso foi entrevistada pela revista «Rio Magazine». Nesta ocasião, declarou, entre outras coisas, que na Espanha, mandam os homens e aqui, as mulheres. Disse ainda da maneira «tão carinhosa» que os espanhóis a tratam. Fixou residência na peninsula e já lá se encontra há sete anos.**

**Fui apresentado à Marquesa de Valparaíso quando assistia a «Nós, os Gatos». Ela estava em companhia de sua belíssima prima, a Baronesa de Wrede, tendo respondido de improviso e de maneira muito viva a tôdas perguntas que lhe foram feitas. Dêste momento nasceu a vontade de fixar neste canto de página a figura desta brasileirinha que saiu de seu país e ocupa uma posição privilegiada e feliz na sociedade da Espanha.**



As sras. Alik Kostakis e Lúcia Alves Lima conversam, durante a recepção em casa da sra. Hyd4e Lee.

**O MILIONARIO SE DIVERTE**

No momento em que escrevo esta coluna, encontra-se no Rio o senhor Henrique Cunha Bueno que veio de São Paulo acompanhado de belíssima jovem. Mas, acontece que a citada é ciumentíssima e não o deixa sair nem para tomar ar. Só saem juntos.

**NO MOSTEIRO DE SAO BENTO**

Para o dia 27 de novembro, às 17,45 horas, a sra. Arlette Rebello Batista e sr. Alonso Soares Dutra e senhora convidam para a cerimônia religiosa do casamento de seus filhos, Maria Riza e Sérgio. Os muitos amigos deverão comparecer em massa para os abraços, no Mosteiro de São Bento.

**«CLUBE DO CINEMA»**

Agora, sob a presidência de seu ativíssimo presidente, sr. Lourenço Tinoco, o «Clube do Cinema», não só está animando suas atividades sociais, como ainda fará passeios, bingos (tôda 5ª-feira) e, depois do dia 15 de novembro, o clube pretende iniciar um concurso para eleição de «Miss Cinema», com direito de viajar para Hollywood e estrear num filme nacional.

**CONSÔLO DE REI**

Com a morte de «Queen», por ocasião do nascimento do herdeiro, Leopoldo ficou inconsolável. Visando consolar o solitário rei, a administração do Jardim Zoológico mandou buscar duas belas e jovens leoas.

# OS NOVOS PÁSSAROS DA GAIOLA DE OURO

**O mais novo (do PSD) tem 27 anos e o mais velho (do PL) 57. ★ A grande maioria (que gastou pouco para eleger-se é de médicos. ★ As aspirações, credenciais e planos dos candidatos.**

Reportagem de **MILTON SALLES**

**QUASE dois terços da Câmara do Distrito Federal foram renovados nas eleições de 3 de outubro. Em conseqüência, no mês de março do ano vindouro, numa revoada festiva, novos pássaros pousarão na Gaiola de Ouro. Antecipando êsse espetáculo, apresentamos aqui um desfile dos vitoriosos, exibindo sua plumagem aos nossos leitores, isto é, as credenciais, aspirações e planos de cada um. Infelizmente, como o repórter não foi na meninice caçador de pequenas aves, alguns pássaros (Wilson Leite Passos, Ari Costa, Alcides Miguel, Dias Lopes, Valdemar Viana, Chico Durso e Alexandrino Mendes) escaparam do nosso alçapão, motivo porque deixaram de ser focalizados nesta reportagem. A grande maioria, porém, está presente exibindo-se ao eleitorado carioca através das nossas páginas.**



● **JOSÉ ONTES ROMERO** — Carioca de Madureira, tem 41 anos de idade e é deputado pelo PTB, ao qual pertence desde 1950. Eleito duas vêzes para o Palácio Tiradentes, concorreu agora a uma vaga na Gaiola de Ouro, desgostoso com os seus amigos vereadores que não atendiam aos seus apelos para resolver certos problemas locais. E' filho do ministro Edgar Romero e primo do vereador Nilo Romero. Não gastou muita coisa com a sua campanha, apenas o necessário para a impressão de cédulas e cartazes e a feitura de algumas placas. Médico da Prefeitura tem, também, uma das clínicas mais movimentadas do subúrbio, o seu grande reduto eleitoral. Os 3 pontos principais do seu programa de ação na Câmara do Distrito Federal serão os seguintes: 1º — Saúde; 2º — Educação; 3º — Transporte. Acredita ter feito bom negócio trocando a deputação pela vereança, embora alguns não pensem assim.



● **RAUL BRUNINI (Filho)** — Entre os numerosos candidatos do rádio, foi um dos poucos que conseguiu eleger-se. Obteve 27.034 sufrágios, sendo o vereador mais votado da Capital da República. E' rádio-repórter da Globo (onde continuará fazendo a cobertura de acontecimentos políticos de ressonância), tem 34 anos e nasceu na cidade paulista de Rio Claro. Sempre foi udenista e sempre combateu Vargas, tendo perdido um irmão durante a revolução de 32. Não tem nenhum parente na política. Gastou «alguma coisa» na campanha, mas valeu a pena porque o eleitorado soube corresponder aos seus esforços. Foi um companheiro constante de Carlos Lacerda (de quem é grande admirador), e as más línguas dizem que por causa disso é que êle foi eleito. Mas tem valor e continuará sendo um baluarte contra a corrupção em todos os setôres da administração pública.



● **ARNALDO NOGUEIRA** — Desde 45 é eleitor da UDN e vem trabalhando por êsse partido (no qual conseguiu eleger-se vereador com 3.054 votos) porque, embora com reconhecidas falhas e o partido que merece sua confiança. Locutor da Agência Nacional e figura destacada da televisão, não usou os seus programas no vídeo para propaganda direta. Gastou uma ninharia em sua campanha e elegeu-se sem artificialismo ou compromisso excuso com qualquer grupo ou pessoa. Paulista de Franca, tem 33 anos de idade e tem alguns parentes militando na política de São Paulo. Em 49, trouxe da Inglaterra um cartaz da campanha de Churchill que adaptou para a campanha do Brigadeiro em 50. Seu programa de ação como representante do povo será trabalhar pelo saneamento moral da Câmara para que ela tenha dos cariocas o respeito que merece. Depois cuidará de outras coisas.



● **DOMINGOS D'ANGELO** — Médico do Pronto Socorro e da Beneficência Portuguêsa, ainda encontra tempo para ser superintendente da Federação Metropolitana de Futebol e cronista esportivo de um vespertino carioca. Carioca da gema, tem 43 anos de idade e esta foi a terceira vez em que disputou uma vaga na Gaiola de Ouro. Nas duas vêzes anteriores foi 1º suplente. Preferiu a UDN porque «é um partido cujo programa se concilia com os seus sentimentos». Foi eleito com 2.845 votos e não deixará a medicina, licenciando-se apenas do Pronto Socorro, para atender a lei. Na Câmara do Distrito Federal focalizará os desportos, a medicina e os detalhes de ordem educacional, lutando para conseguir uma vida melhor para todos nós. Não gastou nada em sua campanha, pois dispõe de um grande círculo de relações capaz de reelegê-lo daqui a quatro anos.



**● SANDRA CAVALCÂNTI** — Natural de Belém do Pará, é professôra secundária do Instituto de Educação e leciona português e literatura na Universidade Católica. Ainda não fêz os seus planos para depois que assumir sua cadeira na Gaiola de Ouro, mas é provável que continue lecionando. Sempre foi da corrente oposicionista, mas não participava da política. Escolhida pela UDN, foi eleita (pela primeira vez) com a bela soma de 3.474 votos. Filha do prof. Djalma Cavalcânti, é dona de sólida cultura, prometendo fazer brilhante carreira na política. Ingressa na Câmara do Distrito Federal com o louvável desejo de atacar de frente o grave problema do ensino, batalhando pela criação de mais escolas nesta cidade. Acredita que um dos fatôres que emperra o nosso progresso é a falta de instrução, com o que concordamos. Não gastou grande coisa para eleger-se, segundo se sabe.



**● DULCE MAGALHÃES** — Funcionária pública há 25 anos, espera utilizar todo o seu cabedal de conhecimentos de problemas de administração durante o seu mandato, pugnando pela moralização administrativa da PDF. E' solteira, carioca e católica das mais fervorosas. Dizem que é inflexível nos seus pontos de vista. Já chefiou a diretoria do Pessoal da Prefeitura e do Ministério da Agricultura, tendo sido também assistente do diretor do DASP e agora é funcionária do Ministério da Fazenda. Foi esta a segunda vez que concorreu a um cargo eletivo. Da primeira não conseguiu eleger-se deputado. Gastou 60 mil cruzeiros com o pleito e foi eleita com 2.694 votos, sendo a primeira colocada do seu partido. Concorreu pelo PDC porque «é o partido que combina melhor com minhas idéias e com os meus princípios cristãos». Deverá ser a líder da bancada democrata-cristã na Gaiola de Ouro.



**● JOSÉ CÂNDIDO MOREIRA DE SOUZA** — Pernambucano de Recife. 30 anos. Acionista e diretor de importante indústria, tem fama de rico mas diz que não é. Foi acusado de financiar a campanha de Carlos Lacerda. Jura que não o fêz, mas se pudesse e se precisasse financiaria, gastando até o último tostão. Gastou cêrca de 200 mil cruzeiros em sua campanha, conseguindo eleger-se com 9.657 votos. Considera-se o idealizador dos comícios em casa, dos quais realizou nada menos de 62. Concorreu agora pela primeira vez a um cargo político, a convite de Lacerda e diz que sempre foi udenista, porque é o partido que, em parte, preenche suas aspirações políticas. Seu pai foi deputado pelo Ceará e seu avô materno foi vice-presidente do mesmo Estado. Promete bater-se na Gaiola de Ouro pela recuperação moral do respeito que a Câmara perdeu do povo carioca.



**● LUÍS GONZAZA DA GAMA FILHO** — Herdeiro do ministro Gama Filho, é o mais jovem vereador do Distrito Federal, contando apenas 27 anos de idade. Não quis ser almirante, tendo participado da revolta contra o almte. Pinto Lima, em 1948. Rebelando-se contra o tratamento injusto dado a dois dos seus colegas, não regressou à Escola Naval após a pacificação. É professor do Ginásio Piedade (de propriedade do seu pai) e se dedica ao trabalho da Fundação Gama Filho. Foi eleito com 3.980 votos e gastou «apenas o necessário para fazer a campanha», já que desfruta de grande prestígio no subúrbio de Piedade. Pretende, na Gaiola de Ouro, equilibrar sua ação no plenário com o seu trabalho nas comissões técnicas. Estudioso e realizador, já está elaborando uma série de projetos de interêsse público para apresentá-los tão logo se instale a Câmara do Distrito.



**● ODILON FURTADO** — Carioca do Largo do Catumbi, tem 44 anos de idade, é vendedor das Indústrias Reunidas F. Matarazzo e presidente da Federação Nacional dos Vendedores Viajantes do Comércio. É esta a terceira vez que concorre à vereança e a primeira em que é eleito. Em 47 obteve 2.107 votos, em 50, 2.807 e agora 4.913 sufrágios, o que equivale a dizer que progrediu bastante. Escolheu o PTB porque é um dos fundadores do partido e «principalmente porque é o partido do trabalhador». Sofreu forte campanha, tendo sido acusado, inclusive, de pelego de luxo, mas não deu ouvidos à coisa e caiu feito e forte na campanha eleitoral. Vai-se preocupar muito com a zona norte da cidade, pois, em sua opinião, a zona sul tem sido até agora a melhor aquinhoada pela municipalidade. Diz que gastou «alguma coisa» para eleger-se. Mas valeu a pena.

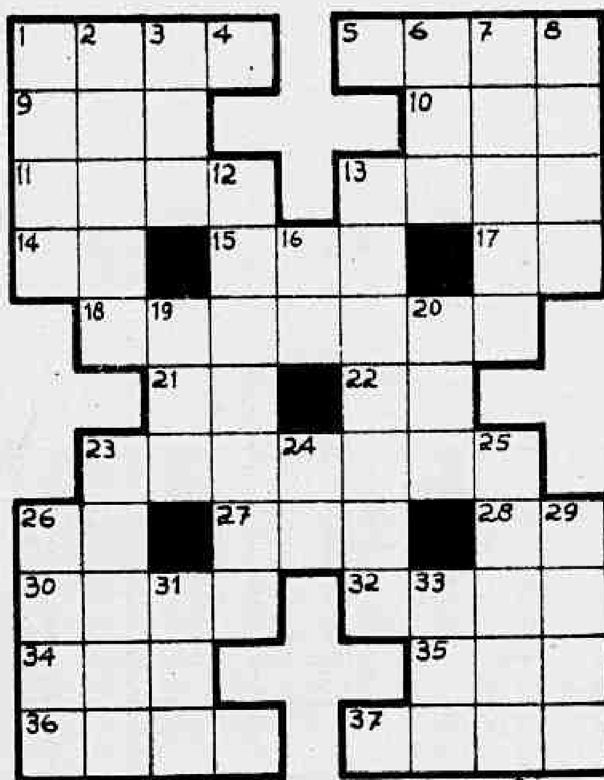


**● JOSÉ BRÊTAS** — E' médico de algumas firmas importantes e da PDF. Diz ganhar, mensalmente, duas vêzes o salário atual de um vereador. Confessa, mesmo, que é rico e que faz política por idealismo. Foi acusado de ter comprado votos, mas jura por Deus que isso não é verdade e que sua campanha (com a qual conseguiu 2.076 sufrágios) foi uma das mais baratas do mundo. E' mineiro de Lajinha, tem 46 anos e dividirá seu tempo entre a medicina e a Câmara de Vereadores. Não tem pròpriamente um programa estabelecido, mas promete formar no bloco dos que lutam contra a dilapidação da Prefeitura e evitar que se façam coisas erradas. Escolheu o Partido Republicano para concorrer ao pleito porque o considera uma agremiação política de linhas retas e de tradição na vida brasileira. Diz que depois de eleito sofreu campanha de alguns companheiros de partido invejosos.

# Palavras Cruzadas

## PROBLEMA Nº 40

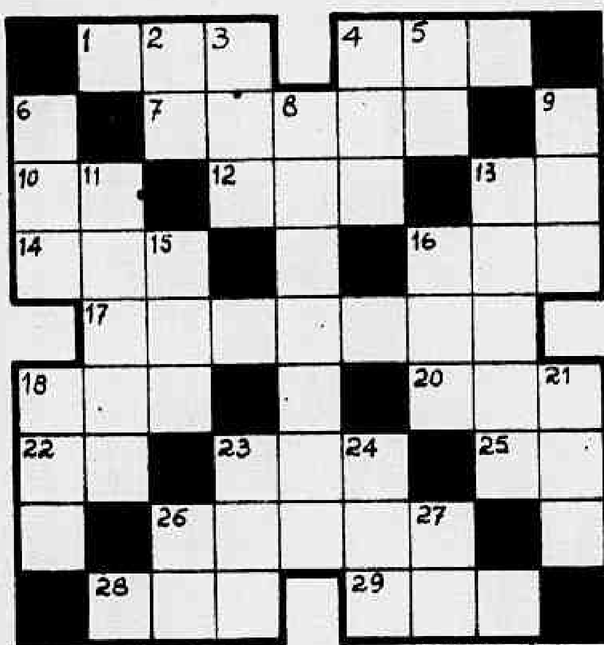
### PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Beberrão — 5. Atualmente — 9. Molho — 10. Disfarce — 11. Glória — 13. Portão típico japonês — 14. Rio da Rússia — 15. Gênero de plantas umbelíferas — 17. Vila da Itália, na Ligúria — 18. Escolheria — 21. Rio da França — 22. Desinência verbal — 23. Morder-se de raiva — 26. Meio social ou moral — 27. Cachaça de mau gôsto — 28. Preposição — 30. Perniciosos — 32. Cabeçalho com que se puxa a charrua — 34. O Sol que se põe (mit. egípcia) — 35. Cinzas — 36. Repassar muitas vêzes no espírito — 37. Sujeito que se não conhece.

VERTICAIS: — 1. Abertura circular ou oval em um edifício — 2. Serpente maldita — 3. Categoria — 6. Fútil — 7. Salário — 8. Lago da América do Norte — 12. Cabo grosso que sustenta as vêrgas nos seus moitões (pl.) — 13. Homem elegante (pl.) — 16. Seguia — 19. Omoplatas — 20. Raiva — 23. Musa da poesia — 24. Prefixo que traz a idéia de ponta — 25. Tocar de leve — 26. Gostam — 29. Saco de viagem — 31. Pedra-ume — 33. Planta herbácea da família das Oxilidáceas.

### PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Genitor — 4. Também não — 7. Dar existência; tirar do nada — 10. Perversa — 12. O mesmo que anum — 13. Pedra de moinho — 14. Mau cheiro — 16. Casal — 17. Amarrar uma embarcação à terra — 18. Pedra, em tupi-guarani — 20. Sorrir — 22. Concede — 23. Doença — 25. Grito de dor — 26. Orar — 28. Chefe etíope — 29. Rente.

VERTICAIS: — 2. Antes de Cristo — 3. Cólera — 4. Navio de guerra — 5. Sufixo verbal, 2ª conjugação — 6. Quer bem — 8. Que não é capaz — 9. Grande porção — 11. Respeita — 13. Nome de mulher — 15. Liga — 16. Parelha — 18. Jornada, partida — 21. Curso de água natural — 23. Espaço de trinta dias — 24. A casa — 26. Batráquio — 27. Criminosa.

## SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 39

### PARA VETERANOS

**HORIZONTAIS: — caber — rígidos — Mas — ras — ab — Ilo — ló — amiba — amparou — aites — ri — Ari — Sá — ura — Tuz — aracuís — amaro.**

**VERTICAIS: — cis — Ag — bibliátrica — Ed — ror — ras — Sal — mau — Sol — impia — obrei — ama — aos — uru — paz — ira — sus — Ara — tio — am — or.**

### PARA NOVATOS

**HORIZONTAIS: — cal — par — orar — mola — Ra — ela — as — ri — ás — ramos — cá — al — pá — aro — ir — amor — lado — ras — mar.**

**VERTICAIS: — côr — arar — lá — pó — alas — ras — re — má — limar — ira — asa — cama — lida — par — ar — ol — — ror — os — Am.**



● **CIPRIANO FERNANDES** — Sargento reformado da Polícia Militar, era também vendedor pracista até ser eleito. E' alagoano de Pilar e tem 39 anos de idade. Pertencia ao PSP, mas como viu maiores possibilidades de ser eleito (o que conseguiu, com 1.359 votos) no Partido Libertador, aceitou o convite do sr. Xavier D'Araújo. Calcula ter gasto 16 mil cruzeiros na sua campanha, quantia essa que foi obtida numa cotização entre os sargentos reformados e da ativa dos Bombeiros e da Polícia. E' a primeira vez que concorre a uma eleição e tem um parentesco distante com o sr. Fernandes Lima, que por 3 vêzes foi governador de Alagoas e morreu senador da República. Vai para a Câmara disposto a atacar todos os problemas que dizem respeito ao bem estar do povo carioca. E' presidente da Associação dos Sargentos da Polícia Militar e da Associação dos Militares Reformados do Brasil.



● **PEDRO ALVES DE FARIA** — Carioca. 30 anos. Professor de ciências físicas e naturais, na Escola Profissional Silva Freire (EFCB) e coordenador de cursos de aperfeiçoamento de professôres do SENAI. Pretende continuar exercendo essas funções, se não houver conflito de horários. Concorrendo pela primeira vez, foi eleito com 1.678 votos na legenda do PST, «um partido de base popular e de amparo ao trabalhador». Não tem nenhum parente na política e não gastou quase nada com a campanha, pois foi auxiliado por um grupo de amigos. Seu programa de ação na Câmara de Vereadores resume-se no seguinte: lutar para conseguir melhores condições de vida para o povo carioca, principalmente o suburbano de Osvaldo Cruz (onde reside) e adjacências. E' metódico, organizado e há-de ser, com tôda certeza, um ótimo trabalhador nas comissões da Gaiola de Ouro.



● **NILO ROMERO** — Médico clínico e escolar, não pretende abandonar estas ocupações quando tomar posse na Câmara do Distrito. Já foi vereador pelo PSD em 1947. Agora foi eleito pelo PR, com 1.810 votos. Sempre admirou o partido do sr. Artur Bernardes e, desde que terminaram os seus compromissos com o PSD, trocou de agremiação política. Leprólogo, fêz o curso e obteve a primeira colocação, recentemente, entre algumas sumidades estrangeiras. Focalizará, na Gaiola de Ouro, o problema médico-escolar, os problemas relacionados com a saúde do povo e os problemas da zona rural, pois também é lavrador. E' médico da população pobre de Guaratiba, onde mantém clínica gratuita e fornece remédios gratuitamente. Não tendo gasto grande coisa na campanha política, sente-se recompensado pelo esfôrço dispendido e promete cumprir o seu mandato de vereador com dignidade.



● **INDALÉCIO (de Araújo) IGLÉSIAS** — Carioca. 50 anos de idade. E' um homem ocupadíssimo: médico da Secretaria de Saúde e Assistência da Prefeitura, cirurgião da Casa de Saúde N.S. da Paz, diretor do Departamento de Higiene da Prefeitura e médico da Santa Casa. No penúltimo pleito, não foi feliz, mas agora conseguiu eleger-se (com 2.554 votos) concorrendo pelo PDC. Católico praticante, encontrou no Partido Democrata Cristã absoluta identidade entre os seus pontos de vista e os da agremiação política. Gozando de grande prestígio, não foi preciso gastar muito na sua propaganda eleitoral. Pautará suas atividades no legislativo carioca em tôrno de suas observações colhidas durante dois anos de atividades na Secretaria de Saúde e Assistência. Entretanto, focalizará mais destacadamente o caso da água, do esgôto e do lixo. Tem um grande programa a cumprir na Gaiola de Ouro.



● **MANOEL NOVELA (da Silva Júnior)** — Seu nome foi alvo de chacota de alguns, que disseram seria êle o candidato preferido das ouvintes de lacrimogêneas e longas histórias seriadas do rádio carioca. Natural do DF, tem 41 anos e é guarda da Polícia Municipal. Elegeu-se com 2.282 votos, o que surpreendeu muita gente que não acreditava na sua vitória. Preferiu o Partido Democrata Cristão porque «simpatizou com o seu programa». Modesto, trabalhador, sem prática das tricas do legislativo carioca, promete marcar sua passagem pela Gaiola de Ouro com apreciável soma de trabalhos em benefício do povo. Embora não seja possuidor de muitas posses, gastou certa importância (que não quis divulgar) na campanha política. Esta foi a primeira vez em que concorreu a um cargo eletivo, mas não será a última ao que tudo indica. E' o primeiro político da família, o que é um orgulho para êle.



● **GENTIL (Otávio Coelho) DE CASTRO** — Médico chefe da clínica da Assistência Municipal, médico da ABI, do M.E. e diretor de clínica do Hospital Menino Jesus. Representou o Brasil em vários congressos internacionais. Candidato agora pela segunda vez ao cargo de vereador, foi eleito, aos 43 anos, com 4.071 votos, na legenda do PTB. Sempre gostou dêsse partido devido ao seu programa e pela admiração que dispensava ao Presidente Vargas. Promete que não fará política partidária e que será o defensor da criança na Câmara dos Vereadores, desfraldando sua bandeira, «pois na criança está o futuro do país». Pode falar de cadeira sôbre o assunto, que sempre foi sua especialidade. Ainda não sabe quanto gastou em sua campanha política, mas acredita não ter sido muita coisa. Não tem nenhum parente na política. Dividirá seu tempo entre a clínica e a Gaiola de Ouro. E' carioca.

# Semana Astrológica

**INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 13 E 19 DE NOVEMBRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)**

**Se o leitor nasceu sob o signo do:**

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A semana será benéfica quanto à satisfação dos seus desejos e à realização dos seus projetos. O leitor encontrará fácil e boa colaboração, estando, assim, em ótima posição para solicitar.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Não se oponha às autoridades nem menospreze a lei. Sua liberdade individual correrá perigo. Nos dias 13, 15 e 18, o leitor poderá ser vítima de uma traição. Seja muito discreto, pois, em tais dias.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Os influxos predominantes durante o curso da semana em pauta, o farão impulsivo, intolerante e violento. Se, por fôrça da própria vontade, não puser um freio às paixões, poderá ser arrastado a situações vexatórias.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Não solicite favores, não tente empréstimos nem faça negócios a praso, na vigência da semana em foco. A ambiência dos astros lhe será totalmente desfavorável, no setor dos apoios, nas casas horoscópicas dos concursos.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Haverá bem acentuadas incompatibilidades entre o leitor e aquêles sob cujas ordens exerça suas atividades profissionais. Seja prudente e tolerante para evitar atrito que lhe prejudique a posição e os interêsses.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não faça esfôrço excessivo, físico ou mental. Sua posição em relação à saúde, não será boa, notadamente nos dias 13 e 18. No que diz respeito aos negócios e à profissão, a semana não será desfavorável.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Durante a semana, o leitor terá sua ambiência doméstica inteiramente saturada de influxos inarmônicos. O período será de constantes desentendimentos. Se não houver ponderação da parte do leitor, a situação poderá explodir.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Poderá impor sua vontade na solução dos negócios e dos problemas de ordem econômico-financeira do seu interêsse. Não se afaste dos seus pontos de vista nem abdique dos seus direitos, certo do triunfo.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Não terá necessidade de tutores, de conselheiros ou de orientadores. Sua intuição, no curso da semana, será prodigiosa. Alguém o chamará, mesmo, de adivinho. Os negócios correrão bem.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Não terá necessidade de correr, de apressar-se para conseguir o que desejar. Poderá exceder-se e passar do ponto, como se diz. O período aconselha moderação, calma e obstinação.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Não especule nem saque sôbre o futuro. As coisas iniciadas na semana entrante, no seu caso, não frutificarão. As sementes não germinarão e até mesmo as causas não darão os esperados e lógicos efeitos.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Os dias 13, 15 e 17 serão muito favoráveis aos seus negócios, às especulações, às solicitações e aos recursos que intentar. Sob o ponto de vista financeiro, as soluções virão com rapidez, favoràvelmente.

## OS NOMES DA SEMANA

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Novembro, | 13 | — | Silvério | — | Ernestina |
| " | 14 | — | Ambrósio | — | Ambrosina |
| " | 15 | — | Sílvio | — | Adenilde |
| " | 16 | — | Ediberto | — | Angela |
| " | 17 | — | Eraldo | — | Frida |
| " | 18 | — | Enéas | — | Gilda |
| " | 19 | — | Plínio | — | Gertrudes |

## EFEMÉRIDES DA SEMANA

**Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Novembro, | 13 | — | 20º - 34' - 20" | (Signo do Escorpião) |
| " | 14 | — | 21º - 34' - 54" | ( " " " ) |
| " | 15 | — | 22º - 35' - 20" | ( " " " ) |
| " | 16 | — | 23º - 35' - 47" | ( " " " ) |
| " | 17 | — | 24º - 36' - 16" | ( " " " ) |
| " | 18 | — | 25º - 36' - 47" | ( " " " ) |
| " | 19 | — | 26º - 37' - 20" | ( " " " ) |

# A VOLTA DE VÁLTER

PAULO SOLEDADE

● Êste é o resultado que se anuncia com a estréia de Válter Pinto na Praça Tiradentes, onde os nossos produtores têm se empenhado ao máximo. Um pouco precipitado em sua estréia Carlos Machado não chegou a consolidar uma situação capaz de fazer frente ao bicho papão do teatro Recreio. Pecando por falta de gente especializada, não conta ainda o produtor da Praia Vermelha com uma equipe em condições de manter em cena com a devida regularidade o seu pouco prático elenco, prejudicando sensivelmente o nível do seu espetáculo que por motivos diversos vem se despetalando aos poucos. Déo Maia, Íris del Mar e outros já se despediram talvez por não quererem sofrer o revés que é de se supor lhes será impôsto por Válter Pinto. Em conversa com o diretor do Recreio colhemos os dados que passamos a revelar e que contribuirão para uma ótima temporada, sem dúvida, do maior homem do teatro musicado nacional. Depois de haver instalado ar condicionado de custo aproximado a 3.000.000 (três milhões) de cruzeiros, Válter apresentará pela primeira vez no teatro do mundo o uso de fumaça pesada (antigamente era a vapor) depois de várias tentativas para consegui-la. Numa sugestão à Lenda do Abaeté de Dorival Caymmi, fará a montagem de uma lagoa em cena. Amplificação de som e instalação do mesmo em forma estereofônica, outra novidade. Coletou 16 «girls» da Argentina e 14 na Europa afirmando que nunca foram vistas tantas mulheres tão lindas dentro de tão pouco. Dentre as européias contam-se francesas e inglêsas, e dentre tôdas, dez é o número das bailarinas de pontas, o que equivale a dizer que não teremos apenas desfiles de modelos e figurinos. Lançará a dupla de bailarinos modernos Lito e Maria Teresa (nacionais) e o bailarino que trouxe de Londres Rex Reid de quem já havíamos ouvido falar num artigo de Pascoal Carlos Magno. Metade do guarda-roupa foi executado em Paris sôbre desenhos de Joselito e a outra metade aqui sob a direção de Osvaldo Mota. Na altura em que escrevíamos estas notas, Blanche Mur a interessante coreógrafa e bailarina moderna que atuava no Casablanca entrava em contato com Válter Pinto, devidamente livre dos seus contratos para iniciar no Recreio, o que representa uma belíssima aquisição. Ainda como novidade em «mise-en-scène» será abolida a luz da ribalta o que representa a colocação de mais alguns refletores na platéia para iluminação concentrada, podendo permitir melhores efeitos. Remodelação do «hall» do teatro (mármore) e cafèzinho importado especialmente de Minas para os intervalos. Válter confessou-nos que não encontrou em Paris nenhuma vedeta em condições de impressionar o público brasileiro. O próprio nu artístico está se tornando raro. Explicou que está um pouco atrasado porque deixou Nina Vertchinina compondo a coreografia de alguns quadros que era de esperar encontrasse prontos no seu regresso. Com Mesquitinha na parte cômica auxiliado por Pedro Dias e Manuel Vieira lançará a revelação da televisão Zezé Macedo, conhecida por «Dona Sinfronia». Resta-nos aguardar se a montagem dêste ano tem a aceitação das anteriores, e se o Carlos Gomes continuará aberto depois disto, o que eu duvido muito.

★ NÃO VÁ BOLA 7 . . . — O conhecido violonista da Rádio Nacional e buates do Rio recebeu um convite para trabalhar em São Paulo para o Don Cicilo. Veio me perguntar o que eu achava da proposta. Eu recomendei-o aos ritmistas que participaram do «show» «Clarins em fá». Arnô Canegal, Raul Marques, Barão e Geraldo. Êles sabem como é aquela escrita. O homem não paga. Há quem diga mesmo que o contrato feito no Rio com um produtor de «shows» está nas mãos de um advogado em São Paulo para conseguir a liquidação. Don Cicilo é das Itálias . . .

★ HOUVE QUEM assistisse Ghisela, a linda bailarina loura da Televisão se apresentando no «Nouvelle Eve» em Paris. Possìvelmente teremos breve um elemento com a experiência dos espetáculos parisienses em alguma de nossas buates.

★ MENINÃO é o dono da buate «Feitiço» em São Paulo. De freguês passou a proprietário utilizando a experiência que o seu longo treinamento de amador lhe proporcionou. Sempre foi muito amigo dos homens do «métier» e colaborava sem compromisso. Sua casa é das mais concorridas nas madrugadas paulistas. Agora ofereceram-lhe para ser sócio no Esplanada. Com o dinheirinho ganho com algum sacrifício, Meninão vai sair para outra empreitada um pouco mais arriscada. Torcedor que sou desta mocidade entusiasta, cumpre-me avisar ao jovem em questão que, quem tem um pequeno bar dando resultado, não deve se envolver em negócios mais complexos como sejam, montar «show» principalmente com o atual arrendatário do Esplanada que se chama Don Cicilo. Só as promissórias que estão nas gavetas dos revendedores de uísque chegariam para fazer o Meninão entregar tôdas as suas economias e trabalhar um ano de graça para o Don Cicilo. Sem falar na impossibilidade de, ainda que honestamente, se levar vantagem com o «ingênuo» dono das pizzarias que está se candidatando a dono da noite em São Paulo. Cuidado Meninão . . . êle tem processos imprevisíveis.



PIXINGUINHA e HERVÊ CORDOVIL, dois grandes nomes de nossa música popular. Hervê está em São Paulo (Rádio Record) e escreveu a marcha do Disco Voador, que Pixinguinha orquestrou e que poderá ser uma boa blague num «show» de Carnaval.

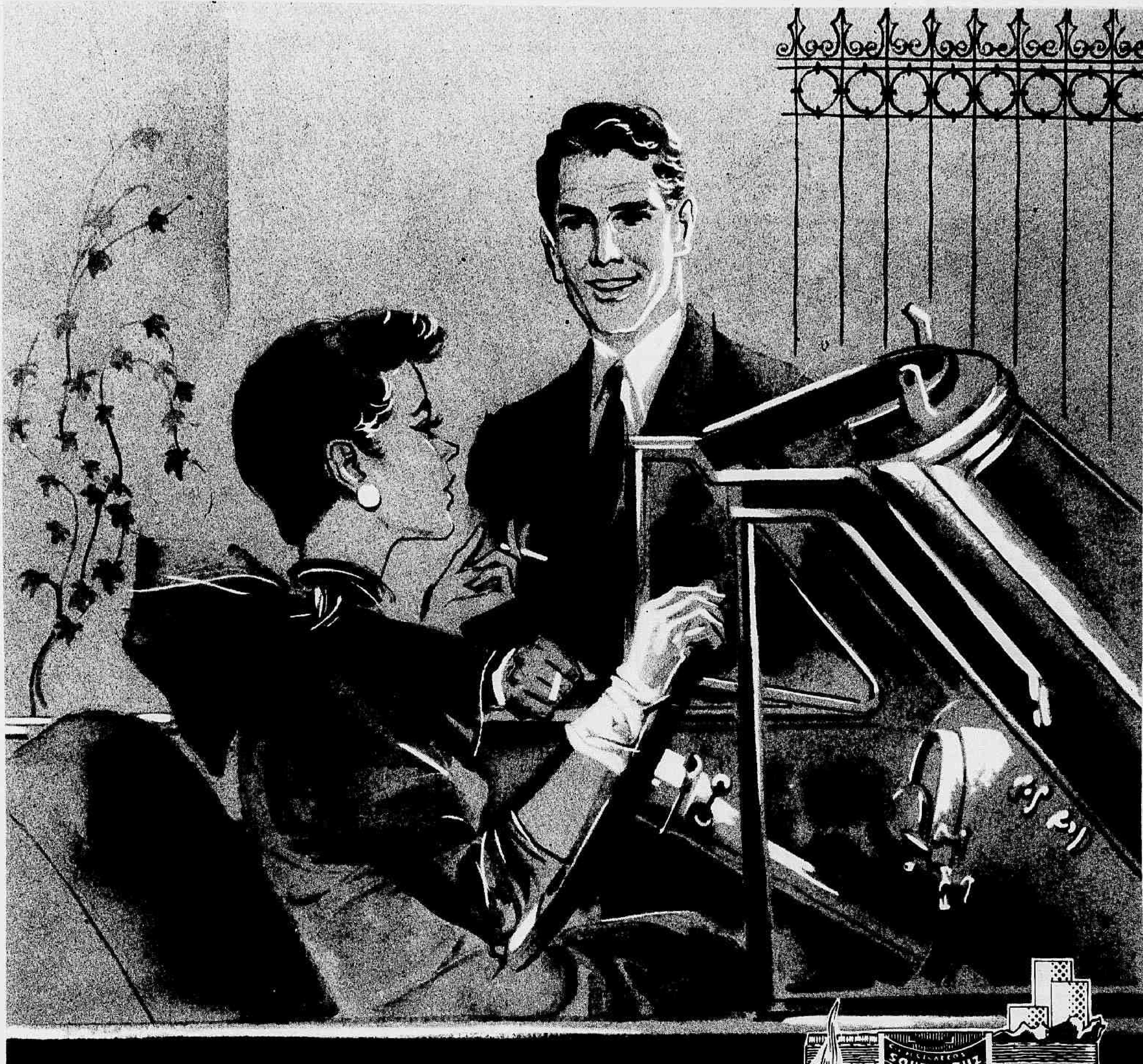
★ VIRGÍNIA LANE vai se apresentar no Jardel. Fala-se numa sociedade entre Gheisa Bôscoli e Carlos Machado para explorar o teatrinho de Copacabana. Aliás esta dupla já devia ter funcionado a mais tempo, pois Carlos Machado não é um homem de teatro, embora reúna muitas qualidades para isso, e a experiência de Gheisa só poderia lhe trazer vantagem.

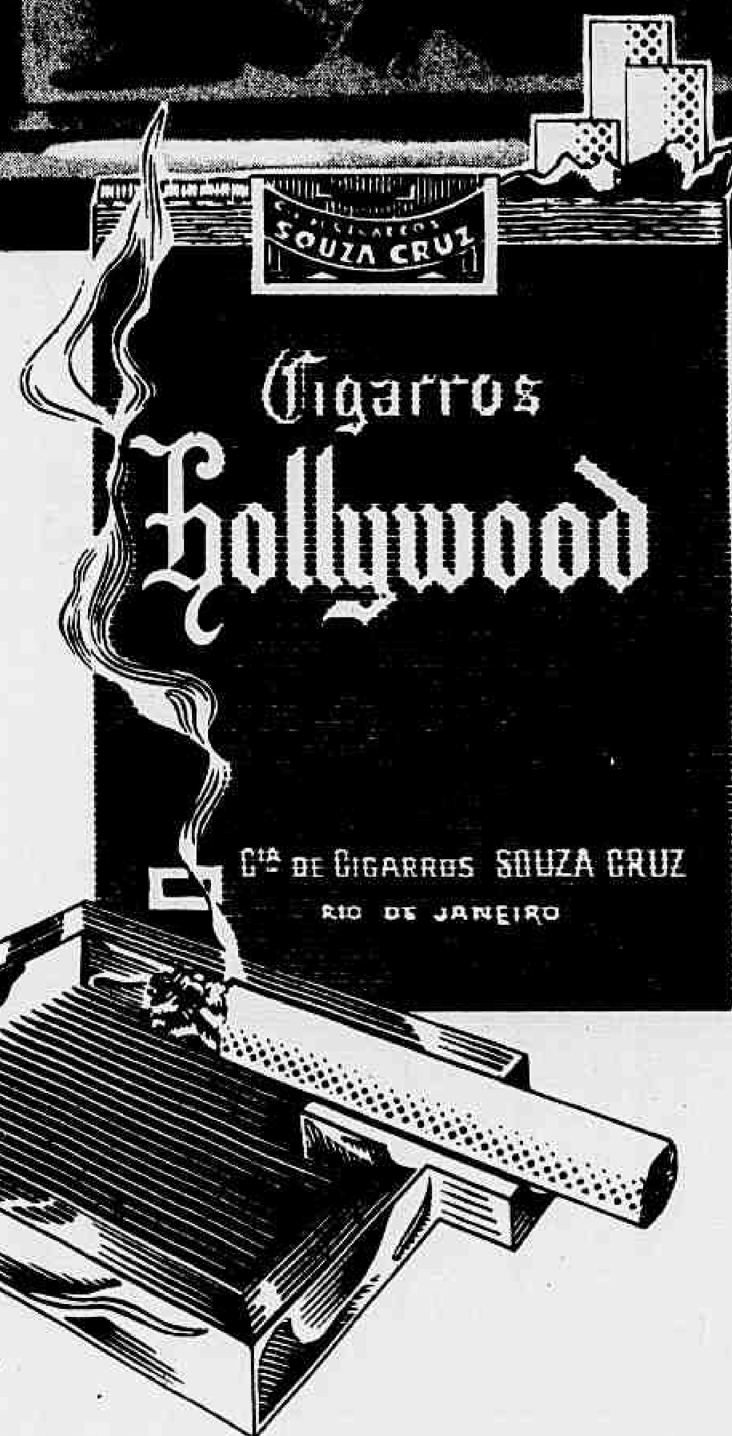
★ O «SHOW» RENATO CONSORTE — Uma noite destas Renato Consorte foi convidado para apresentar o «show» expontâneo do Clube da Chave. Com a presença de muitos artistas, Renato foi conduzindo o espetáculo até que o público exigiu que tomasse parte mais diretamente, mostrando também, além das inúmeras blagues que improvisou durante as diversas apresentações, alguma criação sua. Artista com experiência de televisão e talento de T. B. C. (está no elenco do Ginástico) Renato surpreendeu pela sua extraordinária versatilidade. Um grande artista para um ótimo «show» quando estiver disponível.

★ O RESTAURANTE DO MANÉ — Estreou afinal o restaurante de Manèzinho Araújo, de nome «Cabeça Chata». Todo mundo foi, lá. É só a gente olhar para o lado e já encontra gente conhecida. E muitos cartazes. Até o Raul Brunini (vereador mais votado da Capital) foi levar o seu abraço ao grande cantador de emboladas. O ambiente será forçosamente uma atração turística. Tudo ali é Manèzinho. O bar foi pintado por êle mesmo. As paredes decoradas por êle e dona Lalá que também controla a cozinha. E já se tem um lugar para se ficar bem a vontade e comer do melhor que existe com nome complicado e excelente paladar das comidas do norte. É no começo da Barata Ribeiro.



FERNANDA VILLAMAYOR — Talvez seja esta a última vez que se tenha oportunidade de falar nesta linda bailarina em colunas de «show» e teatro musicado. Pela nossa saudade faço essa publicação desejando-lhe mil venturas em sua vida de casada.






*Agora Sim!*

*você fuma um bom cigarro!...*

**Cada vez mais pessoas estão mudando para**

# hollywood

*uma tradição de bom gôsto*

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.288

Ouça os melhores cantores do Brasil exclusivos da

RÁDIO RECORD

• Carlos Galhardo
• Carlos Galindo
• Dorival Caymmi
• Luiz Vieira
• Maurici Moura
• Nelson Gonçalves
• Osvaldo Rodrigues
• Roberto Amaral

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 50.000 watts
ondas curtas 19 — 25 — 31 e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

## Flash Paulista

HÉLIO ABREU



# O Petróleo Invisível

● Admirável foi o artigo do sr. Assis Chateaubriand, publicado há dias no «Diário de São Paulo», abordando aspectos do problema petrolífero. Dissertando de maneira direta, prosseguiu o senador paraibano na focalização das mais interessantes facetas do assunto. Os arraiais do comunizante e cretiníssimo grupo do «o petróleo é nosso» ficaram em polvorosa e, como não podia deixar de ser, a imprensa moscovita taxou de «entreguista» o bravo diretor dos Diários Associados.

A impressão causada pelo libelo do sr. Assis Chateaubriand foi das melhores, o que não deixa de constituir um sintoma de que a pregação não está sendo feita no deserto. Aliás, neste assunto de petróleo, todo mundo entende de mexer um pouco e o incenso de Lúcifer afoga aquêles que enxergam por um só ôlho dando mesmo pena assistir ao espetáculo degradante que se nos oferecem os inocentes úteis nas mãos dos adeptos de Malenkov: Para a coisa é bem simples e pensam bastar abrir umas torneirinhas existentes no Estado da Bahia para que o ouro negro jorre, pronto para ser usado. Outros, felizmente para nós e pior para os vermelhos, repelem as manobras baixas dos pupilos do capitão Prestes e acham graça nesta história de «o petróleo é nosso», coisa que todo mundo sabe ser verdadeira. Tão nosso é o petróleo, tão auri-verde êle é, que jaz soterrado nas entranhas do solo brasileiro à espera de que alguém vá buscá-lo, coisa que talvez se dê em 1980 ou no ano de 2.000!

Mas neste assunto de petróleo quem paga o pato, sem direito de estrilar, é o povo, que tem sêde de uma moeda forte e fome das coisas que sòmente ela pode dar.

Ao ler Chateaubriand e ouvir um dos seus belíssimos e corajosos discursos no Senado, a gente cria alma nova e começa a pensar que nem tudo está perdido nesta terra, uma vez que, da Petrobrás, só temos à lembrança da eleição do sr. Juraci Magalhães, senador pela Bahia, e que o desconto compulsório montou outra estupenda máquina de fazer funcionários públicos, sinecuras, etc.

Sim, porque da Petrobrás nos cansaremos como nos cansamos da Fábrica Nacional de Motores (que devia fabricar motores de avião) que hoje produz dúzia e meia de carrocerias nacionais puxadas por máquinas italianas. A Petrobrás nos «encherá» da mesma forma que nos encheu a «Marcha Para o Oeste» e nos legará mais cruzes que as deixadas pelo «Exército da Borracha», que jaz enterrado nos igarapés amazônicos.

Não se trata aqui de criticar a capacidade da raça. Temos fibra e somos capazes. Mas existem empreendimentos que pedem mais que boa vontade: exigem capital e experiência. E neste negócio de petróleo, lamentàvelmente, nós não temos nem uma nem outra coisa.



— Sem você, Alberto, êstes sapatos me teriam feito render a alma.



— Não digo que o casamento seja uma coisa má. E' uma boa lição.

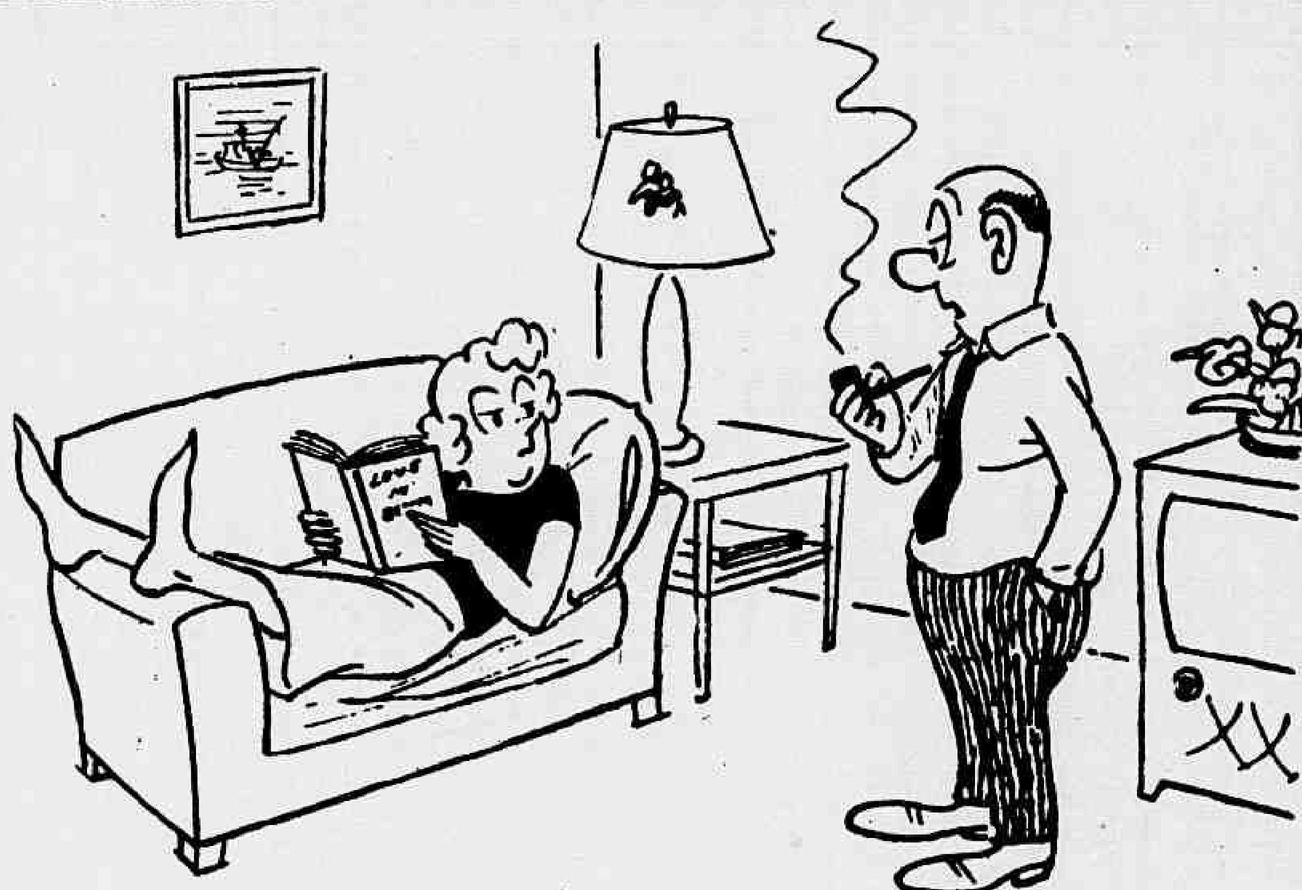


— Pensei tanto nos nomes com que iria chamar meu marido, que esqueci, como êle se chama...

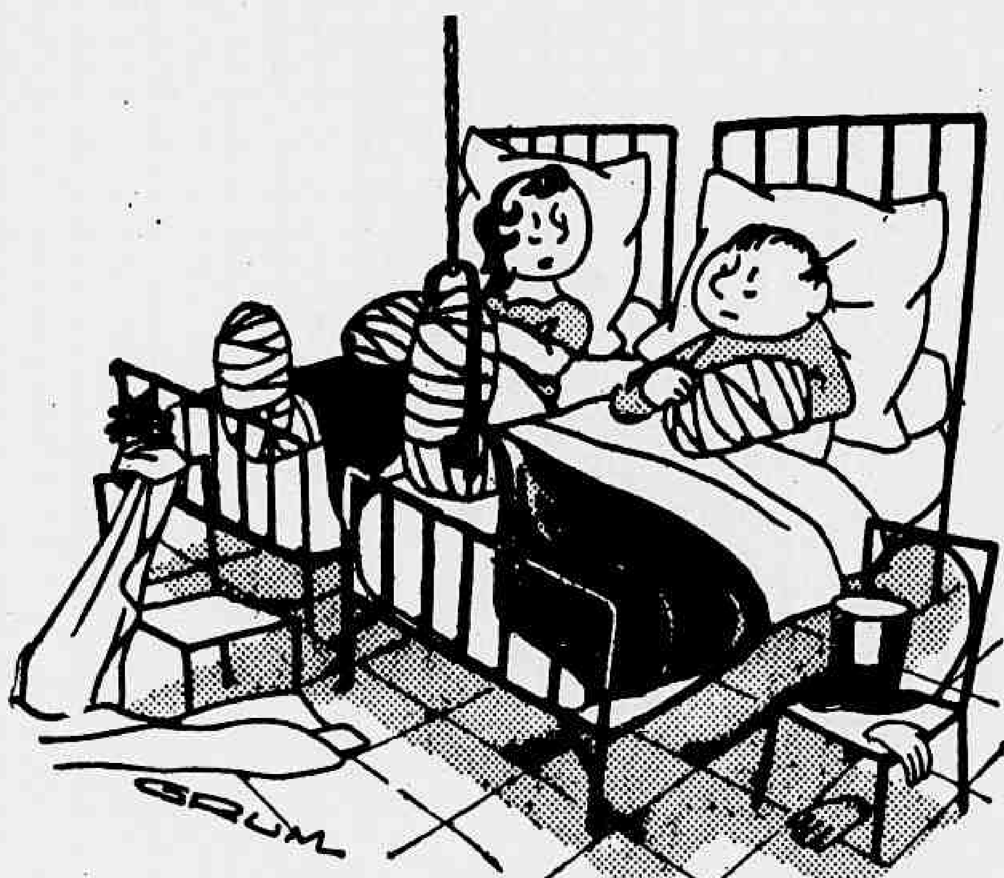
# O RISO DOS OUTROS



— Você leva um século para se preparar, e acaba sempre esquecendo alguma coisa.



— Quando é que você começará a dedicar-me os melhores anos de sua vida?



— Eu me lembrarei sempre da sua viagem de núpcias aos esportes de inverno!



— Não te esqueças que há dez anos, dia a dia, teria bastado a mim dizer «não»!

## PING-PONG

● O atual presidente da Câmara Federal, dr. Nereu de Oliveira Ramos, estêve alguns dias em Florianópolis, para disputar uma cadeira no Senado. Fêz alguns discursos e já no dia 4 (segunda-feira) Nereu tinha «estourado» na primeira urna aberta: 300 envelopes, 300 votos. Desnecessário se torna dizer que o «grande presidente» (da Câmara) foi eleito com grande diferença de votos sôbre os seus adversários Adolfo Konder e Aristiliano Ramos. O dr. Nereu Ramos nasceu na cidade de Lages, a 3 de outubro de 1888, é filho do coronel Vidal José de Oliveira Ramos e de d. Teresa Fiúsa Ramos — ambos falecidos.

★

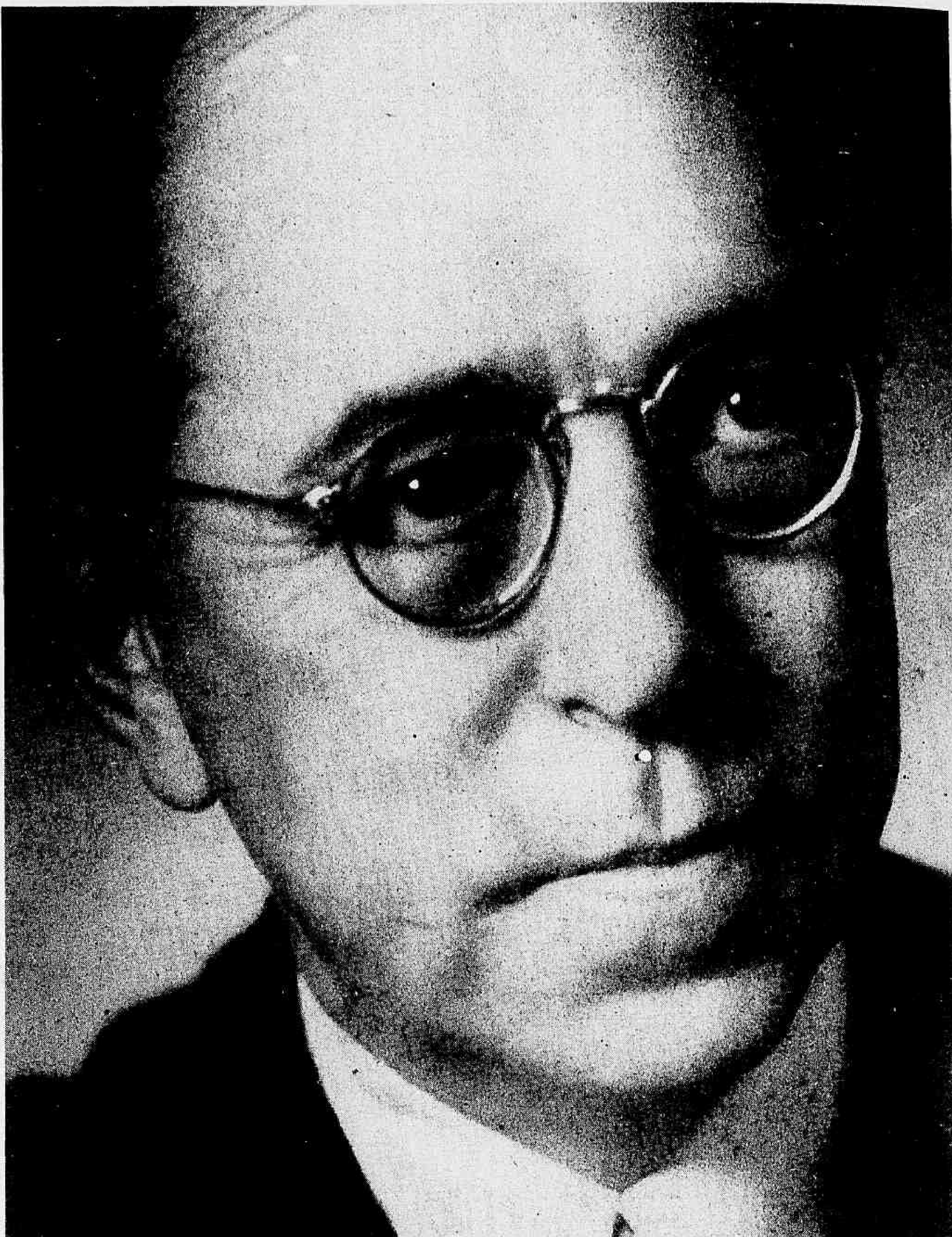
Fêz as primeiras letras na cidade de Lages. Cursou em seguida o Ginásio dos Padres Jesuítas, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Concluído o curso ginasial, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelando-se em 1909, com vinte e um anos apenas. Seguiu logo após para Lages, onde advogou durante um ano. Depois viajou para Florianópolis, onde abriu escritório de advogacia e ingressou no jornalismo desempenhando por algum tempo as funções de diretor político de «O Dia».

★

Foi eleito deputado estadual, indicado pelo município de Itajaí e pouco depois, seguiu para a Europa, em missão diplomática a serviço do govêrno brasileiro, demorando-se ali em várias capitais. De regresso à pátria, reabriu banca de advogacia em Florianópolis tornando-se dentro de pouco tempo o mais notável jurista catarinense. Foi eleito novamente deputado estadual. Durante longo tempo militou na imprensa, colaborando seguidamente em vários jornais. Fundou o jornal «A Noite», que tomou a defesa dos «aliados». Em 1921 tomou parte no movimento de reação republicana, que chefiou no Estado. Fundou em 1928 o Partido Liberal Catarinense filiado ao Partido Democrático do qual era chefe nacional o dr. Assis Brasil. Participou da Campanha de Aliança Liberal. Ainda dêsse grande movimento de opinião foi Nereu Ramos o chefe em Santa Catarina. A 1º de março de 1930 foi eleito deputado federal por esmagadora votação. Teve brilhantíssima atuação na Câmara Federal da qual hoje é presidente.

★

Tomou parte saliente na revolução de 30. Vitoriosa esta, voltou ao jornalismo, dirigindo a «República», funções em que permaneceu até 1934. Eleito deputado federal colaborou destacadamente na Constituição de 1934. Foi relator da comissão encarregada de elaborar a parte referente ao Poder Judiciário, na Constituição de 34. Transformada a Constituinte em Câmara Ordinária, fêz o dr. Nereu caso único na Câmara, parte de ex-comissões, sendo presidente duma e vice-doutra. Reeleito deputado federal não chegou a tomar assento na Câmara, por ter sido a 1º de maio de 1935 eleito e empossado no cargo de governador do Estado de Santa Catarina. Daí para cá, todos os leitores do Brasil conhecem a vida de Nereu de Oliveira Ramos. Foi senador. Vice-presidente da República no govêrno de Dutra, presidente da Câmara Federal durante 4 anos consecutivos e agora eleito de «estouro» senador. Eis como o «grande presidente» respondeu às perguntas do repórter.



# "QUANTO MAIS ME ATA

MOTIVOS PORQUE ATACAM O SR. NEREU RAMOS. ★ ACREDITA QUE VOLTARÁ A SER VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA. ★ MAIORIA NO SENADO. ★ SANTA CATARINA NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES.

Entrevista de AÔR RIBEIRO

Ping — Como encarou a campanha em Santa Catarina, desta feita?

Pong — Muito bem; desci em minha terra certo da vitória, ademais os candidatos adversários, não poderiam, modéstia a parte, competir comigo. Eram um pouco fracos!

Ping — O que mais o aborreceu nos últimos dias da campanha?

Pong — Foi uns folhetos que soltaram no interior do Estado me acusando de comunista.

Ping — Surtiu efeito

**Pong** — **Absolutamente, venci até na terra do governador do Estado.**

Ping — E em Florianópolis não foi soltado uns boletins chamando o sr. de caudilho e outras coisas?

**Pong** — **Foi sim, mas os meus adversários são pobres de espírito, não têm imaginação, os ataques que fizeram eram os mesmos de 30, 35, 40, 45, etc. Quanto mais êles me atacam, mais eu subo.**

Ping — Fizeram chantagem, alguma vez, contra as atividades do sr.

**Pong** — **Naturalmente, em Itajaí o governador do Estado mandou cortar a fôrça de dois geradores, para não fornecer energia ao comício que eu ia realizar. Fiz o comício mesmo sem energia e foi um sucesso. O govêrno foi começando a ganhar antipatias...**

Ping — O governador Irineu Bernhausen disse certa feita que não podia administrar porque o sr. é quem tinha a maioria na Assembléia.

**Pong** — **Realmente para o governador de Santa Catarina falta a maioria na Assembléia e falta também habilidade política.**

Ping — O filho do governador e outros correligionários fizeram tremenda campanha procurando (o que é impossível) subestimar o valor político e moral do sr. Que tem a dizer?

**Pong** — **Eu soube e pouco me incomodei: Deus quis me fazer a terceira pessoa política do Brasil. Êles são minhas marionetes na política nacional. Faço dêles o que bem entendo e quero.**

Ping — E por que chamaram o sr. de caudilho?

**Pong** — **Deve ter sido porque eu construí o Abrigo de Menores para os filhos sem pai e mãe; deve ser porque eu construí a Colônia de Santa Teresa e a Colônia de Santana para que os nossos morféticos não morressem pelas ruas e nossos tuberculosos não morressem dentro de casa; deve ser porque eu coloquei nos colégios a sopa escolar; deve ser porque construí o «Hospital Nereu Ramos»; deve ser porque sempre dei tôda liberdade à imprensa e nunca, no meu govêrno, mandei espancar ou matar jornalistas e etc.**

Ping — Quantos anos ficará no Senado?

**Pong** — **8 anos.**

Ping — Acredita que poderá ser mais uma vez vice-presidente da República?

**Pong** — **Naturalmente!**

Ping — Acredita que o partido do sr. fará a 3 de outubro de 1955 o governador de Santa Catarina?

**Pong** — **Lógico! Se depois de 4 anos de govêrno do sr. Irineu Bernhausen eu coloquei a maioria desde o Senado até a Câmara dos Vereadores e Prefeitura inclusive, neste ano que falta o pouco habilidoso político não me tirará o govêrno das mãos.**

Ping — E os candidatos prováveis?

**Pong** — **Ido d'Aquino, Saulo Ramos ou Leoberto Leal.**

# A CAM, MAIS EU SUBO"





# Algumas opiniões sôbre Nereu Ramos:



- **JOSÉ AMÉRICO**
  **Um homem.**

- **FERNANDES TÁVORA (Senador)**

**Tive a honra de conhecê-lo no Ceará. Na sua passagem por essa região, deixou traços luminosos de sua operosidade e de seu amor à democracia. É o testemunho que posso dar.**

- **FERREIRA DE SOUSA**
  **(Líder da Maioria)**

**Observador integral das normas regimentais, cioso da dignidade do Parlamento e atencioso com todos os seus membros.**

- **OSVALDO COSTA**
  **(Fôlha da Manhã de S.P.)**

**O sr. Nereu Ramos de tal modo se confunde com a Câmara, na majestade da função, que se pode dizer, sem exagêro, que a Câmara é êle.**

- **COSTA RÊGO**

**Um alicerce, batido com estacas de sustentação. Muros de pedras e alvenaria. Estrutura de ferro para armar o concreto. Paredes internas formando peças e janelas abertas. Esquadrias. Pompa de ângulos retos. Pintura externa. Pintura interna. Cristais pendentes. Fachada que se alonga para o alto, em linhas verticais irrepreensíveis.**
**Que é isto? — pergunto.**
**Não; não é um edifício.**
**É um homem, é o sr. Nereu Ramos, na presidência da Câmara dos Deputados.**

- **ARTUR SANTOS**
  **(Presidente da U.D.N.)**

**O maior elogio que lhe posso fazer é declarar, num preito de justiça, que v. exa. se enfileira entre os mais notáveis homens de Estado que no Império e na República honraram essa Cátedra.**



OSWALD — Papa do modernismo, homem novo, inaugurador do antropofagismo, de qualquer modo, e em qualquer situação um homem do Brasil. Com blague ou sem blaque, o Brasil sempre estêve no centro das preocupações de Oswald. Morto, é o Brasil que o reclama, e no «blagueur» reconhece isto de que o Brasil sempre teve tanta necessidade: o homem sério.

O JUÍZO FINAL DE

# OSWALD DE ANDRADE

## O ANTROPÓFAGO — A BÍBLIA, O PAPA E O TENENTE GREGÓRIO — "OSWALD DIZ UMA COISA ENGRAÇADA" — OS LARAS — PERFIL DE UM AGITADOR

Reportagem de OLIVEIRA BASTOS

NO dia vinte e três de setembro último faleceu no Paraíso, um bairro simples de São Paulo, o escritor Oswald de Andrade. Há trinta e dois anos que o seu nome e a lenda tecida em tôrno de sua pessoa ocupam o lugar mais curioso, original e dolorosamente sarcástico da literatura brasileira. A figura de Oswald de Andrade sobrepôs-se sempre à sua obra tôda vez que esta foi objeto de julgamento ou de mera apreciação. Durante todo êsse período de escaramuças e insultos que caracterizam a sua participação na vida cultural brasileira, Oswald de Andrade, que cuidava estar preparando as condições para uma revisão desapaixonada e convincente de sua obra, não fêz senão desviar a atenção de seus contemporâneos para o que nêle eram superficialismos, limitações e até mesmo contradições. Ninguém mais alvo aberto às blagues do que êsse «blagueur» impiedoso e mordaz, explorando com uma sagacidade sem igual um privilégio inusitado para fazer jorrar a respeito tanto de pessoas como de idéias e acontecimentos as mais desconcertantes fontes do grotesco e do ridículo. Três semanas antes de sua morte, tresnoitado e cheio de dores, arguído pela jornalista Radhá Abramo sôbre que coisas que gostaria de salvar dêste mundo, caso a terra fôsse destruída, Oswald de Andrade escolheu, entre outras coisas, a Bíblia, o Papa e o tenente Gregório. E explicava: a bíblia era para lhe dar sono, o papa para aconselhar o tenente Gregório, e o guarda-costas de Getúlio porque representava o fim das intervenções tenentistas no Brasil.

Numa tese que escreveu para disputar uma cátedra na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (concurso que nunca foi realizado em virtude de sua anunciada participação), Oswald de Andrade, numa condensação das idéias mestras de seu pensamento, denuncia como agente do esgotamento precoce da civilização ocidental a adoção duma filosofia messiânica, filosofia de evasão e culpada, seguindo uma fórmula de Nietzsche, duma moral de escravos. Oswald de Andrade vaticina e aconselha o retôrno a certos comportamentos e concepções primitivos como o matriarcado, o ócio, etc., interpretando o gesto dos gentios comendo os seus inimigos como derivado de uma visão do mundo que resolvia a vida como devoção pura. A sua formulação essencial do homem como problema e como realidade era, numa equação dialética, a seguinte: primeiro têrmo (tese) — o homem natural; segundo têrmo (antítese) — o homem civilizado e terceiro têrmo (síntese) — o homem natural tecnizado. «Vivemos em estado de negatividade, eis o real. Vivemos no segundo têrmo dialético da nossa equação fundamental». O lugar excepcional que Oswald de Andrade reservava ao Brasil nesse processo de expiação da cultura ocidental — com que orgulho êle via os costumes dos nossos primitivos terem dado assunto para um dos capítulos mais famosos dos Ensaios de Montaigne, «Os canibais», e para a «Utopia» de Morus — levou-o muitas vêzes a atitudes quixotescas e duvidosas como a de considerar valioso o pronunciamento demagógico e superficial do chanceler Oswaldo Aranha, então Ministro da Fazenda, de que seríamos dentro de poucos anos a primeira potência mundial. Empenhado em ver as gerações mais novas interessadas na visão do mundo que defendia, Oswald se viu obrigado a aceitar o cortêjo e a cortejar quantos jovens lhe reconhecessem importância decisiva que teve na renovação da literatura brasileira, chegando muitas vêzes a lhes engulir as pílulas narcotizantes do elegio fácil ao qual êle próprio acreditava simplesmente por um dêsses imponderáveis do ofício.

Nos últimos anos de sua vida, já cansado e estigmatizado pelas doenças que, como dizia às suas visitas, haviam marcado «rendez-vous» em seu corpo, Oswald de Andrade parece ter compreendido o lôgro em que caíra, reclamando um julgamento imparcial e desapaixonado para a sua grande obra e as suas idéias. Não durou, entretanto, o suficiente para assistir o movimento de restauração do lugar de honra que lhe é devido na moderna literatura brasileira.

O autor desta notícia, acompanhando-o certa ocasião à redação do «Correio da Manha», jornal onde mantinha uma seção através da qual exercitava a sua mordacidade contra os mais ilustres varões da cultura nacional, teve oportunidade de presenciar um episódio que chocou profundamente o escritor. O encarregado da seção literária dêsse jornal, também escritor de algum renome no Brasil, ao despedir-se de Oswald de Andrade rogava ao autor de **Serafim Ponte Grande**: «Oswald, diz uma coisa engraçada. Qualquer coisa engraçada para a minha seção, Oswald. Sôbre a Dinah, por exemplo». As coisas engraçadas continuaram a ser ditas mesmo nos últimos dias de sua vida, solicitadas ou não, que Oswald era pródigo e dextro nelas. Na semana de sua morte a um certo rapaz Lara que lhe explicara não ser membro da tradicional família paulista, Oswald retrucava que a explicação era necessária, pois que os de São Paulo, além de ricos, eram uns Lara... pios.



**OSWALD e MARIA ANTONIETA DE ALKMIN — Todo mundo sabe, Oswald foi um homem de múltiplas mulheres. Com raro dom, tornou célebres algumas. A última, e a mais fiel na sua estima, pode-se dizer assim, foi Maria Antonieta de Alkmin. E' ela quem aparece na fotografia, ao lado do poeta.**

Além de seus romances, suas peças de teatro e seus poemas, Oswald de Andrade lega ao Brasil um espírito de renovação e violência criadora útil de ser convocada pelas gerações vindouras como instrumento higienizador de qualquer manifestação artística sufocada pelo marasmo que decorre de uma falsa e viciada hierarquia de valores.

# HÁ SINCERIDADE NISSO?

TEDDY DE OLIVEIRA

● *Se a coisa continuar no mesmo ritmo, onde irá parar o pobre coração do cronista? Profundamente preocupado com o clima de incerteza que envolve o cinema brasileiro, cujo marasmo é um fato consumado e não há por onde sair de tão desoladora situação, o cronista é surpreendido num espaço de tempo relativamente curto com duas notícias, digamos três, para encontrar exatidão, vindas de Hollywood, a cidade dos paradoxos. Primeiro foi o divórcio de Marilyn Monroe e Joe Di Maggio, quando tudo indicava ser das mais duradouras a felicidade do casal; depois foi outro divórcio, também inesperado do casal Tyrone Power e Linda Christian, êsse bem mais surpreendente, porque Linda dera prova pública de seu amor por Tyrone e não havia razão aparente para divórcio entre êles. Havia também duas crianças e sabe-se muito bem que os filhos ainda sustentam com a sua presença, casamentos quase impossíveis de manter em Hollywood. Mesmo assim, Ty e Linda concordaram em anunciar a separação definitiva por "incompatibilidade de carreiras". O cronista lamentou o fato, assim como os fãs de Ty e Linda, que como eu não esperavam o desenlace sentimental. Como não bastassem os dois divórcios para mexer com os nervos do cronista, vem de Hollywood outra notícia com efeito de "bomba": a declaração pública de James Mason, dizendo-se desencantado de sua carreira de ator e disposto a abandoná-la. E o que é mais grave nisso tudo: a sua atitude em caráter irrevogável com plausíveis razões apresentadas nestes têrmos:*

*"Em primeiro lugar, nunca desejei ser ator — fui para o teatro reconhecendo que podia atuar bastante bem e fazer dêle um meio de vida, mas na realidade nunca fui um homem animado do desejo intenso de me converter num ator".*

*Se tal declaração partisse de alguns falsos atores de Hollywood e que a evidente canastrice em nada modifica sua atitude de querer continuar interpretando filmes, nada de surpreendente poderia causar. Há muito que todos esperam que êles próprios reconheçam o fato notório, sem esperança, isso porque êles jamais tomariam uma atitude como James Mason de declarar pùblicamente sua nulidade artística.*

*Surpreendente, no entanto, é o fato de tal declaração ser dada ao conhecimento dos fãs por intermédio de um artista talentoso e realmente importante no cenário de Hollywood como o é James Mason. Ninguém, com conhecimento profundo de causa, poderá afirmar sem mêdo de errar as razões porque James Mason fêz tal despedida dramática de uma carreira que lhe tem trazido uma popularidade tão imensa entre os fãs de cinema, tantas glórias e tantos filmes. Deve haver na alma de Mason o lado desconhecido por nós e que influenciou por certo êsse artista para o seu ato de desespêro.*

*Sim, ato de desespêro, se atentarmos para o fato de que James Mason atravessa a grande fase de sua vida artística e será apontado como candidato ao "Oscar" da Academia pelo seu desempenho no filme da Warner "A Star Is Born", que marca a volta ao cinema de Judy Garland. James Mason, disso não duvido, tem alguma razão muito forte para chegar a êsse desencanto público. Se êle foi sincero nas suas declarações à imprensa, só nos resta lamentar a sua atitude e esperar que ela crie exemplos, mas que êsses não tomem, em nenhuma hipótese, o endereço errado...*



**SEREIA EM CINEMASCOPE — Esta é Charissa Hughes, uma nova e séria rival das «pin-ups» mais famosas de Hollywood com a vantagem de fazer seu primeiro filme em CinemaScope.**

## FALA-SE EM HOLLYWOOD



**Doris Day parece muito interessada no que lhe diz Robert Cummings que com ela trabalha em «Com o Céu no Coração», primeiro filme em CinemaScope da loura cantora da Warner Bros. A cena foi tomada nos estúdios de Burbank e é uma das raras em que Doris aparece sem sorrir...**



**Ida Lupino, talentosa atriz, produtora e diretora, está interpretando com seu marido Howard Duff um filme produzido pelo seu ex-marido Collier Young, também seu sócio. É melhor pararmos para não dizer que a principal interessada no filme é Joan Fontaine que substituiu Ida no coração de Collier.**

Corinne Calvet estêve ràpidamente em Hollywood e já partiu novamente para a Europa. A francesinha anda preocupada com alguma coisa muito séria, porém faz segrêdo de suas atividades no Velho Mundo...

★

Red Skelton faz sucesso na TV ao lado de Anna Marie Alberghetti, a jovem cantora italiana que estreou no cinema ao lado de Bing Crosby. Fala-se que Anna Marie tem contrato para mais uma película nos estúdios da Paramount.

★

Steve Forrest, louro irmão de Dana Andrews e tipo genuíno de galã, é a companhia masculina mais disputada nesses últimos meses em Hollywood...

★

Quem anda muito contente é Pier Angeli com o sucesso de sua irmã Marisa Pavan que breve estará alcançando o «estrelato» em Hollywood. A maior alegria de Pier é haver concorrido para essa estréia auspiciosa.

★

Betty Hutton parece que tão cedo não voltará aos filmes. Refeita do abalo sentimental sofrido com o rompimento de sua união com Charles O'Curran, Betty aceitou contratos para «night-clubs» de Las Vegas, onde também se exibe a veteraníssima e sempre grande artista Marlene Dietrich.

★

Lex Barker, morrendo de saudades de sua Lana Turner, espera tomar férias e passear com a espôsa pela Europa. Lex está subindo muito de cotação ùltimamente em Hollywood e ficou assentado em definitivo que êle não voltará aos papéis de Tarzã.

## CINEMA BRASILEIRO

● Cavalcânti, que recebeu excelente proposta do Velho Mundo para transferir-se definitivamente para aquêle centro cinematográfico, viajou para a Bahia em companhia de Cacilda Lanuza, que foi intérprete de seu filme «O Canto do Mar» e é provável que participe da película que o conhecido diretor pretende rodar em terras de Salvador: «Capitães de Areia», extraído do livro de Jorge Amado. Sabe-se que nos bastidores movimenta-se forte corrente para solicitar ao Govêrno faça um convite a Cavalcânti no sentido de que êle colabore na presente crise do cinema nacional e dêsse modo desista de seus propósitos de afastar-se do movimento cinematográfico brasileiro definitivamente.

● Pinto Filho, que mantém um estúdio fotográfico em São Paulo, é um apaixonado pelo cinema. Fêz, com Sônia Maria Dorce, uma pequena artista revelada na TV, o filme brasileiro «A Queridinha do Bairro» e vem de rodar «A um Passo da Glória», ainda com Sônia Maria e mais Alice Miranda («Com o Diabo no Corpo»), Alfredo Nagib e Osvaldo Santos. Alice é uma encantadora «estrelinha» que andava «desaparecida» desde o Festival de Cinema Brasileiro em Belo Horizonte.

● Depois do nascimento de Anselmo Duarte Jr., o conhecido «astro» do cinema nacional estuda sèriamente a proposta que recebeu para filmar no México.

## DIVÓRCIO PARA TY E LINDA

● Certos divórcios em Hollywood pegam os fãs de surprêsa, isso porque nem sempre é possível noticiar as primeiras rusgas e assim sendo, ninguém prevê com antecedência que a felicidade de determinado casal do cinema está prestes a romper-se em definitivo.

No caso de Tyrone Power e Linda Christian a surprêsa está no fato de quase tôda a gente acreditar que êles se amavam com sinceridade e haviam encontrado a fórmula do casamento perfeito. Em 1949, Ty e Linda casaram-se em uma igreja católica da cidade de Roma e desde então viviam um eterno romance. Dois filhos vieram aumentar as esperanças dos fãs na continuidade do casamento tão feliz que agora se desfaz quando o divórcio está próximo e a separação é um fato diante da única razão apresentada: «incompatibilidade de carreiras».

Linda prosseguirá como «estrêla» do cinema, assim como Ty que deverá aparecer no palco em New York e posteriormente fará uma viagem ao Brasil para aqui filmar uma película, seguindo depois para Roma onde espera produzir e interpretar aquêle que considera seu maior filme: Lourenço, o Magnífico.

Sinceramente os fãs e colegas de TY e Linda lamentarão êsse insucesso matrimonial. Era um divórcio que não estava no programa dêsse 54 que finda em meio a várias surprêsas proporcionadas pela mais paradoxal das cidades do mundo: Hollywood...

45 mil cruzeiros de prêmios

AO COMPOSITOR QUE FIZER

a melhor



Canção do rapaz direito

Um sensacional concurso lançado pela

RÁDIO MAYRINK VEIGA

NO GRANDE PROGRAMA DE TODAS AS TERÇAS FEIRAS

ÀS 20 horas

APRESENTADO PELA

a Exposição SENADOR



# A PROVA

**Conto de PETER NANSEN** — **Desenho de DAREL**

ERA uma reunião de artistas. A conversação rolava sôbre um jovem pintor e sua mulher, cuja atitude um tanto frívola, suscitava uma indignação geral, já que ela não ocultava sua infidelidade, e só o marido não sabia coisa alguma. As damas presentes mostravam-se particularmente escandalizadas. Uma delas, Mme. B., atriz muito bonita, célebre por ter dado ao seu marido quatro rebentos em três anos, incitava com ardor o escritor mecenas Franz Hein, a revelar a verdade ao pintor, seu amigo íntimo.

Franz Hein respondeu:

— Obrigado por ter pensado em mim — mas não me é possível assumir êste encargo. E digo por que: meu amigo ama sua mulher.

— Precisamente, insistiu madame B. Não é uma vergonha vê-lo gastar assim os sentimentos mais delicados do coração com semelhante farsante? Já que você é amigo dêle, não pode olhar isto com indiferença.

— Mas sim! Posso muito bem.

Hein sorriu.

— Repito: **êle ama sua mulher.** Isto significa: quem quiser falar dela, nunca será para êle senão um vil linguarudo. As mulheres, minha cara senhora, são de uma astúcia inacreditável; veja, elas mentem infinitamente melhor do que nós — a luta entre um homem e uma mulher é desesperadamente desigual. Descobri isto um dia. A aventura foi ao mesmo tempo moral e gaiata. Tomem lugar neste canto sombrio — ficarão bem para poder corar enquanto conto...

Bem...

Eu me achava pois, um verão, no campo, em companhia de um amigo e de sua amante, uma mulher casada, Mme. Y..., que o marido vinha ver sòmente aos domingos. Êste era um senhor pesado e assaz indiferente que os negócios retinham na cidade durante a semana inteira.

Finalmente, um dêsses esposos que merecem a sorte que têm.

Estávamos instalados num dêsses hotéis-pensões abertos sòmente durante o verão. Era uma vila elegante, cercada de jardins e de um grande parque, que caíra entre as mãos de uma proprietária que o explorava conscienciosamente, para vantagem sua e de uma multidão de damas e de senhores reunidos ao acaso. Ah, divertia-se forte na pensão de madame Samson!

Meu amigo e sua favorita davam o tom, conduzindo-se com uma amável falta de pudor — e ninguém duvidava da razão que a fazia passar o verão a uma boa distância da capital e do espôso legítimo.

Madame Y... tinha seu quarto no primeiro andar; meu amigo se achava alojado numa das peças preparadas com todo o confôrto moderno na ala antiga. Uma meia-hora depois que Mme. Y... havia dito boa noite, ouvia-se estalar os degraus da escada e tôda a pensão se regozijava à idéia de que Mme. Y... não teria mais a temer na solidão a intrusão de gatunos ou bandidos.

Assim, era um verdadeiro idílio — que só os domingos e Mme. Y... interrompiam brevemente.

Meu amigo se achava muito apaixonado pela dama ardente e pálida de movimentos felinos. Ela pertencia à categoria dessas que não suscitam histórias. Tranqüila, doce e insaciável, gozava com um prazer dolente a galanteria do amante sempre desperta. Mas se por acaso êle não se encontrava ao seu lado, então sem tardar ela escorregava para pêrto de outro. Tinha essa necessidade inata de sentir-se envôlta numa atmosfera quente de admiração masculina, fora da qual ela se achava desambientada.

Eu, que deixei o berço há muito tempo, não me enganava quanto ao seu temperamento sensual, que aliás não era ela a única do seu sexo a possuir. Assaz indiferente, mas não sem uma certa curiosidade esportiva, se assim posso dizer, observei os olhares ternos e languorosos com os quais ela me gratificava quando nos encontrávamos um instante sem testemunhos num corredor ou numa aléia do jardim. Um pouco como professional, e também para não parecer mal educado, respondia aos seus olhares, e um dia, na escada, tomei-a pelo talhe, proferindo algumas impertinências de uso.

Fora disto, não havia na minha alma nem uma sombra de vontade de enganar meu amigo, e desejo colocar isto essencialmente em evidência, a fim de poder atacar a narração que se vai seguir.

Uma noite, havia festa na pensão. Quando todo mundo já se havia deitado, permanecemos ainda, meu amigo e eu, bebendo na varanda. Sobretudo êle.

A noite de verão era maravilhosa. Uma luz diáfana se estendia no horizonte entre o azul pálido e o azul escuro das águas do Sund. O luar iluminava a margem e o parque. Meu amigo descobriu-se disposições poéticas, e declarou:

— Será que não estamos em Florença, Veneza ou qualquer outra cidade italiana? Vivemos na época do Renascimento, e somos, você e eu, dois nobres e grandes senhores. Neste palácio aqui habita a nobre dama Rosalinda, minha amante, e esta noite ela marcou-me um encontro. Como a hora não soou ainda, você me faz companhia, enquanto esvaziamos um copo no jardim do gordo albergista Maceo.

Eu o encorajei, respondendo:

— À saúde de Rosalinda! Bebamos, velho companheiro da Renascença.

— É exato, tornou êle, não existe em todo o país uma amante mais soberba. Sem caprichos, sempre de bom humor; além do mais, experimentada na arte de amar, como ninguém que eu conheça. Sem contar que ela é fiel como a sempre-viva.

Inconscientemente elaborei um gesto de dúvida.

— Oh, sei bem o que você quer dizer, replicou meu amigo. Pensas no marido. Mas veja, ela não o ama, a êle. Ao contrário, você não tem nenhuma dúvida quanto ao seu amor por mim, tem?

— Certamente não. Isto se vê logo.

— Quereria você dizer que ela não me é fiel?

— Não tenho nenhuma razão para supor semelhante coisa.

Meu amigo esvaziou um grande copo de vinho do Reno. Suas faces se achavam em fogo e sua voz tremia ligeiramente quando êle retornou:

— Eu o compreendo. Não ignoro que ela se mostrou coquete contigo. Ela própria me contou isto. Ela me confessou mesmo, além disto, que certamente teria se apaixonado por você se eu não estivesse aqui. E eu vou dizer uma coisa a você, agora, que certamente não deixará de espantá-lo: eu a encorajei, em pessoa, a reservar para si sua afeição. Declarei sem constrangimento que você era a única pessoa que poderia ser o objeto de seus favores, sem que me descontentasse. Você sorri? Mas, por Deus, o que eu digo, eu o penso. Eu a abandonaria para você, graciosamente, por uma noite, se ela o consentisse... Ainda ontem à noite eu lhe fiz a pergunta: «Devo ir procurá-lo?» Mas ela encolerizou-se e começou a chorar.

— E se ela houvesse respondido sim, seria você quem teria chorado.

— Juro a você que não. Primeiro, você é o meu melhor amigo, aquêle ao qual eu daria de bom grado uma parte de tudo o que eu possuo de desejável. Em segundo lugar — afinal, tudo isto parece anormal — eu não teria a respeito dela um sentimento menor, se você, que conhece as mulheres, confirmasse minha opinião.

— Aí está. Ela chorou. Ficou pois, maguada, com a sua proposta.

— O acento de suas palavras me prova que você duvida da retidão dela.

— Meu único pensamento é que uma mulher julgará sempre prudente repudiar com indignação semelhante proposta da parte de seu amante.

Meu amigo permaneceu alguns instantes visivelmente absorvido, depois gritou de repente:

— Você quer me fazer um serviço?

— Naturalmente.

— Quer ir ver minha amiga esta noite?

— Idéia bizarra, na verdade.

— Quer tentar tornar-se seu amante esta noite?

— Não, realmente não.

— Por que não?

— Porque prefiro ser seu amigo a ser amante dela.

Êle sorriu e inclinou-se, quase adulador, para mim, tomou-me a mão e disse:

— Peço-lhe para fazer-me êste serviço. O que quer que resulte, pode estar certo de que nossa amizade não poderá ser perturbada. Pelo amor de Deus, trata-se de um verdadeiro serviço de amigo. Não lhe peço senão uma coisa: de contar-me depois a estrita verdade. Não é necessário que me contes uma mentira, se ela ceder aos seus galanteios.

Assim como já tive a honra de dizer, tínhamos bebido muito, sobretudo êle — mas eu próprio já sentia os efeitos do vinho.

Sem contar que havia um magnífico luar. Dizendo-me boa noite, ela havia tido ao mesmo tempo um ar tão provocante, que parecia convidar com seus olhares a tudo ousar.

Segundo a palavra de meu amigo, havia Renascença no ar. A noite ardia com um brilho pagão, arrastando o espírito à nostalgia de loucas aventuras.

Apesar de tudo, a fim de não parecer muito disposto, expendi alguns conceitos razoáveis, que não conseguiram senão excitar ainda mais a fantasia de meu amigo. Deu-me sua palavra de jamais revelar o que lhe acontecesse.

— Venha, agora, disse êle, que eu lhe mostrarei o caminho.

Quando nos achávamos no corredor, senti uma impressão de amargura. O projeto que íamos levar a efeito pareceu-me ao mesmo tempo estúpido e sem gôsto. Ia confessar isto ao meu amigo, mas percebi no mesmo instante um sorriso maldoso no canto de sua bôca. Então eu disse: «Que seja feito segundo sua vontade. Veremos quem é o mais esperto. Rirá bem quem rir por último».

Depois, murmurei: «Até logo», e subi a escada cujos degraus estalavam. Ouvi um ris sufocado de meu amigo e cheguei diante da porta conhecida. Um minuto depois, eu entrava.

★

Quando voltei a reencontrar meu amigo na varanda, êle estava mais pálido ainda e mais embriagado.

— Benvindo seja! gritou êle levantando alegremente o copo. Então, como é que se passou a coisa?

— Você se lembra do que combinamos?

— Perfeitamente.

— E quer que eu mantenha sempre a minha promessa?

— Claro! Que aconteceu? Diga!

— O que devia acontecer. Ela é boa moça, e não desejava provocar um escândalo.

— Nem sequer duvidou de nada!

— Perguntava por você. Julgava tê-lo ouvido rir baixinho na escada. Jurei que ela se enganava. Disse a ela que você tinha bebido tanto que eu fôra obrigado a metê-lo na cama. Ela então resignou-se à sua sorte. Aliás...

— Aliás...?

— Você já havia trabalhado ardentemente a meu favor!

Dir-se-ia que êle ruía, literalmente ruía ao me escutar.

Mas depressa voltou a si:

— Suponho que você não esteja zombando de mim?

— Você quis que eu lhe dissesse a verdade. E prometeu-me não se afetar, qualquer que fôsse o resultado da aventura.

— Não me afetei absolutamente. Ao contrário! E você? Está satisfeito? Quero dizer: acha que ela merece os elogios que eu lhe fiz?

— Você tem tôdas as razões de se orgulhar.

— Então, bebamos à saúde da minha Rosalinda!

— À sua saúde!

★

Continuamos a beber à sua saúde até a madrugada e eu fiz uma narrativa mais ou menos circunstanciada de minha expedição. Mas decididamente faltava-nos alegria, e o único motivo pelo qual hesitávamos a nos dizer «boa noite», era que nenhum ousava ser o primeiro.

Não foi sem uma certa apreensão que no dia seguinte eu me dirigi para a sala de jantar, à hora do almôço.

O lugar de meu amigo — ao lado do meu — achava-se vazio. Igualmente o de sua amante. Teria sido êle assaz falso para me trair? Teria êle lhe feito alguma observação, apesar do que havíamos combinado? Evidentemente. Lamentava eu a minha ingenuidade, ao lhe referir exatamente o que acontecera. Deveria prever que aquilo lhe incrustaria no espírito como a lâmina de um punhal, que ela não lhe deixaria um único instante de paz, enquanto êle não tivesse confrontado seu coração ferido com o de sua amante.

No final do repasto, a mulher entrou — tinha vestido uma roupa côr de inocência, muito distinta, e seu ar distante complicava-se com uma expressão habitual às vítimas da dor de cabeça.

Arrisquei um bom dia ligeiramente zombeteiro.

Ela devolveu minha saudação com uma expressão de duquesa ofendida, uma dessas esmagadoras misturas de nobreza e de desdém aos quais não são expostos senão os traidores de melodrama.

Um minuto depois, meu amigo também reapareceu. Tratou-me de um modo altivo e desdenhoso, mas mostrou-se de uma excessiva galanteria, de uma delicada ternura para com sua amiga.

Não tardei a retirar-me, esboçando do meu lado uma saudação digna e reservada.

Meu amigo veio ver-me no quarto em que eu estava prestes a transformar em tabacaria e gabinete de manicure.

— Sente-se, disse-lhe eu, e acenda um cigarro.

— Não acreditaria isto de você, disse-me êle. Mantinha-se de pé diante de mim, com ar solene.

— Talvez você apreciasse mais um cachimbo?

— Você se conduziu de modo indigno.

Sua voz tremia e seu rosto estava escarlate.

— Oh, oh! Meu caro, não se deixe levar! Não teria sido você, ao contrário, quem teria agido com certa deslealdade?

— Você acredita que eu lhe tenha dito alguma coisa? **(Continua no próximo número)**



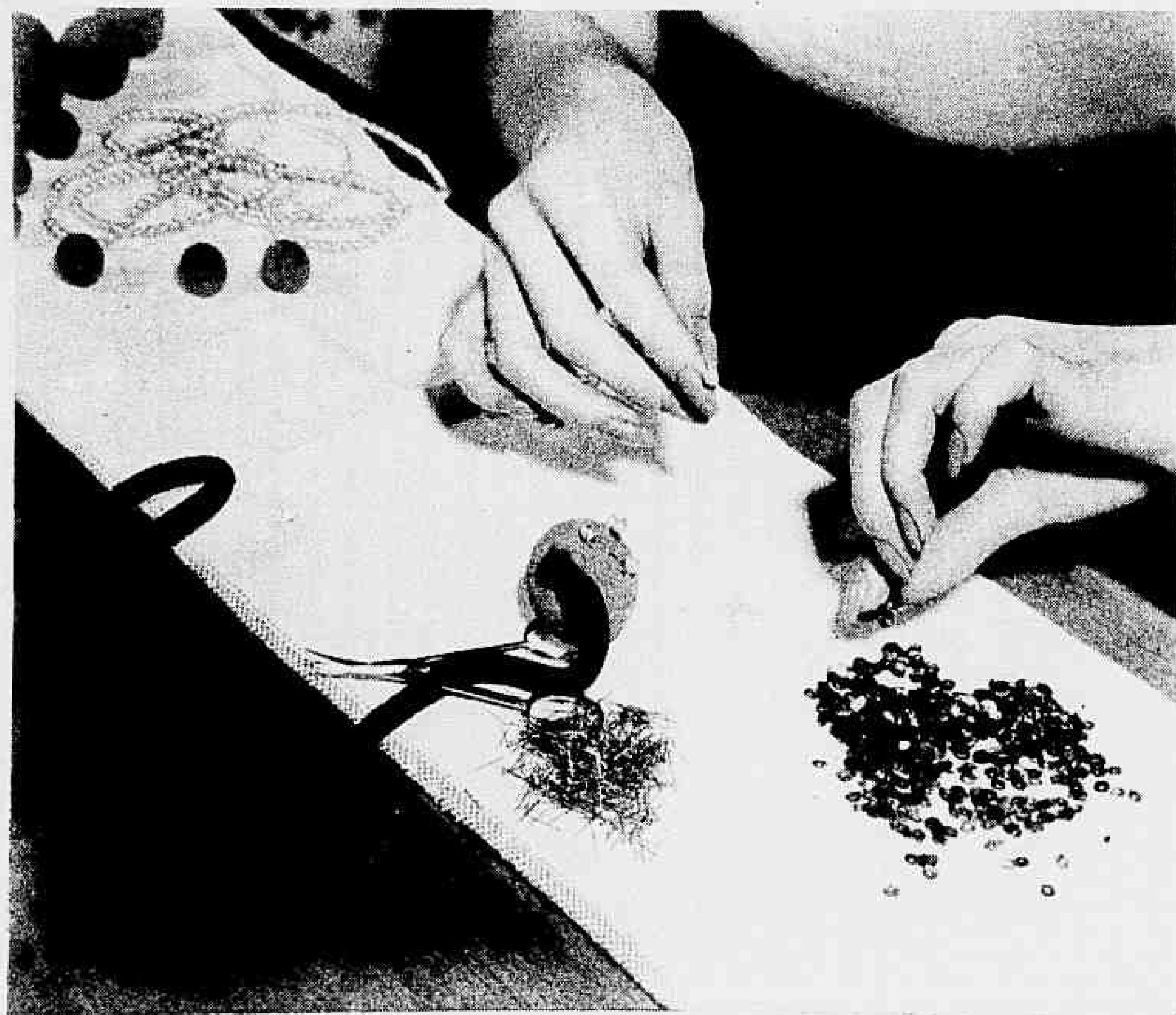




**1** Com um alfinete, Mari prega a ponta do cordel a uma das bolinhas de cortiça. O alfinete deverá ser colocado com certa pressão de modo que a cabeça fique desaparecida dentro do

**2** cordel. Também pode-se usar cordéis planos, mas os roliços são preferíveis. (À direita) — Mari desmancha um velho colar de pérolas para que suas contas sejam usadas no novo adôrno.

# *Faça você mesma*
# SEUS ADORNOS





**3** Mari coloca a pérola no alfinete, depois a lantejoula, enfiando êste conjunto na bolinha de cortiça. Êste mesmo processo deve ser repetido, até que a bolinha de cortiça esteja completamen-

**4** te coberta, sem nenhum vazio para que não se veja a cortiça. Prega-se a outra ponta do cordel na bolinha de cortiça e repele-se os movimentos que foram necessários na confecção da 1ª.

● «Baubles, bangles and beads» («Adornos, pulseiras e colares), é o nome de uma nova canção americana que vem obtendo grande sucesso nos Estados Unidos atualmente. Inspirada nesta melodia, Mari Blanchard, encantadora nova «estrelinha» de Hollywood, nos mostra como você mesma poderá fazer seus adornos, utilizando-se apenas de objetos que certamente terá em sua própria casa. Tudo que você precisa — diz Mari — para fazer um complemento encantador para seus vestidos de verão, é uma seleção de bolinhas de cortiça, em diferentes tamanhos, um velho colar de pérolas já fora de uso, um sortimento de lantejoulas multicoloridas, uma caixa de alfinetes comuns e um cordel de veludo prêto. (Texto e fotos SERMA).



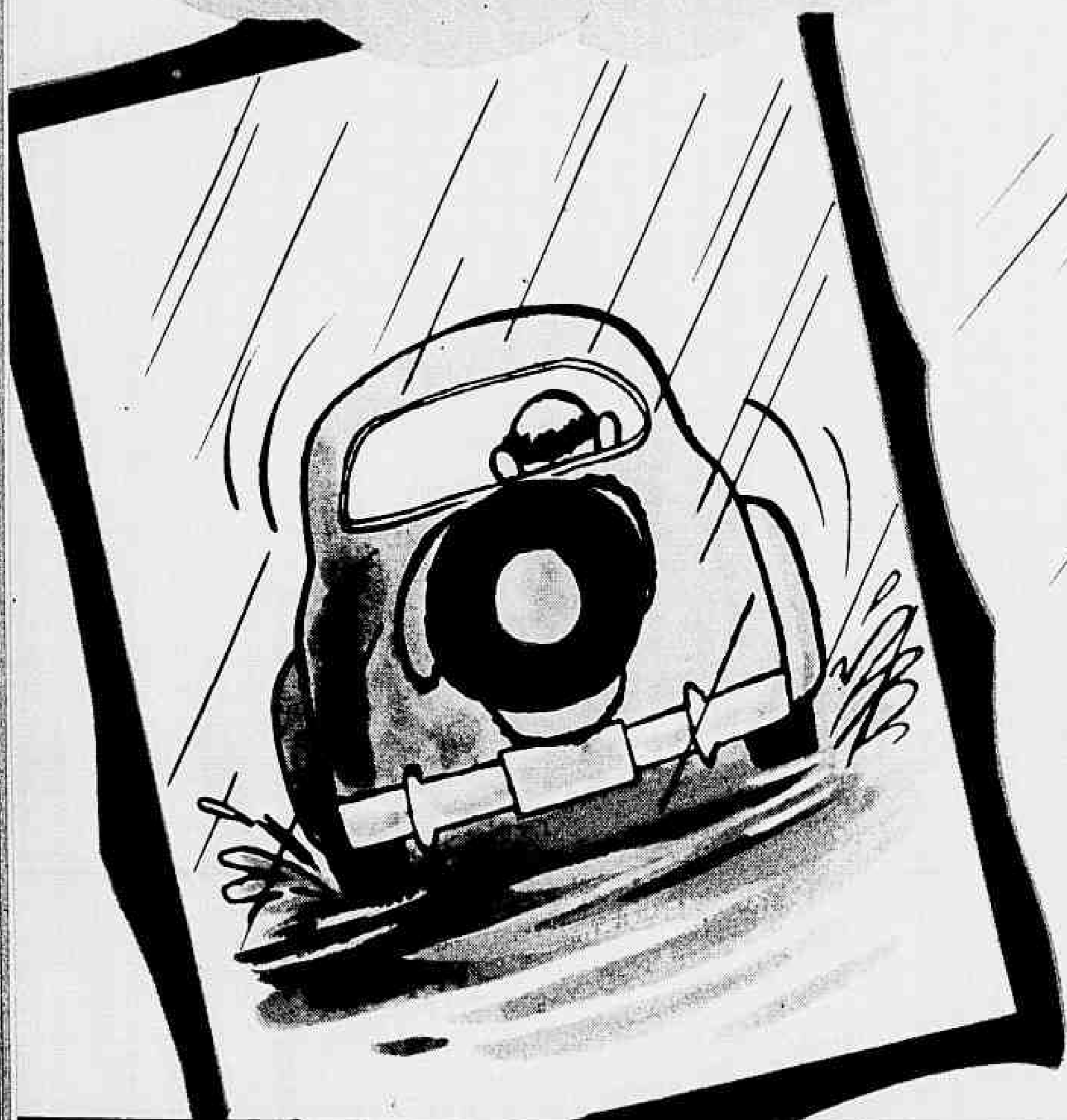


**5** Está terminado o delicado adôrno, e Mari (em cima e à esquerda) nos mostra como ficou e as duas maneiras como poderá ser usado. Alguns minutos empregados na confecção dêste adôrno, poderão trazer à você horas do grande prazer quando o fôr usar.



**6** Para os brincos, quase o mesmo processo deverá ser usado. Corta-se uma bolinha de cortiça pela metade. Cobre-se separadamente cada uma de veludo prêto e depois usa-se lantejoulas douradas, pérolas e alfinetes da mesma forma como foi feito acima. Depois de pronto coloca-se as tarrachas.

# FORTUNA (singing in the rain) APRESENTA: ISTO E' Primavera NO RIO...







— Já vai, querido!



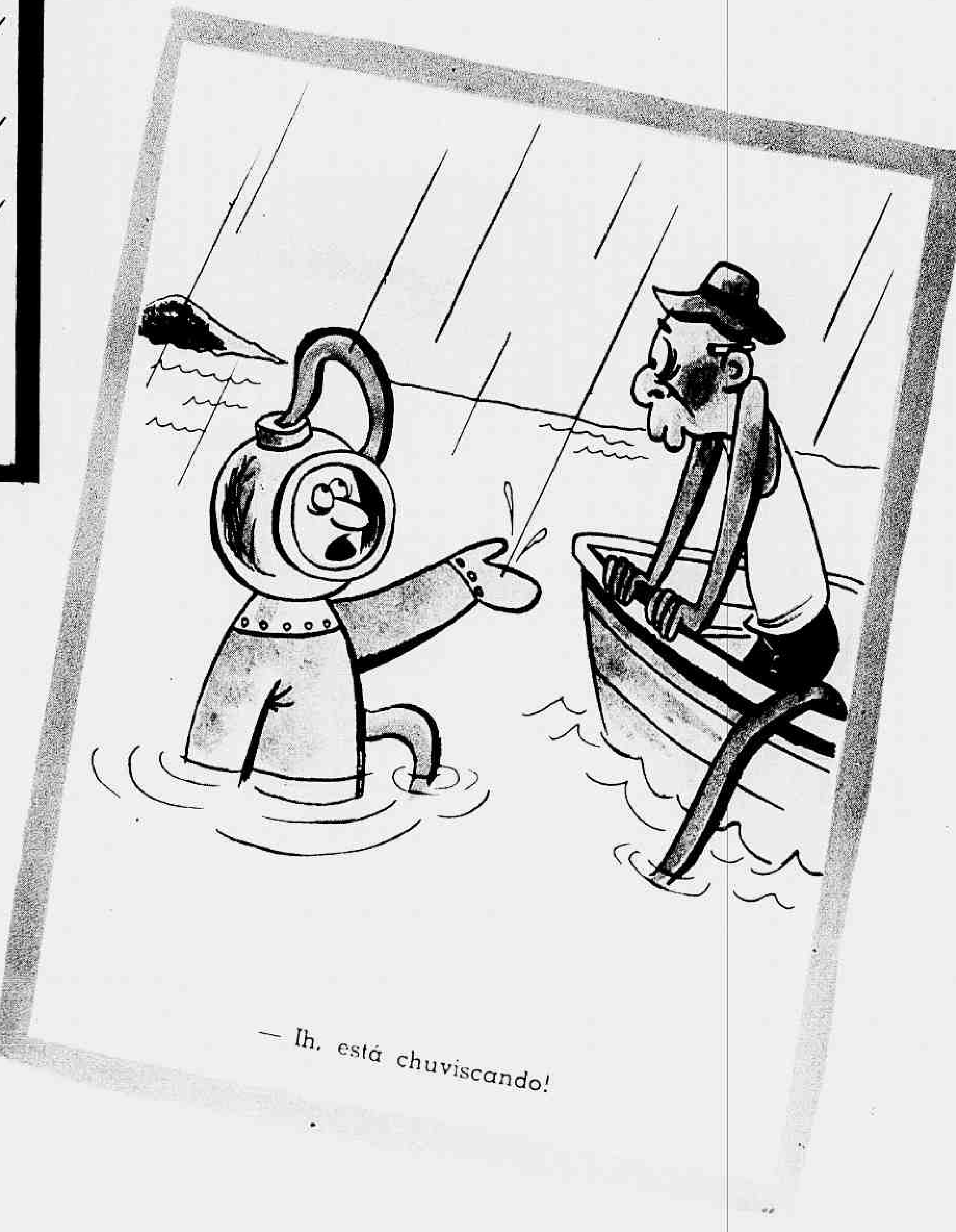
— Se de fato não gostam de mostrar as pernas, por que não seguem meu exemplo?





Conversível com defeito na capota.





— Ih, está chuviscando!

A GÔTA



DA BICA (quando não chove). DA GOTEIRA (quando chove).



# MARIA

Romance de JORGE ISAACS

Ilustração de RAMÓN



COMO era natural, falamos da partida que tínhamos em mãos. Carlos dizia:

— Bráulio afirma que a carga de minha carabina se acha perfeitamente graduada. Porém continua firme em que não é tão boa quanto a sua, apesar de serem da mesma fábrica, e de ter êle próprio disparado com a minha. Não é assim, meu amigo? — terminou dirigindo-se ao montanhês.

— Respondo por isto, tornou aquêle, e aposto como o patrão matará um animal a setenta passos de distância.

— Pois veremos se eu também não mato um veado. Como é que você dispõe a caça? — tornou, dirigindo-se a mim.

— Isto é sabido, como se sabe sempre qual é o trabalho da casa ao se fazer uma festa. Bráulio subirá até junto ao Derrumbo com seus cachorros dianteiros. Juan Angel ficará encostado, junto à quebrada da Funda, com dois dos quatro cachorros que mandei trazer de Santa Elena; seu criado, com os outros dois, esperará à margem do rio, para evitar que o veado nos escape pela Novilheira. Você e eu estaremos prontos para acudir ao ponto que convenha.

O plano pareceu bom a Bráulio, que depois de nos encilhar os cavalos ajudado por Juan Angel, pôs-se a caminho com êste, a fim de desempenhar a parte que lhe tocava na batida.

O cavalo retinto que eu montava, golpeava o empedrado quando já íamos sair, impaciente por fazer brilhar suas habilidades, o colo fino e lustroso arqueado, quando sacudia suas crinas rebeldes. Carlos ia montado num animal castanho-coral, que o general Flôres havia enviado últimamente de presente à minha mãe.

Recomendava o senhor de M... a maior atenção, porque se o veado viesse ao nosso encontro, como esperávamos, devíamos sair pelo pátio a fim de empreender a subida da encosta, cujo plano inclinado terminava a trinta quadras para o Oriente, junto às montanhas.

Ao passar dando volta pela casa, defronte dos balcões do quarto de Ema, Maria se achava apoiada na grade de um dêles: parecia achar-se num dêsses momentos de completa distração a que se entregava com freqüência. Eloísa que se achava ao seu lado, brincava com os cachos destrançados da cabeleira de sua prima.

O ruído de nossos cavalos e os latidos dos cães, arrancaram Maria do seu alheiamento, enquanto eu a saudava com sinais e Carlos me imitava. Notei que ela permanecia na mesma posição e lugar, até que nos internamos na mataria da Funda.

Mayo nos acompanhou até a primeira torrente que ladeávamos; ali, detendo-se como para refletir, regressou num galope direto para casa.

— Ouve, disse eu a Carlos, assim que se passou uma meia hora, durante a qual narrei sem descanso que os montanheses e eu havíamos feito, — ouve — os gritos de Bráulio e êsses latidos de cachorros, provam que já levantaram a caça.

As montanhas repetiam o mesmo — e se se calavam por instantes, logo depois recomeçavam com maior fôrça e a menor distância.

Pouco depois desceu Bráulio pela margem limpa do bosque de cana. Assim que se achou ao lado de Juan Angel, soltou os dois cachorros que êste levava pelo cabresto e os deteve ainda algum tempo, incitando-os. Não tardou porém a se convencer de que estava muito próxima do lugar em que nos achávamos. Então animados os animais com repetidos gritos, enquanto êstes desapareciam velozes.

Carlos, Juan Angel e eu, escorregamos pela falda. Dentro em pouco vimos que começava a atravessá-la, seguro de perto por um dos cachorros de José, o veado, que baixou por um dos lados do mato inesperadamente.

Juan Angel tinha os olhos brancos de tanto rir, e deixava ver até o fundo, sua fina dentadura. Apesar de ter ordenado a êle que permanecesse junto às touceiras de cana, caso o veado se voltasse para aquêle lado, atravessou com Bráulio, e quase rente aos nossos cavalos, a distância que nos separava do rio. Desaparecendo no mato, os cachorros perderam o rastro do veado, que subiu em vez de baixar.

Carlos e eu pusemos pé em terra firme a fim de ajudar a Bráulio. Perdida mais de uma hora em idas e vindas, ouvimos finalmente os latidos de um cachorro, o que nos deu a esperança de que houvessem achado de novo a pista. Porém Carlos jurava ao sair de um lodaçal em que havia se metido sem saber como e nem quando, que o bruto do negro havia deixado a prêsa escapar rio abaixo.

Bráulio, a quem havíamos perdido de vista, gritou com tal voz que podíamos ouvi-la mesmo da maior distância:

— Andem lá, andem lá! Deixem aqui alguém com uma carabina, saiam para o limpo, porque o veado está voltando para a Funda.

Deixei o criado de Carlos no local indicado, enquanto corríamos a tomar nossos cavalos.

A prêsa saía neste momento a grande distância, descendo em direção da casa.

— Apeie-se, gritei para Carlos, esperemos em círculo.

Assim fizemos, e enquanto o veado se esforçava, já fatigado, para atingir o valado, Carlos disparou sôbre êle. O veado saiu correndo — e Carlos permaneceu atônito.

Bráulio chegou neste momento, eu saltei do cavalo, entregando as rédeas a Juan Angel.

Da casa viam tudo o que se passava. Dom Jerônimo atirou de carabina da varanda do corredor, e quando finalmente o animal rumou sôbre êle, enredou-se nos tendões de uma era, o que o fêz cair.

— Cuidado, cuidado, olha que aí atrás vêm todos — gritou meu pai.

Bráulio aproximou-se do veadinho, evitando assim que os cachorros o despedaçassem. Livrando-se afinal, entrou êle pelo corredor, desatento e trêmulo, indo esconder-se, quase morto, debaixo de um sofá. Aí foi arrancá-lo Bráulio, até o momento em que Carlos e eu chegamos. A partida havia me divertido, porém Carlos procurava em vão ocultar sua impaciência, pelo fato de haver errado um tiro tão belo.

Ema e Maria aproximaram-se timidamente a fim de tocar ao veadinho, suplicando que não o matassem. Êle parecia compreender que o defendiam, pois fitou-as com olhos úmidos e assustados, lamentando-se como só o fazia para chamar a mãe. Ficou livre, e Bráulio se encarregou de arrastá-lo e colocá-lo em lugar conveniente.

Quando tudo passou, Mayo aproximou-se do prisioneiro, cheirou-o a distância exigida pela prudência, e voltando a estender-se no salão, apoiou a cabe sôbre as patas com a maior tranqüilidade, sem que tão exótica conduta bastasse para privar-lhe de um carinho meu.

Pouco depois, ao despedir-se Bráulio de mim, a fim de voltar para a montanha, disse-me:

— Seu amigo está furioso, e eu fiz isto com êle para vingar-me da chacota que fêz dos meus cachorros esta manhã.

Poedi a êle que me explicasse o que queria dizer.

— Supus, continuou Bráulio, que você o cederia pelo melhor tiro, motivo porque deixei a espoleta de dom Carlos sem munição, quando m'a entregou para carregar.

— Você fêz muito mal, observei.

— Não tornarei a fazer isto, e muito menos com êle, mesmo porque suponho que nunca mais caçará conosco. Ah, a senhorita Maria enviou mil recados para Transito. Sinto-me tão feliz que ela tenha aceito em ser nossa madrinha... e nem sei o que fazer para que ela o saiba! Até domingo próximo.

## RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

● Efraim, ainda criança, fôra mandado pelos pais a um internato educacional, em Bogotá, capital de seu país. Seus pais eram fazendeiros abastados no interior da Colômbia. Além dos filhos, criava o casal uma menina de nome Maria, filha de um irmão do pai de Efraim. Efraim e Maria se criaram como irmãos, embora não ignorassem a verdade. Quando Efraim, depois de seis anos de ausência, voltou à casa paterna, surpreendeu-se com a beleza da irmã de criação e o mais intenso amor se manifestou entre ambos. Os pais de Efraim não viram êsse namôro com bons olhos, pois que Maria sofrera um ataque suspeito de epilepsia — moléstia de que morrera a mãe — bem como porque o filho deveria ir à Europa, a fim de aperfeiçoar-se em medicina. Nesse interim, o médico que estava tratando de Maria declarou que a moça não sofria de ataques epiléticos, e que a vertigem que tivera não fôra causada por tal moléstia. Efraim parte para caçar, matando um tigre. Após descansar, regressa, e encontra em casa Carlos, que pretende a mão da moça. Debulhada em prantos, Maria é informada da pretensão. Recusa, no entanto, dizendo que é doente e que jamais pretende contrair matrimônio.

Saiu do pátio chamando seus cachorros com um assovio agudo que sabia usar em tais casos, premindo com o índice e o polegar o lábio inferior.

XXVII

Até então havia conseguido que Carlos não me fizesse confidência alguma sôbre as pretensões que em má hora para êle o haviam levado à minha casa.

Mas assim que nos achamos sòzinhos em meu quarto, ao qual me arrastou pretextando desejo de descansar e de ler alguma coisa, percebi que ia me colocar em difícil situação, do qual havia conseguido escapar até ali com a fôrça da manha.

Deitou-se em minha cama, queixando-se de calor; e como fôsse dizer que nos trouxesse algumas frutas, observou que não lhe faziam bem desde que tivera febres. Aproximei-me da estante perguntando-lhe o que desejava que lêssemos.

— Faça-me o favor de não me ler nada — respondeu-me.

— Você quer tomar um banho no rio?

— O sol me dá dor de cabeça.

Ofereci a êle um remédio.

— Não, não, isto passa, respondeu, recusando-o.

Golpeando a bota com o chicote que trazia nas mãos, bradou:

— Juro não voltar a caçada de nenhuma espécie. Caramba... Imagine que errar êsse tiro...

— Isto acontece a todos, observei, lembrando-me da vingança de Bráulio.

— Como a todos? Errar um veado nessa distância, só acontece a mim.

Depois de um curto momento de silêncio, disse procurando algo com o olhar pelo quarto:

**(Cont. na pág. 50)**



# Conversa de mulher

LIGIA JUNQUEIRA

## Apresente-se bela em seu baile de formatura

● Provàvelmente você está sonhando com a noite de seu baile de formatura. Há de querer apresentar-se bela, em sua melhor aparência. O vestido rodado e branco, algumas horas preparando-se, e o uso de um perfume delicioso, ajudam, mas não constituem o principal para sua beleza nesse dia.

Provàvelmente você quer se ver como no melhor de seus dias: bonita, olhos expressivos, cabelos brilhantes e bem penteados, pele clara e lisa, mãos macias... O vestido a porá em destaque, mostrando os seus braços, o rosto, e o colo... a elegância de seu corpo, e a pose de seu andar. Portanto, bastante tempo antes do grande dia, faça um exame em si mesma. Anote tudo que precisa corrigir ou melhorar, e... mãos à obra.

Não despreze os bons efeitos de massagens em todo o corpo com a escôva de banho. Ativa a circulação e melhora a pele. Também lembre-se de aplicar máscaras de beleza para a pele do rosto e do colo. Depois faça algumas massagens com um creme nutriente ou lubrificante no pescoço, ombros, braços, além do rosto, naturalmente. O próprio fato de passar você mesma o creme, já ajuda a melhorar a pele das mãos. Mas, se quer ser mais perfeita, durma com as mãos untadas dentro de luvas.

Os pés provàvelmente não aparecerão no grande dia. Mas ir a um bom pedicure, que lhe removerá calos e calosidade, lhe dará um andar mais firme e confiante. Se pretende usar um penteado diferente no dia da formatura, ou pintar-se com maquilagem especial, experimente uns dias antes.

Alguns cabelos ficam mais bonitos no dia do xampu, outros dois ou três dias depois. Observe como se comportam os seus cabelos e faça o xampu no dia conveniente.

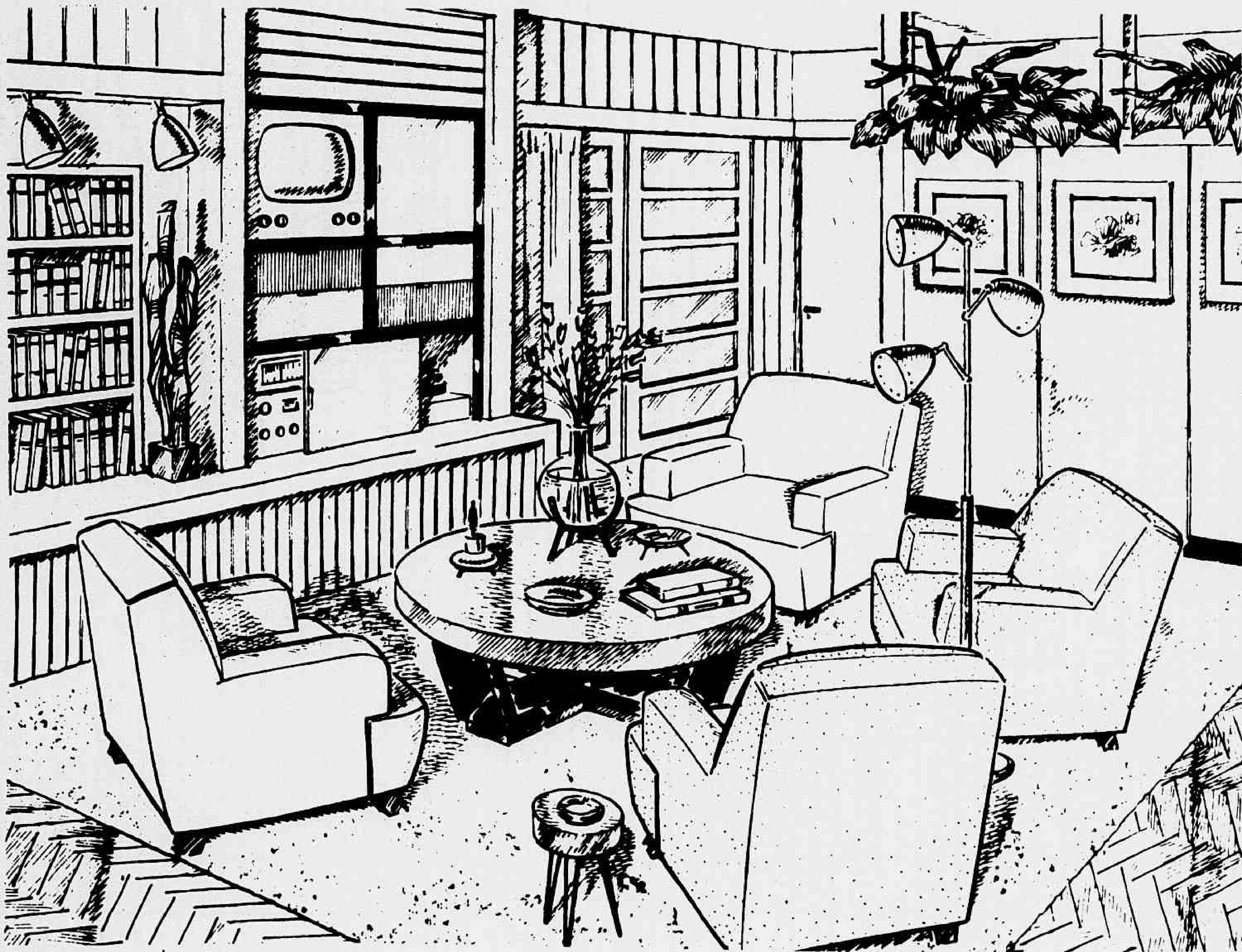
Está na hora. Chegou o momento de você se preparar. Ponha creme no rosto e mergulhe num banho tépido, para tirar a canseira do dia. Não poupe sais de banho e água de colônia. Depois de enxaguada e enxuta, passe no corpo uma boa loção balsâmica, que tornará a pele mais suave. Não se esqueça do talco e de um desodorizante para as axilas.

Aplique uma fina camada de base no rosto, ombros, colo e braços. Deixe que seque e complete a maquilagem com as côres que já deve ter escolhido antes. Escove os cabelos, e penteie-os no estilo que já experimentou.

Vista-se. Ponha algumas gotas de seu perfume predileto nos pulsos, atrás das orelhas e no colo. Vá para a festa confiante. Depois de vestida e pronta, não pense mais em sua roupa, para aparecer bem natural. Dance confiante, pois estará como nos seus melhores dias!

## SUGESTÃO PARA O LAR

**● Sala de estar própria para apartamento pequeno. O ambiente é moderno, porém com cunho levemente austero. As quatro poltronas, que constituem o grupo principal com a mesinha no meio, estão voltadas para o aparelho de televisão embutido na parede, e um pouco no alto, o que proporciona ótima visibilidade, permitindo que as pessoas se recostem confortàvelmente. Também o rádio e o toca-discos são embutidos, e disfarçados por portas de correr. Uma biblioteca completa a decoração dêsse lado. Já na outra parede, em ângulo, a decoração é bem diversa. Jardineiras altas, com folhagens, constituem nota agradável numa sala. Sob estas foram dispostos quadros com motivos florais.**





# WEEK-END NA COZINHA

● As festas de formatura estão chegando — é tempo de pensar em como celebrá-las. Constituem uma das mais gratas lembranças pessoais e você precisa servir nesse dia algo especial, quer a comemore em família ou convide os colegas de seus filhos.

Dê a mesa um tom festivo, vestindo alguns bonequinhos com becas que poderá recortar em papel crepom negro. Prepare uma bebida refrescante especial, já que o calor a tornará mais deliciosa. Experimente, por exemplo, uma dessas duas receitas, que são muito apreciadas pelos jovens.

## JULIPA

Misture uma xícara dágua com outra de açúcar, e faça um xarope no fogo, sem escurecer a calda. Deixe esfriar. Tempere com uma colherinha de noz moscada em pó. Acrescente uma xícara e meia de suco de laranja. Arrume a bebida em copos grandes, assim: dois dedos de gêlo picado, meio copo da mistura acima. Termine de encher com guaraná ou soda. Ponha por cima uma colherada de sorvete de limão ou de morangos. Enfeite com uma folhinha de hortelã ou uma pitadinha de noz moscada. (A receita dá 16 copos).

## SIRUBA

Tome um prato fundo bem cheio de morangos. Tire as folhinhas e os talos e passe-os numa peneira, para tirar as sementes da polpa. Junte aos morangos amassados meia xícara de suco de limão e uma pitadinha de noz moscada. Arrume a bebida nos copos: um quarto de xícara da mistura de morangos, dois dedos de gêlo picadinho. Termine de encher o copo com soda. Ponha por cima um pouco de sorvete de creme ou de limão. Enfeite com passas sem caroço, colocadas sôbre o sorvete. (A receita dá 16 copos).

## Notinhas Úteis

BÔLSAS DE NYLON — As bôlsas de nylon são muito práticas porque podem ser limpas com um pano embebido em água com sabão. Depois de limpas, passe outro pano úmido, esfregando bem, até enxugar.

BRONZE DOURADO — Os objetos de bronze dourado ficarão como novos se forem limpos com água e sabão, à qual se juntou algumas gotas de amônia. Use uma escôva macia para limpar bem as frestas e reentrâncias do relêvo.

PANOS DE PRATO — Os panos de enxugar pratos são tanto melhores quanto mais velhinhos. Por isso, não os jogue fora se estão bastante rasgados. Emende dois dêles, com costuras em volta e em diagonal. Durarão ainda bastante tempo.

TECIDOS QUE DESCORAM — Se você precisa lavar um tecido que descora, junte uma colherinha de ácido sulfúrico à água em que vai fazê-lo. Isso evita que a tinta descore.

ENCERADOS E LINOLEUNS — Convém saber que os encerados e linoleuns se estragam quando esfregados com: benzina, soda, amônia, sabão ou água demasiadamente quente.

IODO VELHO — A tintura de iodo guardada por muito tempo torna-se demasiadamente concentrada e pode ser prejudicial, em vez de curativa. Para usá-la, dissolva-a com um pouco de álcool puro.





## SEM TRABALHO

Eis o casal famoso, Porfirio Rubirosa e Zsa Zsa Gabor. Êle não pode trabalhar nos Estados Unidos, por isto está **zangada.**



## REVOLTA

Isto é o documento de uma violenta revolta popular, a favor do famoso contrabandista italiano Andrea Cecere, quando se anunciou que êle estava cercado num quarteirão do pôrto. As mulheres dominam, é claro, o bandido é simpático.

## FUGA

Antoni Klimowicz, protegido por um pelotão de policiais londrinos, é arrancado do navio polaco «Dabrowski, por ordem pessoal de Churchill. Klimoviz havia fugido da Polônia para a Inglaterra, e estava retido a bordo pelos comunistas.

# Por êsse mundo de Deus



## AUDREY

Eis Audrey Hepburn, a nova maravilha americana, surpreendida pelo fotógrafo quando passeava pelas lojas florentinas. Audrey foi participar do Festival de Cinema e achava-se incógnita na cidade natal de Dante, quando foi apanhado nesta atitude.







## A CASA DO GÊNIO

O gênio é Von Stroheim, e a casa é a sua, em Paris, para onde se mudou com sua mulher Denise Varnac. Stroheim hoje é escritor, e tudo em roda dêle lembra seus antigos sucessos no cinema. O estilo é inteiramente prussiano.

## O PRÍNCIPE

O príncipe Maurice de Hesse, filho da princesa Mafalda de Savóia, envolvido em graves acontecimentos políticos segundo as notícias.





## TRAGÉDIA

Eis o que sobrou após o terrível terremoto da Argélia, um macaco que passeia entre brinquedos abandonados. A fotografia parece de filme russo, mas é a última lembrança de um horroroso acontecimento que enlutou tantos lares da colônia francesa. Até hoje Orleansville ainda não regressou do seu pesadelo.

## O «CHÔRO»

Dança-se muito em Hamburgo, talvez para esquecer os desastres da guerra. A nova moda agora na melhor sociedade é o «chôro», tão nosso conhecido, e que dizem ser uma «dança brejeira com remexido das cadeiras»... Ah, se Ernesto Nazareth soubesse como iriam qualificar sua música... A verdade é que o «chôro» faz sucesso em Hamburgo.



SUA MAJESTADE DISCURSA — Eleita por velhos e jovens Constanza Magali Cardinalli é mesmo a rainha dos brotos da cidade de São Carlos.



NOS DIAS DE IMENSO CALOR o sãocarlense não quer outra vidda: «Um, dois, três», e lindos «brotos» se jogam prazeirosamente dentro dágua.

Um mundo de sorriso, trabalho, alegria e paz social

# SÃO CARLOS — CIDADE SEM CRIMES E SEM MISTÉRIOS

**40.000 HABITANTES QUE NÃO CONHECEM OS CORTIÇOS, NEM A DELINQÜÊNCIA INFANTIL. ★ UMA PISCINA PÚBLICA ONDE NADAR, DANÇAR E AMAR QUEBRAM A MONOTONIA DA VIDA E AFASTAM O DESESPÊRO. ★ AUSÊNCIA DE CASAS SUSPEITAS E LARES BEM CONSTITUÍDOS CARACTERIZAM A VIDA DE UMA POPULAÇÃO PROGRESSISTA E ORDEIRA DO INTERIOR DE SÃO PAULO.**

**Reportagem de ALDERABAM CAVALCANTI**

NO meio da paisagem brasileira, São Carlos, cidade de clima padrão (único em São Paulo, segundo o prof. Morise), é um verdeiro oásis, onde se pode trabalhar, estudar e divertir sossegadamente.

Distando da capital apenas 267 km por via férrea e 252 km por rodovia, São Carlos se constituiu um dos centros industriais mais importantes do Brasil, possuindo 370 fábricas, com mais de 6.000 operários e uma inversão de capital de 300 milhões de cruzeiros, com uma renda de 550 milhões. Sua produção é a mais variada, incluindo fábrica de lápis Faber, de geladeira (Climax), balcões frigoríficos, artefatos de couro, canetas, papelão, teares, balanças, artefatos de alumínio, ferro, adubos, fiação e tecelagem, laticínio, máquinas, prego, roupas, toalhas, lenços, meias, móveis, macarrão, bebidas, camas, etc. O seu comércio, embora pouco movimentado, é sólido; tem 470 estabelecimentos comerciais, nos quais trabalham 1.200 pessoas, com um movimento estimado em 80 milhões de cruzeiros. Pràticamente, não há ali problema de transporte, pois dispõe de 12 ônibus e 15 bondes bem conservados, além de 619 automóveis particulares e 57 de aluguel, 115 caminhonetas, 896 bicicletas!

A cidade está bem servida de diversões, com 6 cinemas (inclusive um de tela panorâmica), um Jóquei Clube, piscina municipal medindo 50 x 25, onde nadam crianças, velhos, moças, rapazes, patrões, operários, brancos e pretos, e onde para



TRABALHO ORDEM E HONESTIDADE é o que representam essas alegres operárias, que confeccionam os mais diferentes produtos de S. Carlos.

ser sócio basta pagar uma mensalidade de 15 cruzeiros. À noite, a piscina é um dos lugares mais freqüentados pela juventude sãocarlense, pois é ali que ela se encontra para o «flirt» e para a dança, que não pára um dia sequer, indo de domingo a domingo, no meio de um bom salão de festas. Essa piscina tem 350 sócios e é freqüentada pelos alunos do Colégio Diocesano, Escola Industrial Paulino Botelho, SENAI, SESI e Ginásio Julian Fawel. Ali, a disciplina é mantida sem dificuldade e durante 17 anos o número de pessoas eliminadas por desacato, desordem e furto, não subiu a uma dúzia.

Numa cidade de 40 mil habitantes não se vê indivíduos desocupados. Cêrca de 11.000 alunos freqüentam suas numerosas e diversas escolas e cursos públicos e particulares. O ensino noturno em São Carlos é dos mais movimentados e nem bem um cidadão acaba de se formar numa disciplina, já está matriculado noutra. Assim corre a vida do sãocarlense, sem a afobação que caracteriza as grandes cidades. Não apresenta, também, a monotonia das cidades pequenas, onde os seus habitantes ou vão para um bar beber até cair de costa, passear defronte a igrejinha da praça ou falar da vida alheia na próxima esquina.

Em São Carlos quem não é aluno é professor e, com freqüência, encontramos indivíduos que acumulam . . . Os rapazes e as moças que trabalham nas repartições públicas, comércio e fábricas não perdem tempo: freqüentam, à noite, as aulas. Para atendê-los, funcionam, a Escola Técnico Industrial, 24 cursos noturnos e dois grupos escolares mantêm aulas noturnas com alunos que vão dos 7 aos 70 anos de idade; 9 grupos escolares, com 107 classes, uma Escola de Engenharia, Escola Superior de Educação Física, dois Seminários, duas escolas técnicas, duas escolas industriais, três ginásios, SESI, SESC, SENAI, Escolas Industriais «Indústria de Meias Salum», do «Ginásio Pedro de Alcântara», «Indústria S. A. Johann Faber», «Indústria Arnaldo Antonioli», «Indústria Serrar Giongo S. A.», «Indústria Fiação e Tecelagem Germano Feher», «Fábrica São Carlos» e «Companhia Paulista de Eletricidade» e 20 Escolas Isoladas Municipais, são procuradas pelos alunos. Além disso, a cidade de São Carlos foi a primeira que, no Interior, instalou um curso de bombeiros auxiliares, muito bem recebido pela população, com uma freqüência numerosa, tendo como alunos, industriais, operários, vereadores e técnicos. Os rapazes que passaram por verdadeiras provas de fogo (e dágua, também) animaram os que ficaram de fora. Resultado: uma segunda turma composta de 51 alunos, disposta a apagar qualquer incêndio. Ao lado disso, as mocinhas organizaram um Curso de Instrutoras de Proteção Contra Incêndio (o primeiro no interior do Brasil) que já conta com 61 alunas matriculadas, entre operárias, normalistas e comerciárias. Na segunda turma de bombeiros auxiliares ingressou o vereador Bruno Panhoca

São Carlos tem menos de 15% de analfabetos e é uma cidade sem crimes. Nas ruas não vemos mendigos e os desajustados vão ao Abrigo Noturno, de onde são encaminhados para uma fábrica, uma fazenda ou, se doentes, internados num hospital.

Tanto assim é que a lista de crimes praticados em 1954 é: lesões corporais, 29; calúnia e injustiça, 1; homicídio doloso, 1 (a morte de um milionário); crime contra a economia popular, 1; crimes contra a honra, 3; furtos, 5; contravenções penais, 2; estelionatos e fraudes, 3; abandono de menor, 1. Quanto a desquites poucos se registram, pois o juiz Eli Lopes Meireles resolve os casos assim: abandono da família, pagamento obrigatório de 1/3 ou metade do ordenado, cobrados e fiscalizados de tal forma que o marido, numa terra em que não há bordéis, o jeito que se tem é fazer as pazes com a espôsa . . .

Na vida religiosa de São Carlos, onde predomina o elemento católica o espiritismo tem poucos adeptos (600), o budismo 55 (japonêses), israelismo 41 e enfim, ao lado do ordotoxismo com 101 adeptos, aparece o maometanismo com 1 único representante que, no dizer do escritor jornalista Enéas Camargo (Prêmio Centro Informações da ONU — 1952) tudo fêz para aparecer nas estatísticas . . .

É em São Carlos que está sendo construída uma catedral cuja cúpula é maior que a de São Paulo.

Em São Carlos o futebol não tem vez. Na terra, o povo gosta é de bola ao cesto e o quadro da cidade é o famoso Campeão do Interior de 1953/1954. A natação é muito praticada e o Jóquei Clube tem bom movimento. Como ponto de diversões da elite, o São Carlos Clube é o preferido, dispondo de ótimas instalações e uma sede, que é um dos prédios mais interessantes da cidade, em estilo romano. É lá que, aos domingos, a juventude dança até a madrugada, esquecida dos números de matemática, voltada para os números musicais... e os lindos olhos das meninas sãocarlenses . . .

**DEFEITOS E VIRTUDES**

Virtudes: o sãocarlense não é bairrista nem brigão, a cidade tem boas praças públicas, suas ruas são limpas e calçadas; e o povo é, em geral, amável.

Defeitos: falta luz, quase sempre, como nas outras cidades de São Paulo; o abastecimento dágua está precisando de ampliação; os telefones não automáticos mexem com os nervos de qualquer um . . .

Dos visitantes que a cidade recorda sempre, Pedro II, Euclides da Cunha (que construiu o prédio da Delegacia de Polícia) e o Rei Alberto da Bélgica são os mais queridos. Na época em que Pedro II visitou São Carlos fêz uma grande doação: 100 mil réis para as instituições de caridade e 100 para construir uma biblioteca. No Ginásio Diocesano de São Carlos estudou o prof. Garcez, onde se preparou para a Escola de Engenharia e, depois, para o govêrno de São Paulo.

Dificilmente, encontra-se, nas ruas de São Carlos, um bêbado e o único cabaré existente fica há quase dois quilômetros da cidade. Chama-se «Trevo de Quatro Fôlhas» e tem apenas cinco «mariposas» na sua vida noturna. O maior acontecimento social da cidade, nos últimos meses, foi a coroação da rainha, srta. Constanza Magali Cardinalli, em meio a uma bonita festa, nos salões do São Carlos Clube. São Carlos espera comemorar o seu I Centenário em 1957, com um ótimo hotel de 6 andares para abrigar seus hóspedes, água nas torneiras, luz em abundância e outras coisas.



**BELDADES em desfile na bela piscina de S. Carlos.**



**GRAÇA E BELEZA — Hilda Califf, professôra de Educação Física, é uma das contribuições para reforçar o esplendor da piscina de São Carlos.**




**CAMPEÕES de bola ao cesto do interior paulista (1953-54), os rapazes do S. Carlos Clube conseguiram firmar-se no conceito do seu povo, numa terra onde o futebol não tem vez...**



PERNAMBUCO COMEÇOU CEDO, COM ETELVINO LINS EMPENHANDO SUA PALAVRA.

# PANORAMA POLÍTICO DO NORDESTE

## ALAGOAS — PARAÍBA — PERNAMBUCO

por **DEMÓSTENES VARELA**

O Nordeste já não se apaga na política, abafado pelos casos do Sul, do Distrito Federal e dos grandes Estados.

Agora mesmo, nas eleições para a renovação do Senado, constituição da nova Câmara e substituição de alguns governadores, o Nordeste entrou nas grandes perspectivas, figurando galhardamente na curiosidade e no interêsse da opinião brasileira. Pernambuco começou cedo, tentando liderar um movimento de âmbito nacional, interrompido com a morte do Presidente Vargas, no cêrco de quem, por fim, se processava o empenho do governador Etelvino Lins. Êste se manteve firme no seu prélio local de conquista do govêrno como cabeça de ponte, uma das cabeças de ponte da ação que, embora sob circunstâncias diferentes é objetivo variado, se pode reiniciar a qualquer hora.

Não só Pernambuco, as outras unidades da região foram palcos de lutas sensacionais, edificantes para suas populações e para a Democracia, com resultados nem todos dentro dos cálculos que pareciam mais certos. Cálculos que não se formam a êsmo, senão pela posição reinante dos partidos, seus precedentes, seu otimismo, suas informações.

As urnas estão revelando em tôda parte o pêso da vontade do povo, dêste povo que outrora era o rebanho a marchar às cegas para onde o conduziam seus pastores e hoje, com alguma instrução e a consciência aberta pelas decepções, decide como quer no sigilo do voto. Se a clarividência ainda não é perfeita e a fôrça econômica interfere perturbando a evolução, o fenômeno representa já um avanço encantador sob o obscurantismo e as influências tirânicas do passado.

Os partidos de certo são indispensáveis como corpos de ordem e disciplina jurídica, tendo, porém, na opinião um tanto volúvel das massas o fiel da balança das decisões finais.

Estamos apreciando no Nordeste interessantes casos de autonomia da vontade popular, sendo pena que, na ida e volta do avião, não nos sobre tempo para a observação mais miúda do que nos encarregou a «REVISTA DA SEMANA», dando-nos uma liberdade de que só precisamos para ouvir as melhores vozes e trazer os fatos à luz das cifras.

★

Em Alagoas as coisas correram a contento do governador Arnon de Melo que ali cataliza as fôrças da U.D.N. e que, apesar de hostilizado pelo P.S.D. e P.S.P. e outros partidos de menor porte, ou porque êstes providencialmente se dividem, fêz os dois senadores e a maioria das representações na Assembléia do Estado e na Câmara Federal.

Não se configura aí qualquer surprêsa avassaladora. O fato relevante é a consolidação da queda dos Góis Monteiro que de desunião em desunião se foram reduzindo como fôrça em Alagoas até o esfacelamento de hoje.

Houve um instante em que as estrêlas de General do Góis mais velho, cheias de benemerências revolucionárias, comunicando autoridade e interêsse a suas constantes entrevistas, supria as falhas e fortalecia o prestígio dos outros. Brigou Silvestre com Ismar, brigou Ismar com Silvestre e agora brigaram ambos separados e brigaram com os que os ajudaram nas mútuas brigas antigas. É verdade que êstes dois Góis mais novos são ainda capazes de iniciativas e lutas, mas o escorregão foi terrível e o nome do general Pedro Aurélio de Góis Monteiro, retraído por doença e reforma política, já não é um pálio para cobrir os seus em Alagoas.

★

Surprêsa foi na Paraíba, onde as secções unidas do PSD. e do P.L., sabidamente poderosas e contando por fim com ajudas parciais do P.T.B., perderam os senadores para a U.D.N. que se achava abatida por mais de uma derrota fragorosa. Embora contasse agora com o P.S.D. que não é tão numeroso e com o subsídio ainda menor do P.R., a U.D.N. estava desfalcada de muitos dos seus primitivos elementos e uma certa barafunda em meio desta última luta. A barafunda vinha do rompimento de uma aliança que também lograra com o P.T.B. e da emoção da morte trágica de Getúlio, explorada por todos os adversários do partido do brigadeiro. O rompimento não fôra por questão vertical de princípio, considerada inoportuna para quem busca o êxito imediato, mas por uma questão horizontal de dinheiro em que o partido getulista se dava por logrado. O P.T.B. paraibano trabalhou sòzinho, muito fiado na inspiração da carta do chefe morto, não fazendo má figura na capital mas afinal ficando abaixo do quociente de vitória, a não ser para um ou dois deputados estaduais. Perdendo o apoio dos trabalhistas, não se fêz esperar a reação da U.D.N. que logo obteve atrair para seu campo trabalhistas e libertadores que os desgostos, o jôgo, os interêsses da luta foram deslocando. Até os comunistas acorreram em auxílio, fraco e incompleto, mas preciso como achega de última hora.

A Coligação P.S.D.-P.L., lastreada no poder e no valor de chefes como os srs. José Américo e Rui Carneiro, conquistou a maioria na legenda dos deputados federais e fará a maioria da Assembléia Legislativa, uma das chaves do poder no Estado. Mas perde com os seus candidatos Assis Chateaubriand (P.S.D.) e Virgínio Veloso Borges (P.L.) ao Senado.

Como se explica a preferência eleitoral pelos srs. Argemiro de Figueiredo e João de Arruda, o primeiro até ontem malogrado nas urnas e o segundo um hóspede noviço da política? Uma questão de princípios? Não, que os princípios são iguais, ou não são nenhuns, ou não estiveram em pauta. Uma questão de nomes? Não também que, os quatro são bem qualificados e ilustres, uns mais em letras, outros mais em poderio econômico, todos em capacidade e intuitos de servir à Paraíba.

A influência financeira não pode ter predominado porque o sr. Virgínio é mais opulento que o sr. Arruda e o sr. Assis Chateaubriand tem patrimônio e poder de levantar recursos dez vêzes superiores aos do sr. Argemiro. Outras causas se apontam que se não forem verdadeiras bem parece que se aproximam da realidade. Comentam que o sr. Assis perdeu muito pelas suas excentricidades intelectuais e de maneiras, sem dúvida de efeito em outros meios, mas chocantes para aquêle povinho bravo, independente e aborrecido da Paraíba.

Os estudantes businaram contra o jornalista a tecla de advogado de trusts e de haver sugerido em artigo nos Associados a subordinação da «pequenina e heróica» a uma unidade econômica e política encabeçada por Pernambuco, dentro da federação. E outras explorações se deram, capazes de impressionar ouvidos desconfiados e a escuta. Apresentaram-no às mulheres eleitoras como o boêmio de Corbevile. Torcendo o sentido de uma evocação sociológica, inquinavam de depreciativa sua maneira de apresentar o sertanejo como um cangaceiro de sángue. E apesar de Assis vestir-se de couro como homenagem a um típico folclórico de sua terra, procuraram apresentar o fato como uma contrafação grotesca e insincera de super-civilizado.

Mas porque também perde o sr. Virgínio Veloso Borges, cujo nome, cujos modos, muito acatados na Paraíba, os adversários não porfiaram destruir? Está claro que, em maioria, quem votava em Argemiro votava em Arruda e nessa escora mútua perdiam os que também estavam juntos do outro lado.

Aventam ainda que o povo sentiu o excesso da hostilidade contra o sr. Argemiro de Figueiredo e quis compensá-lo com uma chance pessoal de vitória. Aliás esta hipótese mais se confirma em relação ao sr. Plínio Lemos, ontem quasê massacrado em Campina Grande, quando lhe quiseram dar responsabilidade no assassinato do vereador e tribuno Felix Araújo, e hoje candidato consagrado na mesma cidade com uma votação só em pouco excedida pela do sr. Argemiro.

★

Cleofas tem serviços a Pernambuco, tem amigos, tem dedicações, teve aliados fortes treinados na luta. Contou com a ala discrepante do P.S.D. Teve ao seu lado as fôrças do P.T.B. ainda animadas pelos eflúvios do testamento do Chefe. Colheu ainda uma aura das promessas não de todo burladas do comunismo. Formou enfim um elemento capaz de contrabalançar partidàriamente fôrça dos contrários.

Mas perdeu vendo ganhar Jarbas Maranhão que também rompera laços e abraçara a mesma causa chamada autonomista, mas tudo o fizera firme, descoberto, escorreito.

O povo, a massa flutuante que podia inclinar-se para Cleofas como se inclinou para Jarbas, lavrou um julgamento que ficará como exemplo. Pernambuco foi a cúpola das reações espetaculares.

O sr. Etelvino Lins, governador e chefe do P.S.D., levantara em tempo uma bandeira apartidária, como tentativa de unificação das fôrças estaduais para formar um baluarte de seu conhecido esquema. E o candidato escolhido foi o general Cordeiro de Farias, ligado à corrente militar que começara a pôr em cheque o prestígio do Presidente da República. Por parte da U.D.N., o sr. João Cleofas comprometeu-se cedo no apoio da solução. Comprometeu-se sem divisar a pressão a que teria de se curvar, menos, de certo, de suas ambições que da maioria de seu partido e da alta esfera onde acabava de servir como ministro e a cujo domínio parece que se afeiçoara de todo. Comprometeu-se em afirmação insofismável, falada e escrita. Foi a conta para que depois, quando voltou atrás, sentisse deprimida a fôrça moral com que teria de dirigir-se ao povo. Debalde sua campanha apelou para o bairrismo e o civilismo dos pernambucanos, alegando as condições de gaúcho e de soldado de Cordeiro de Farias.

Etelvino não precisou lembrar precedentes antigos nem situações iguais em outros Estados. Nem opor que a farda de um candidato não escondia, antes realçava, a figura de um democrata. Bastou gritar que Cleofas havia dado uma palavra e faltado a esta palavra na hora de cumprimento.


GÓIS MONTEIRO


JOÃO CLEOFAS


CHATEAUBRIAND

NOTÁVEL

# O ANUÁRIO DO ESPORTE ILUSTRADO




1954

Cr$ 20,00

**ESTÁ A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE REVISTAS DO BRASIL**

Pedidos pelo Reembôlso Postal à redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio

# "FRANKEL"

INTERINO

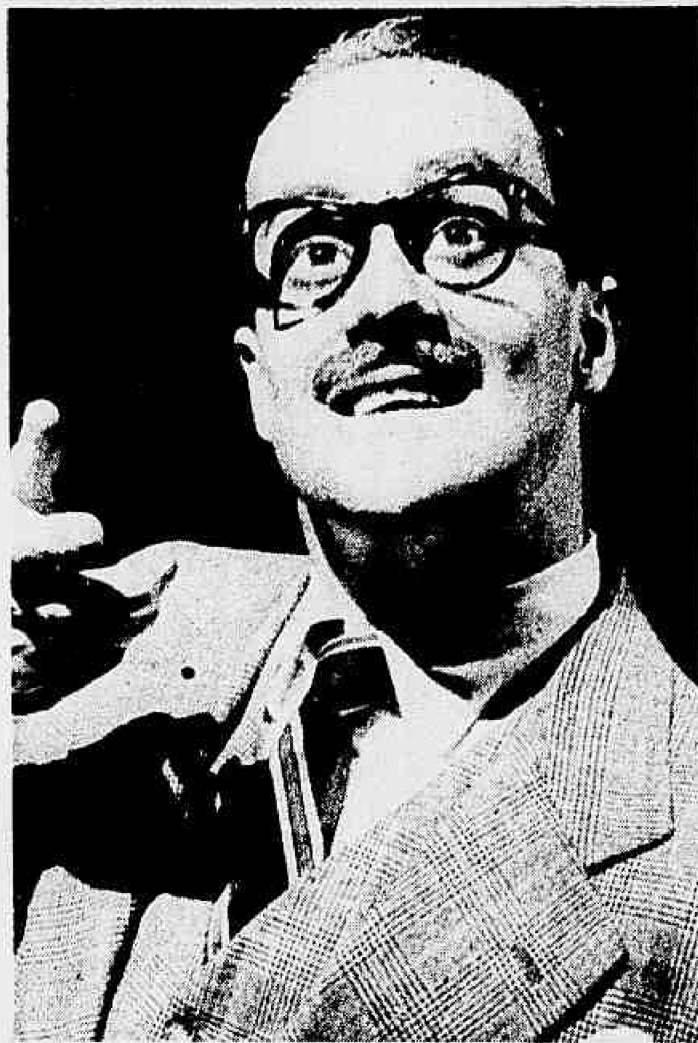
## DE A. CALLADO, NO DUSE

● Pode discutir-se o critério que orienta a escolha do repertório do Duse; e não é impossível que alguém preferisse ver êsse teatro experimental, que vive tão só da generosidade e admirável vontade de Pascoal Carlos Magno e dos sacrifícios que êle, em sua incontida paixão teatral, impôs a si mesmo e a familiares e amigos, lançar-se à tarefa de dar vazão, em seu palco, às lucubrações dos possíveis Ionescos, Ghelderodes ou Becketts aborígenes, aos quais falta, e faltará durante não se sabe ainda quantos lustros, qualquer oportunidade de se verem representados; uma tarefa semelhante, ainda que em têrmos literários diferentes, àquela que avocaram a si, no Renascimento italiano, os teatros de côrte, ao encenarem Tasso, Ariosto, Guarini ou Maquiavel contra o teatro «dell'Arte», ou profissional, que lhes preferia os «lazzi» dos Zanni e a chamada comédia improvisada (que era premeditadíssima). Mas, certamente, não é obra menos lídima e digna de encômio a que êle prediligiu, de ser como campo bem amanhado para receber sementes de plantas que se supõem capazes, logo depois, de medrar viçosamente no terreno do teatro normal. E deve constituir invejável satisfação ver descer de Santa Teresa, para ir ao encontro das grandes platéias citadinas, peças como «Lampião», de Raquel de Queiroz, ou, provàvelmente, êsse «Frankel», última fadiga de Antônio Callado.

A obra é apontada, por críticos de alta sabedoria, como uma das mais sérias candidatas ao prêmio da crítica dêste ano; e fôra suficiente isso, aliado à nomeada que seu autor já granjeou nesse e noutros terrenos das pátrias letras, para impor-nos o dever de julgá-la sem a condescendência e fora do critério de relatividade que costumam adotar-se, nem sempre prestando-lhes um serviço e, em todo o caso, faltando-lhes um pouco com o devido respeito, em relação aos autores nacionais, principalmente quando em início de carreira.

A peça de Antônio Callado, aparentemente desambiciosa, é, na realidade, ambiciosíssima. Essa personagem de Frankel, da qual se fala o tempo todo sem que apareça em cena — pela simples razão de que já morreu ao subir o pano para o primeiro ato — tem um ar como que de mera alusão a algum ser real ou verídico e, seja como fôr, é apresentada como uma «donnée» inicial, histórica ou inventada, que o espectador tem de aceitar sem discuti-la; tal como, por exemplo, no «Edipo rei», de Sófocles, o assassínio do rei Laio na Fócida, no ponto em que a estrada de Tebas se bifurca para levar a Delfos e a Dálio; e a peça nada mais seria, pelo seu tom geral e estrutura compositiva, do que uma crônica documental que lhe reconstituísse a personalidade, narrando as conseqüências de certos atos seus. Mas é na interpretação dessa crônica que o autor faz intervir elementos variados e ambiciosos. Há um estudo de ambiente através das relações daqueles quatro personagens perdidos na selva, no cumprimento de uma missão que três dêles, ao menos, já acham demasiado pesada; a criação de um clima, no sentido que à palavra poderia conferir um Lenormand, que favorece o desencadear-se das paixões mais primitivas; há o embate de teses entre as atitudes que se atribuem ao «superhomem» Frankel, cientista de evidentes pendores nietzschenianos agravados por leituras de Freud, e as do modesto funcionário do Serviço de Proteção aos Índios, que ainda acredita na bondade ativa, com a glorificação final dêste último; e há, inclusive, obedecendo a uma técnica que, antes de ser das peças policiais, foi de Sófocles, no mencionado «Edipo rei», o claro intuito de criar uma situação de «suspense» mediante a paulatina revelação dos fatos que conduziram à morte do invisível protagonista e que acaba invertendo as posições iniciais das personagens. Medida com o duplo-decímetro das boas regras da literatura dramática, a peça apresenta-se bem arquitetada; e os diálogos, ainda que, num ponto ou noutro, com algumas demasias literárias, a vão conduzindo hàbilmente pelos caminhos que o autor pretende fazer-lhe seguir. Mas, talvez, seu principal pecado seja, justamente, o de deixar aparecer, na realização, o arcabouço construtivo. Os vários elementos se revezam, se justapõem, se entrelaçam, mas, a miúdo, mais indicados do que plenamente elaborados e sem se fundirem em unidade. Falta à peça, parece-nos, um «quid» que lhe dê maior vibração, um fogo de inspiração central que, comburindo a matéria, a faça repercutir em ecos mais profundos no espírito do espectador. Para usarmos uma frase que uma das personagens lê num caderno de apontamentos de Frankel, diríamos que há nela muita tinta e pouco sangue, mais literatura teatral, de bom quilate, do que pròpriamente drama; daí, talvez, aquela certa monotonia que nos pareceu insinuar-se, como invisível pó, por entre a rica, elevada e variada temática.

É possível que o ritmo da direção de Nina Ranewski, um pouco lento, tenha contribuído para acentuar essa impressão. Louvem-se, em todo o caso, os esforçados jovens do Teatro do Estudante, que interpretaram a obra com bela segurança dos respectivos papéis e, em muitos momentos, fazendo-nos quase esquecer sua qualidade de amadores.



Tão cedo o permitir o furioso sucesso de «Inimigos íntimos», cujas receitas de bilheteria excedem qualquer expectativa, o Teatro Brasileiro de Comédia levará à cena, no Ginástico, outro dos seus grandes êxitos paulistas, «Seis personagens à procura de um autor», de Pirandello. Aqui temos o excelente Paulo Autran no papel do «Direttore-capocomico».

## FESTIVAL DO RIO DE JANEIRO: YARA BERNETTE

● Iniciou-se o Festival do Rio de Janeiro, edição de 1954, organizado pela Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal, sob os mais felizes e, ao mesmo tempo, os mais deploráveis auspícios.

Feliz foi a apresentação da pianista Yara Bernette. Um programa de elevado teor artístico, um domínio absoluto de todos os recursos técnicos, uma interpretação de altíssima classe; por vêzes, o ouvinte desprevenido e que fechasse os olhos, como costumam fazer alguns melômanos, poderia pensar no vigor e na finura interpretativa de um Arthur Rubinstein, inclusive naquele leve toque de «Schmalz», como dizem os alemães, que aponta nalgumas passagens de seu Chopin. Mas trata-se de uma artista já consagrada internacionalmente, certamente uma das mais marcantes personalidades do teclado de que realmente possa ufanar-se o nosso país; e uma análise pormenorizada do seu recital seria, aqui, supérflua.

Deplorável foi que, por insuficiente preparação publicitária, deficiência de organização ou seja lá o que fôr, tão reduzido público comparecesse ao Municipal para apreciar-lhe o valor e deleitar-se com a sua grande arte. Até a colônia germânica, que para cá trouxe seu gôsto tradicional à boa música e que floreia de embevecidos «Wunderschoen!», «Fabelhaft!», «Begeisternd!» as manifestações da Cultura Artística, da A. B. C. e da Pró Arte, faltou ao encontro. E de nada valeu que aquelas duzentas ou trezentas pessoas de sorte que se encontravam presentes ao recital multiplicassem seus aplausos, como se cada uma delas tivesse adquirido, milagres do entusiasmo, alguns pares de mãos suplementares: o estôfo de um número excessivo de poltronas vazias não deixava margem, absorvendo parcialmente o ruído das palmas, para qualquer ilusão estatística.



A pianista patrícia Yara Bernette, que inaugurou, com seu belíssimo recital, o Festival do Rio de Janeiro, no Teatro Municipal.

# EM PÉ DE GUERRA A TABA DOS BARIRIS

**Ecos da malograda viagem do Olaria ao exterior. ★ Mil e cem dólares por jôgo, vinte e nove partidas e nenhum lucro. ★ Many, derrotado nas eleições, abandona o clube, zangado com o quadro social. ★ Antigo paredro alvi-anil, Rachid Bunahum, foi quem segurou no "rabo do foguete". ★ Aonde está a "raça"? ★ Duzentos mil cruzeiros resolveriam a crise. ★ A palavra do novo presidente, do chefe da delegação, e do que rejeitou a proposta de assumir o cargo.**

**Reportagem de SÉRGIO SILVEIRA**
**Fotos de ALBERTO FERREIRA**

Os ânimos não andam muito calmos lá pelo Olaria. O clima é quente e o disse-me-disse está em voga na «Tribo dos Bariris». Gente que acusa, que defende e outros que procuram contornar a situação do clube, tocando para frente de qualquer jeito, visando ùnicamente os interêsses do próprio Olaria. Êsses, entretanto, são em número inferior aos primeiros, o que é de lastimar. E quem sofre com esta confusão é o grêmio da antiga rua Cândido Silva, que está quase na bancarrota, tendo em caixa uns poucos cruzeiros restantes de sucessos passados.

A brincadeira começou pouco depois do embarque da delegação alvi-anil para o estrangeiro. Muita propaganda, muitos votos de felicidade e algumas alegrias, no princípio. Não tardou porém que por volta do quarto encontro realizado no Velho Mundo, tivesse início a melódia: o empresário incumbido da viagem, sr. José Gama, achou que estava tendo prejuízos na campanha que empreendia. Entrou então em entendimentos com o sr. Italo Pereira de Morais, chefe da delegação, revelando-lhe o seu intento de não prosseguir com o time em gramados estranhos. A notícia estourou como uma bomba entre os paredros olarienses, sendo então tomada a deliberação de gratificar o empresário, que se dizia prejudicado, com a renda de um prélio em cada três que êle se comprometesse a arranjar semanalmente. José Gama viu novos horizontes para a situação e o Olaria voltou a jogar, depois de ficar inativo por vários dias, completando nada menos de vinte e nove partidas. Todo mundo queria ver o quadro brasileiro, dessa forma, avolumavam-se as fixações de datas e o valor da equipe.

Novos compromissos eram marcados, um sem número de contratos assinados, comprometendo levar o time carioca aos países interessados. A fama foi tanta que houve até quem ficasse logrado, apesar de possuir contratos assinados (arbitràriamente), como no caso da Tunísia, que, notando o «conto» em que caiu, reclama até hoje, por intermédio da Liga Francesa, ao atual presidente do Olaria.

Para culminar, de volta ao Rio, o sr. José Gama, alegando prejuízos fantásticos, não pagou à Panair o dinheiro da compra das passagens da delegação, tendo saído do clube a quantia de oitocentos e seis mil cruzeiros referentes à fiança das mesmas. Não ficou por aí o caso da malograda viagem. Imaginem que um clube que atuou vinte e nove partidas no exterior, e que deveria ganhar mil e cem dólares em cada uma, volta a seu país sem um níquel de lucro, e ainda cheio de despesas que não foram liquidadas até hoje. Como é que pode? Um milhão e quinhentos mil francos era a quantia que a Tunísia pagaria para ver o quadro «bariri»... Será possível que um empresário que estivesse em dificuldades financeiras desprezasse tal oportunidade?

Quem é o culpado da viagem fracassada? Aonde está o relatório oficial que não foi ainda entregue à diretoria do clube? Por quê?

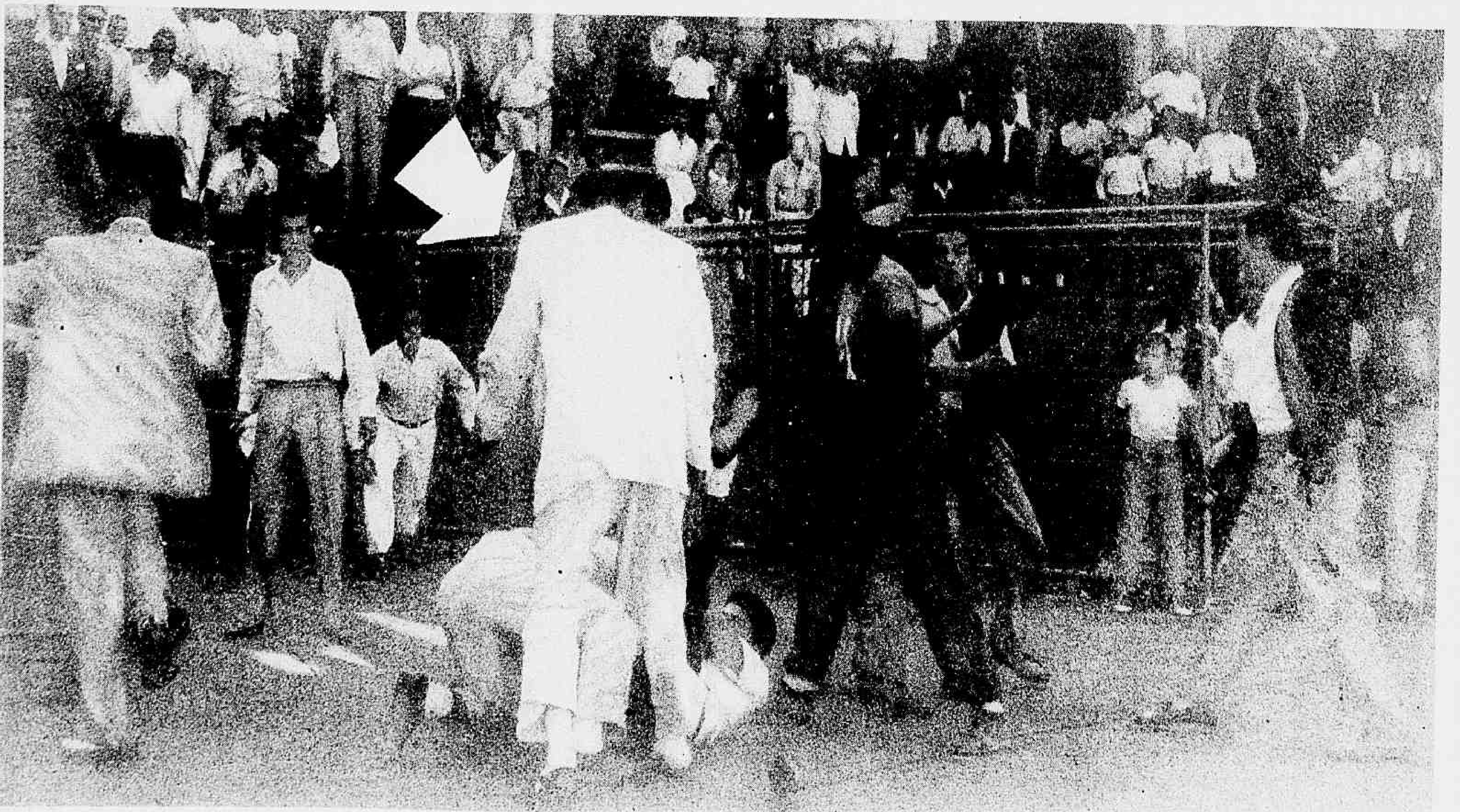
★

O tempo foi passando e novas agitações surgindo. Agora de caráter político. Muitos candidatos, «velhos olarienses», lançaram-se às eleições de três de outubro passado, inclusive o próprio ex-presidente Many Crockat de Sá. A propaganda eleitoral ia se processando ativamente, cada um contando com os votos do quadro social e fazendo fôrça para a vitória nas urnas. Chegou o dia 3 e com êle as decepções. Vieram o «chôro», as dores de cotovelo e as decepções. O sr. Many, desgostoso com o desprestígio e verificando o abandono a que o haviam colocado na votação, deixou a presidência, alegando estar cansado pelos esforços despendidos em sua campanha. Dias depois o 1º vice-presidente, sr. Antônio Passos, apresentava também a sua demissão.

Viu-se então o Olaria sem o seu dirigente e o suplente imediato. Abandonado, cheio de problemas a resolver. Esquecido quando mais precisava da cooperação de seus homens. Em crise iminente...

**QUEM É O NOVO ADMINISTRADOR DO «CLUBE BARIRI»**

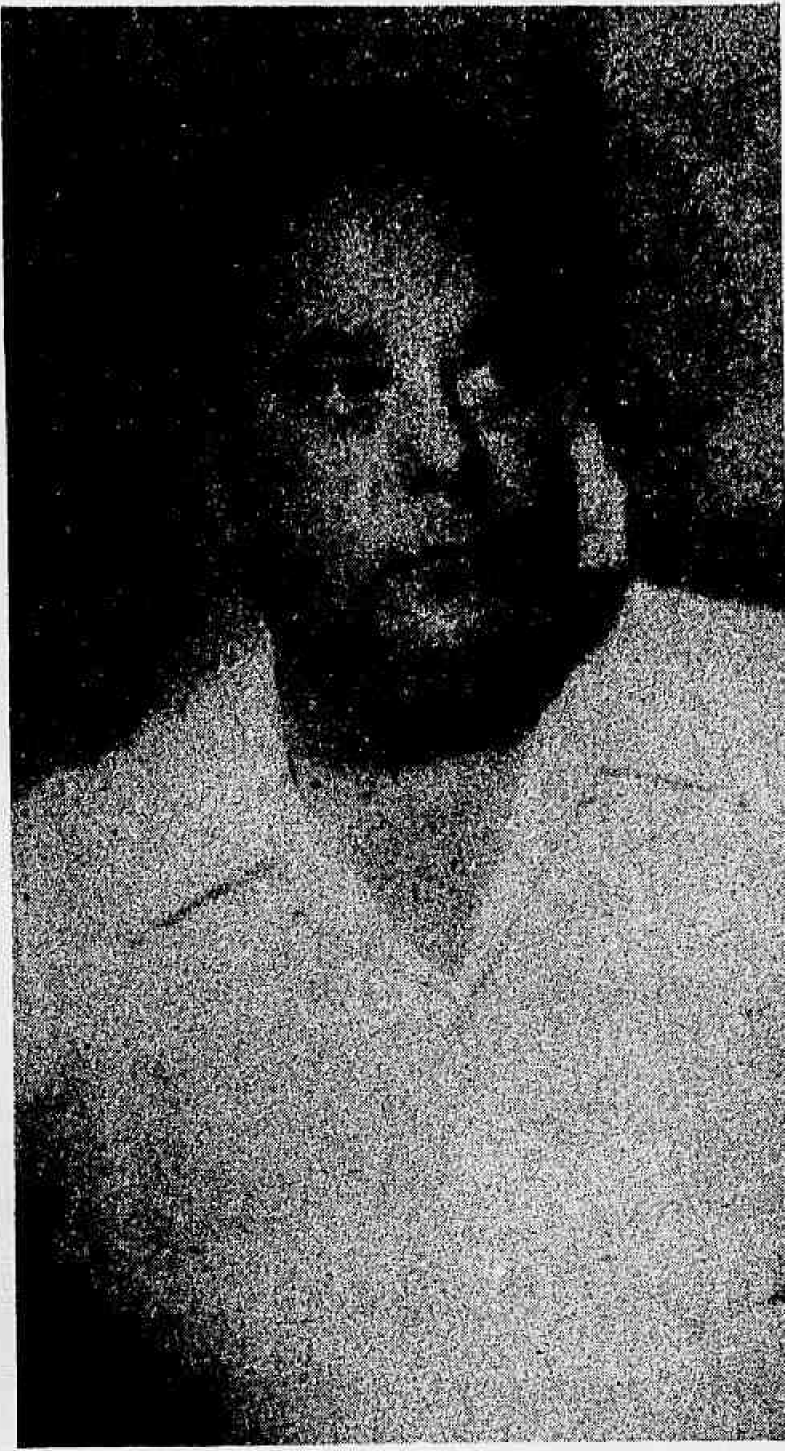
Rachid Bunahum, antigo adepto olariense, que ocupava na ocasião o cargo de 2º vice-presidente,



**Many Crockat de Sá, o ex-presidente do clube. Derrotado nas eleições passadas, abandonou o cargo «de mal» com a torcida. Seus antagonistas políticos levantaram o boato de que o candidato havia tentado contra a vida, desgostoso com as acusações que lhe foram feitas ao deixar a direção do tradicional grêmio. Na foto, Many quando resolvia um «sururu» em Bariri, a pontapés, motivo porque ficou de costas...**



**Italo Pereira de Morais: — «Nada de anormal aconteceu durante a estada do Olaria no estrangeiro. Não houve deslise financeiro de parte do empresário José Gama. Posso afirmar que êle também teve prejuízos e acusar o tesoureiro da delegação de manobrar ilicitamente com o dinheiro ganho na recente viagem ao Velho Continente».**



**Adriano Rodrigues: — «Tudo que depender de mim para vencer a crise estarei à inteira disposição do clube. E' preciso que se desfaçam as panelinhas de conversas fiadas e que se discuta problemas que visam beneficiar o interêsse do Olaria. Muita harmonia, meus amigos, porque do contrário não haverá nem pão nem migalhas. Compreensão!»**



**Rachid Bunahum é o «valiente» do momento. Seu espírito de luta, a calma que o caracteriza e a energia de suas ações foram o paliativo imediato que estagnou a crise em seus primeiros dias. Êle já foi «bandeirinha», juiz, jogador e até presidente em exercício, em outras oportunidades, e volta, agora, ao cargo máximo da entidade de Olaria.**

foi quem pegou no «rabo do foguete». Comerciante de origem libanesa, já em diversas oportunidades ocupou cargos de projeção na diretoria alvi-anil, já tendo sido mesmo dirigente em exercício, de outras feitas. Foi Rachid Banahum quem contribuiu com a metade do «quantum» exigido para a aquisição da atual praça de esportes; quem manteve, do seu próprio bôlso, o quadro de futebol por vários anos; quem construiu, sem um tostão de gastos para o clube, a magnífica quadra de basquete do Olaria; e foi o primeiro signatário do livro de ouro da agremiação, com a quantia de dez mil cruzeiros.

★

Encontramos o atual dirigente em sua casa. «Doente» pelo seu clube, tratou de tranqüilizar-nos:

— É uma crise como as outras. Isso há de passar, vocês vão ver.

Quando procuramos entrar mais objetivamente no assunto, gentil mas enérgico em suas declarações, salientou:

— Pouco posso adiantar no momento. Estou cercado de elementos à altura do clube e acho que não será muito difícil sanar os problemas atuais. De resto, tudo está ainda muito quente para ser resolvido. O tempo trará de volta a harmonia, tenho certeza, e aí tudo se normalizará.

— Por quanto tempo permanecerá na direção?

— Até as coisas melhorarem. Não ficarei definitivamente. Até novembro, mais ou menos. Já dei o melhor de minha mocidade ao Olaria. Fui jogador, juiz e até bandeirinha. Estou meio «passado» para isso e muita gente nova existe, candidata ao meu lugar. Ademais, não sou brasileiro, e nada é mais interessante para um clube carioca do que ser administrado por um natural do Estado.

★

Procuramos ouvir depois a palavra do chefe da delegação ao estrangeiro. Não foi difícil levar a conversa ao encontro de nossos objetivos, visto que o sr. Italo Pereira anda aborrecido com o que se tem falado a seu respeito:

— Devo declarar, aos que me desconhecem, que sou mais pobre do que Jó. Não foi esta a primeira excursão que fiz com o Olaria, e se, por motivos alheios à minha vontade, não fui feliz como na que realizei no início do ano ao sul do país, a culpa, repito, não foi minha. Se não trouxemos dinheiro, o que não é verdade, pois voltamos ainda com um milhão e duzentos mil cruzeiros, aproximadamente, a culpa foi da falta de sorte do clube em não possuir um tesoureiro leal em sua delegação e de se haver comprometido com um empresário cheio de serviços e pouco feliz em suas tentativas. José Gama não ganhou dez centavos na emprêsa, posso afirmar. E, pelo contrário, ficou ainda devendo ao Olaria os oitocentos e seis mil cruzeiros referentes ao pagamento das passagens da Panair. Outras várias razões determinaram o insucesso: a concorrência surgida com a Portuguêsa, já bem conhecida na Turquia; o fraco desempenho da equipe nos compromissos de estréia, prejudicando o cartaz de que íamos possuídos; as dificuldades cambiárias, etc. Desejo frisar que o caso com a Tunísia não foi falha da delegação. Não havia contrato nenhum firmado legalmente, e o que foi assinado pelo Gama com os representantes do Túnis, era fora da lei, pois o empresário não tem o direito de subscrever nenhum documento de fixação de datas sem a devida autorização do clube, e essa não lhe foi fornecida . . . Quanto ao sr. Antônio Pereira Pinto só tenho a ressaltar que foi completamente irresponsável a sua atitude, ao voltar ao Brasil, utilizando-se do dinheiro trazido, para fazer dêle o que bem entendeu, sem que houvesse ninguém para reprimir seu ato. Além disso, por mais de uma vez tentou ludibriar-me, querendo que eu assinasse um documento sôbre as finanças da excursão antes dêle próprio, que era, por obrigação, quem o deveria fazer oficialmente. É claro que não aceitei a sua imposição, e por êsse motivo até hoje não foi entregue o relatório à diretoria.

★

Nossa última entrevista foi com o sr. Adriano Rodrigues, figura de projeção nos meios «bariris» e a quem foi oferecido o cargo presidencial:

— Não aceito em hipótese alguma. No entanto, se o clube continuar nessa crise, eu, como bom olariense, arranjarei nem que seja um nome simbólico para assumir o cargo. É preciso união, muita harmonia e muita cooperação para salvar o Olaria. Estou pronto para fazer aquilo que estiver em meu alcance, apesar de, por incompatibilidade com os dirigentes da gestão passada, estar afastado há dezesseis meses das lides do clube. É preciso colocar as paixões de lado e tratar do interêsse do «nosso» Olaria acima de tudo!

★

E essa é a história do que se vem passando naquele subúrbio leopoldinense. A falta de união dos partidos internos está levando o clube ao quase abandono. Até que ponto chegará isso? Onde estão os associados «bariris»? Será que a «raça» só existe dentro de campo ou será que o «fantasma de 47» voltará aos seus melhores dias?

Por enquanto, está em pé de guerra a «tribo dos bariris»!

# A PROVA

(Conclusão do número anterior)

— Era isto que se diria, com efeito.

— Engana-se. Se eu a tivesse interrogado, e ela negado a exatidão de sua narrativa, não teria acreditado nela. Não, tudo se passou de modo diferente. Quando eu a reencontrei esta manhã, achava-se fora de si. Não cessava de chorar e de se lamentar. Perguntei a ela qual era o motivo — não quis me dizer coisa alguma. Finalmente, no entanto, confessou o que se tinha passado — que você havia feito irupção no quarto dela, tentado apoderar-se dela à fôrça, que ela se tinha defendido durante mais de um quarto de hora, até que você se resolvesse a abandoná-la.

Deteve-se, esperando visìvelmente que eu lhe dissesse qualquer coisa. Mas permaneci silencioso, maravilhado com a incomparável sagacidade da mulher. Que habilidade em ter afastado tôda suspeita confessando antes de tudo, sem o menor convite, exatamente o necessário para tornar plausível a mentira inteira! Como era maravilhoso!

— Mas fala então, homem! Que é que o faz sorrir?

— Será que eu sorrio? Disse. Desculpa-me, não tinha consciência disto. Oh, não. Você deve ter razão — eu devo me ter conduzido como um bandido. Quis brilhar aos seus olhos. Felizmente meu desígnio foi desvendado. Sua amante é branca e pura como a neve, fiel e sólida como o rochedo. Você quer que eu lhe peça desculpas? Estou pronto a isto. Posso lhe assegurar que até mesmo me sentiria feliz se pudesse fazer isto.

Êle me olhou, perturbado.

Suas palavras têm um duplo sentido, disse finalmente. Estou vendo que você quer me lançar na dúvida. Jamais poderia acreditar até êste dia, que você fôsse capaz de uma tal infâmia. No entanto é preciso que você reconheça que neste caso tudo é contra a sua pessoa. Porque, sem isto, porque motivo estaria ela tão desesperada esta manhã? Se tudo se tivesse passado como você me fêz acreditar, naturalmente ela teria procurado esconder os fatos. Não foi à-toa, certamente, que eu acreditei você capaz de fazer isto — mas é a única hipótese possível.

— Meu caro amigo, cessemos esta explicação penosa. Não há hesitação quanto à pessoa em que você deve ter confiança; e esta pessoa é ela ou eu. Sobretudo, eu me mostro absolutamente disposto a reconhecer que eu menti. Se faço apêlo à tua magnanimidade, é porque você experimentou uma grande alegria. Sua amiga suportou brilhantemente a prova a que você a submeteu. E eu... eu contei prosa como um idiota que não soubesse o que fazia.

Meu amigo me deixou. Talvez não tão tranqüilo quanto êle o desejava. As relações entre os dois apaixonados tornaram-se mais ternas do que nunca, os dias se seguiram. Quanto a mim, aparentemente, estava de mais. Por causa dos outros pensionários, êle não rompeu abertamente comigo. Mas ela me evitou com cuidado. Nas refeições, trocamos exatamente as frases de polidez indispensáveis.

No fim de alguns dias fiz os meus adeuses. E minha partida, lhes trouxe um alívio impossível a dissimular.

Quando meu carro saiu do pátio, percebi, ela, à janela, meio-escondida pelas cortinas. Quando meu olhar cruzou o seu, enviou-me, sorrindo, um beijo de adeus.

★

Assim terminou esta aventura. Devo acrescentar que não revi meu amigo durante muitos anos? Depois, um belo dia, êle me pediu desculpas. A amante havia rompido com êle, e nas últimas explicações, no momento em que a mais amável franqueza retoma seus direitos, êle confessara — tanto desejava que êle não ignorasse o quanto havia zombado dêle — o grande prazer que minha visita noturna lhe trouxera.

Na volta, êle a fêz saber que era principalmente à sua inspiração que ela devia êsse prazer.

Tudo isto não tem senão uma importância relativa, mas explica claramente por que eu duvido da oportunidade de revelar a um amigo a infidelidade de uma pessoa que êle ama.

E não tenho razão?


## Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

**Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates**

—//—

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

**Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS**
**Estado de São Paulo**

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

**NOME**........................................

**RUA**........................................ **Nº**

**CIDADE**........................................ **ESTADO**




# GLORIA SWANSON AO CREPÚSCULO

**O FIM DA CARREIRA DE UMA GRANDE ATRIZ. ★ SAÚDE E BOM HUMOR. ★ CINEMA... SIM, QUANDO HOUVER UM BOM PAPEL. ★ A MAIS SIMPÁTICA EMBAIXATRIZ DO CINEMA AMERICANO, DIZEM NA ITÁLIA.**



Gloria com sua filha Michele. Repete-se o caso de Marlene Dietrich, que ninguém sabe qual é a mais moça, a filha ou a mãe...

GLORIA SWANSON foi aí pela década de vinte, uma grande atriz. Representando papéis difíceis (quem não se recorda de «Macho e Fêmea» e outros filmes antigos de Cecil B. de Mille?) conseguiu equiparar-se aos maiores nomes da época, que eram então Rudolf Valentino, Chaplin ou Norma Talmadge. Mas o tempo foi passando, e o cinema falado já encontrou Gloria na decadência. No entanto, um diretor ousado sonhou trazer para a tela a própria história da decadência dêsses astros famosos, e assim tivemos «Crepúsculo dos deuses». Para interpretar êsse difícil papel, Billy Wilder, assim se chama o diretor ousado, procurou Gloria Swanson, e assim a veterana do cinema mudo regressou à tela. Logo depois, fêz uma outra comédia, que positivamente não agradou à crítica. Mas Gloria estava lançada de novo, a Brodway a acolheu, numa temporada teatral com José Ferrer. Agora, Gloria Swanson está na Europa, onde assistiu ao festival de cinema de Veneza, tendo sido uma de suas principais atrações. Não se furtou ela aos fotógrafos e jornalistas, ao contrário, recebeu e falou com todo mundo, expondo seu ponto de vista sôbre as coisas. Dizem que é uma mulher inteligente e prática. Não se amargurou com a derrota do tempo. Precisando trabalhar, entrou como empregada para uma casa de modas, a «Puritan Clothes Co.» de Massachussets. Da Itália, ela irá a Paris e Madrid, em missão da casa onde trabalha. Interrogada se voltaria a trabalhar ainda no cinema, respondeu prontamente:

— Como não? Depende de um bom papel.

Gloria acaba de ser convidada por Sacha Guitry para fazer o papel de madame Hudson Lowe no seu «Napoleão», mas ainda não sabe se aceitará esta incumbência.

Assim é essa antiga «star» do cinema mudo, que os europeus já qualificaram como a mais simpática embaixatriz que os americanos enviaram à Itália.



**Gloria Swanson em vários mo-**



**mentos atuais. Ela é franca e**



**gosta de rir. Gosa saúde e afirma:**



**ainda voltarei ao cinema, e breve.**

# Flash carioca

PAULO DE ANDRADE LIMA







**Carlos Lacerda** — **Cora Lopes** — **João Goulart**

● **VÃO SOBRAR**
Está por horas a exoneração do sr. Romeu Fiori da direção de «A Equitativa».
Um famoso relatório secreto, do antigo Diretor-Fiscal, daquela Companhia de Seguros, que havia sido entregue a Vargas e, em seguida, desaparecido numa gaveta qualquer do Catete, já chegou ao conhecimento do Ministro Alencastro Guimarães.

● **SECRETÁRIO**
O engenheiro Josaphat Carlos Borges, que até bem pouco dirigiu (com probidade e eficiência) a Estrada de Ferro Leste Brasileiro (Bahia-Sergipe) será o Secretário de Obras Públicas do governador Leandro Maciel, recentemente eleito em duríssimas eleições sergipanas.

● **SUJEIRA**
O jornalista Joel Silveira, diretor do Serviço de Documentação do Ministério do Trabalho, teve que adiar o ciclo de Conferências, que seria inaugurado no dia 28 último, porque encontrou o auditório daquele Ministério nas piores condições possíveis, sujo e mal tratado. Até baile de Carnaval houve no auditório, programado pela Recreação Operária dos ministros Segadas Viana e Jango Goulart.

● **FAZENDA**
E por falar em Jango Goulart: diz-se que êle está ultimando a compra, no Uruguai, de uma importante fazenda de criação.

● **RICO**
O sr. Orozimbo Roxo Loureiro gastou perto de 30 milhões de cruzeiros para ser eleito. E foi. Mas agora o ilustre banqueiro e homem de negócios só tem uma preocupação: recuperar-se dessa vitória que, se não foi amarga, foi «salgada»...

● **TOURNÉE**
Carlos Lacerda acompanharia Jânio Quadros na viagem que êste último fará à Itália. Os dois encontrar-se-ão em Lisboa.

● **O GENERAL VOLTA À ATIVA**
Tem impressionado a todos (e principalmente ao general Pantaleão Pessoa) a extrema vitalidade do general Bertoldo Klinger que, ágil e enérgico, é o primeiro a chegar, na COFAP, e o último a sair.

● **CONVITE**
Rubem Braga, o magnífico cronista, foi convidado pelo Ministro Alencastro Guimarães para dois importantes postos naquele Ministério, mas recusou ambos os convites, apesar de ser amigo pessoal do titular da Pasta.

● **SEM FUNDAMENTO**
Não é verdade que a «Standard Eletric» estaria em vésperas de adquirir da União (Emprêsas Incorporadas) a Rádio Nacional. E menos verdade ainda que o general Juarez Távora estivesse interessado na transação.

● **VOLTARAM**
O deputado Pereira Diniz (Paraíba) voltou ao Partido Libertador, e também o governador Antônio Balbino, ao PSD, do qual se achava pràticamente afastado.

● **RAQUEL**
Raquel Moacir, a magnífica intérprete de Pirandelo, não pôde estrear com o TBC, no Rio, em vista do seu contrato com a televisão Record, de São Paulo. Mas o público carioca a aplaudirá, em princípio de novembro nos «Seis Personagens em Busca de um Autor».

● **CORA**
Cora Lopes, chefe da Seção de Divulgação do Departamento de Relações Públicas da Central do Brasil foi, recentemente, muito felicitada por colegas e amigos, não só pelo transcurso de seu aniversário, como porque vai continuar no desempenho de sua árdua tarefa.

# Como um banho de luz...

Sua beleza ganha
vida nova
e nova sedução sob o poder mágico de

# ANTISARDINA



**Antisardina é o creme ideal para sua cútis. Renova as células gastas, protege as células novas restituindo à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade. Cientìficamente preparado com ingredientes rigorosamente selecionados, o creme de beleza Antisardina extingue sardas, manchas, espinhas e rugas.**






**SUÍÇO**
**e famoso no mundo inteiro**

**RADO**

**o relógio de confiança.**
**17 RUBIS**
**e fundo de aço inoxidável.**


## MARIA

**(Cont. da pág. 33)**

Que é que se fêz das flôres que ontem se achavam aqui? Não as colocaram hoje?

— Se soubesse que agradaria a você vê-las aqui, teria feito trazê-las. Em Bogotá você não gostava de flôres.

E comecei a folhear um livro que se achava aberto sôbre a mesa.

— Nunca o fui, respondeu Carlos, porém ... não leias, homem! Olha, faça o favor de sentar-se perto daqui, porque tenho que contar a você muitas coisas interessantes. Fecha a porta.

Achei-me sem saída; fiz um esfôrço para preparar minha fisionomia do modo melhor que me fôsse possível naquela circunstância, resolvido em todo o caso a esconder de Carlos a enorme importância que havia no fato dêle me fazer suas confidências.

Seu pai, que por um momento chegou ao umbral da porta, livrou-me do tormento porque ia passar.

— Carlos, disse dom Jerônimo de fora, precisamos de você aqui.

Havia no tom de sua voz algo que me pareceu significar: «Isto está adiantado demais».

Carlos imaginou que seus negócios caminhavam gloriosamente. De um pulo pôs-se de pé, respondendo:

— Já vou, e saiu.

Se eu não tivesse fingido ler com maior calma naqueles instantes, provàvelmente ter-se-ia aproximado de mim para dizer-me sorrindo: «Em vista da surprêsa que lhe preparo, perdoa-me por não lhe ter dito coisa alguma até agora sôbre êste assunto». Mas eu devia parecer tão indiferente ao que se passava quanto procurava fingi-lo — e isto já foi conseguir muito.

Não desejando ver-me novamente em perigo, ao alcance de Carlos, que poderia tentar de novo falar-me em seus problemas, dirigi-me aos aposentos de minha mãe. Maria se achava com a costureira, achava-se sentada num tamburete, do qual pendia, espumosa, com laços de fita azul-celeste, sua saia de musselina branca. A cabeleira, sem tranças ainda, caía em cachos sôbre seus ombros. Na penumbra que tinha aos pés, Juan dormia, junto aos seus brinquedos. Ela, com a cabeça ligeiramente inclinada para trás, parecia estar sonhando; suas mãos tombadas sôbre o bordado que fazia, descansavam, enquanto olhava o menino.

Apenas escutou meus passos, levantou os olhos para mim: passou as mãos pelos seus, a fim de libertá-los dos cabelos que os cobriam, e envergonhada inclinou-se sôbre o bordado a fim de recolhê-lo.

— Onde está minha mãe? — Perguntei, deixando de fitá-la para examinar a formosura do menino adormecido.

— No quarto de seu pai.

E achando em meu rosto o que havia procurado timidamente, seus lábios fizeram um esfôrço para sorrir.

Meio ajoelhado, enxugava eu com o lenço a testa do menino.

— Ah, exclamou Maria, nem sequer reparei que havia adormecido. Vou levá-lo.

**(Cont. no próximo número)**


## COMO APRENDER A DANÇAR

**5ª EDIÇÃO AMPLIADA**



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

# O SOL DOS MORTOS

ANTÃO PEDROSO



O sr. Elói Pontes, naqueles tempos que já vão longe, gostava muito de citar a qualquer propósito — Como dizia Balzac, «la gloire est soleil des morts». Muita gente morre, mas o sol costuma aparecer para poucos. No Brasil, onde ùltimamente se morre com certa constância, o sol é barulhento, com muitas fotografias, mas como tôdas as coisas neste país, passa depressa. De nossos mortos ilustres, quantos sobrarão hoje? Poucos, muito poucos. Assim ao acaso lembramo-nos por exemplo de Graciliano Ramos, cujas obras, mais ou menos incógnitas durante a sua vida, tornaram-se depois da sua morte verdadeiros «best-sellers». Sem dúvida Graciliano foi um grande escritor, e merece o sucesso que tem hoje. Mas a verdade é que diante de muito talento queixoso da indiferença dos contemporâneos, temos vontade de citar a frase de Balzac, e aconselhar uma mortesinha mais ou menos rápida. A morte, que arrasta após si a possibilidade da glória, tem no entanto, um outro lado — é também uma grande depuradora. Acreditamos que os tais geniosinhos gostassem realmente de morrer, são capazes disto para satisfazer a vaidade, mas a morte sabe escolher os seus eleitos, e só levanta o sol tardio da glória, para aquêles, como o velho mestre Graça, que realmente a mereceram.

## O QUE ÊLES DIZEM

● **NO BRASIL:**

Adonias Filho: «Foi uma felicidade deixar o Serviço Nacional de Teatro. Aquilo era uma confusão completa».

Eneida: «Quem já esqueceu os «ballets» das Operárias de Jesus? E essa casa vai fechar?»

Medeiros Lima falando sôbre o seu romance: «É uma história em três tempos, onde realmente não sucede nada».

O poeta Tomás Seixas, depois do terceiro chope: «O dia em que acabarem com a conversa de bar, liqüidam a literatura».

O pintor Darel reclamando: «Não posso ilustrar os contos de Gasparino Damata porque não sinto os seus problemas».

● **NO ESTRANGEIRO:**

Ainda Cocteau, convalescente: «Acabo de voltar da morte. Vou trabalhar».

Guido Piovene: «O escritor francês que eu mais admiro é Bernanos. Gostaria de saber o que êle fêz no Brasil».



RETRATO — O poeta Reynaldo Bairão trava comigo mesmo um diálogo ao espelho. Evidentemente as fisionomias são diferentes: que dirá a Bairão êsse outro que o contempla ao mesmo tempo tão próximo e tão distante?

## *Se voltares*

ROGACIANO LEITE

*Como o sândalo humilde que perfuma*
*O ferro do machado que lhe corta,*
*Hei de ter a minha'alma sempre morta*
*Mas não me vingarei de coisa alguma.*

*Se algum dia, perdida pela bruma,*
*Resolveres bater à minha porta,*
*Em vez da humilhação que desconforta*
*Terás um leito sôbre um chão de pluma.*

*Em troca dos desgostos que me deste,*
*Mais carinhos terás do que tiveste;*
*E meus beijos serão multiplicados...*

*Para os que voltam, pelo amor vencidos,*
*A vingança maior dos ofendidos*
*E' saber abraçar os humilhados.*

## NOTICIÁRIO



● **José Lins do Rêgo terá uma consagração inédita para um escritor vivo: seus livros serão republicados numa edição uniformizada, ilustrada, e em grande tiragem.**

● **O sr. Ernâni Sátiro acaba de publicar um alentado romance, a que deu o título de «O quadro-negro». Confissão à primeira página: «Creio possuir, entre os poucos dons que a natureza me deu, êsse de escrever com naturalidade».**

● **Luís Canabrava é mineiro, de Curvelo, escreve e pinta, além de outros dons. Seu livro «Sangue de Rosaura» recebeu o «Prêmio Fábio Prado» de São Paulo e aparece agora numa edição vermelha muito bonita, da José Olímpio.**

● **Atílio Milano, poeta, publica agora em prosa, «Literatura Dissipada». Não há dúvida de que, contra o título o volume reúne alguns dos melhores trabalhos do autor.**

● **Graciliano Ramos retornará dentro em breve ao seu grande público, com um livro póstumo, no qual descreve sua viagem à Rússia.**

● **O sr. Adonias Filho, que recentemente foi nomeado para o cargo que Augusto Meyer ocupava no Instituto do Livro, movimenta-se em suas funções, e achava-se na Livraria José Olímpio, onde afirmava que o próximo romance do sr. Otávio de Faria («Atração») seria um grande sucesso editorial.**

● **Herberto Sales está organizando para a Editôra «O Cruzeiro», um panorama do moderno romance brasileiro. Vários autores jovens já foram convidados a colaborar neste empreendimento, entre êles o crítico Liveira Bastos.**

# O CASO (DO PETRÓLEO) É O SEGUINTE:

(Visto sem paixão — Prós e contras)

## O PETRÓLEO NA BALANÇA POLÍTICA

• Estamos certos de que o petróleo brasileiro, incipiente e embrionário, marcará a fase de identificação do brasileiro com os altos deveres patrióticos. A campanha se impunha há mais tempo, não considerando precipitadamente, é claro, a vitória desta ou daquela facção. Não nos eximimos, tampouco, da necessidade de situar o problema na esfera neutra, sem a desanimadora apatia corrosiva e livres da imposição partidária que suprime no cidadão a faculdade da análise serena e objetiva. O momento nacional é grave. As crises sucessivas convulsionaram o organismo da nação. O estado de intranqüilidade gerado nos desmandos de oligarquias organizadas, reverteu em desconfiança o que por dever de patriotismo, deveria ser otimismo franco. O advento dos debates inflamados em tôrno da questão, em última análise, trouxe à luz do sol os detalhes mínimos do problema. A verdade tirará proveito dos tumultuados debates parlamentares e das acesas polêmicas dos técnicos e estudiosos.

Não somos dos que acreditam que as divergências atuais entre os que defendem a nacionalização do petróleo brasileiro e os que pretendem a introdução de um regime de capitais mistos, tenderá a enfraquecer o já combalido organismo político-financeiro do país. Mais do que oportuna, foi a crise da Petrobrás, o marco da emancipação industrial do petróleo. quer decidam os poderes competentes pela legitimidade da solução nacionalista, ou introduzam os inovadores as reformas nas leis que julgam oportunas e redentoras. Mister, sobretudo, será assegurar à campanha um programa de austeridade e bom-senso, de equilíbrio sobretudo, aferindo as incompatibilidades ideológicas, sem afetar as bases onde se apoiar a estrutura nacional. A atitude desassombrada e patriótica de todos, fará a fôrça democrática redobrar a sua vitalidade. Os complexos problemas, de hoje, serão superados amanhã. Urge conhecer a envergadura e a amplitude da questão em tôda a sua elasticidade e cumpre mostrar ao povo, sobretudo, que os poderes legislativo e executivo, empenham-se conjuntamente na já histórica solução do petróleo. Nesta reportagem, em que pese a exigüidade do espaço, os leitores terão os testemunhos oportunos e momentosos dos homens públicos que movimentam as duas correntes. Os mesmos ideais norteiam suas lutas, muito embora percorram caminhos diferentes. Aos leitores cumprirá tomar partido. Uma riqueza portentosa e latente no subsolo brasileiro poderá mudar os destinos da nação e compete zelar por ela, contra todos os impecilhos e contra todos os obstáculos. Na balança política, o petróleo será a chave com a qual abriremos as portas ao progresso e à soberania.

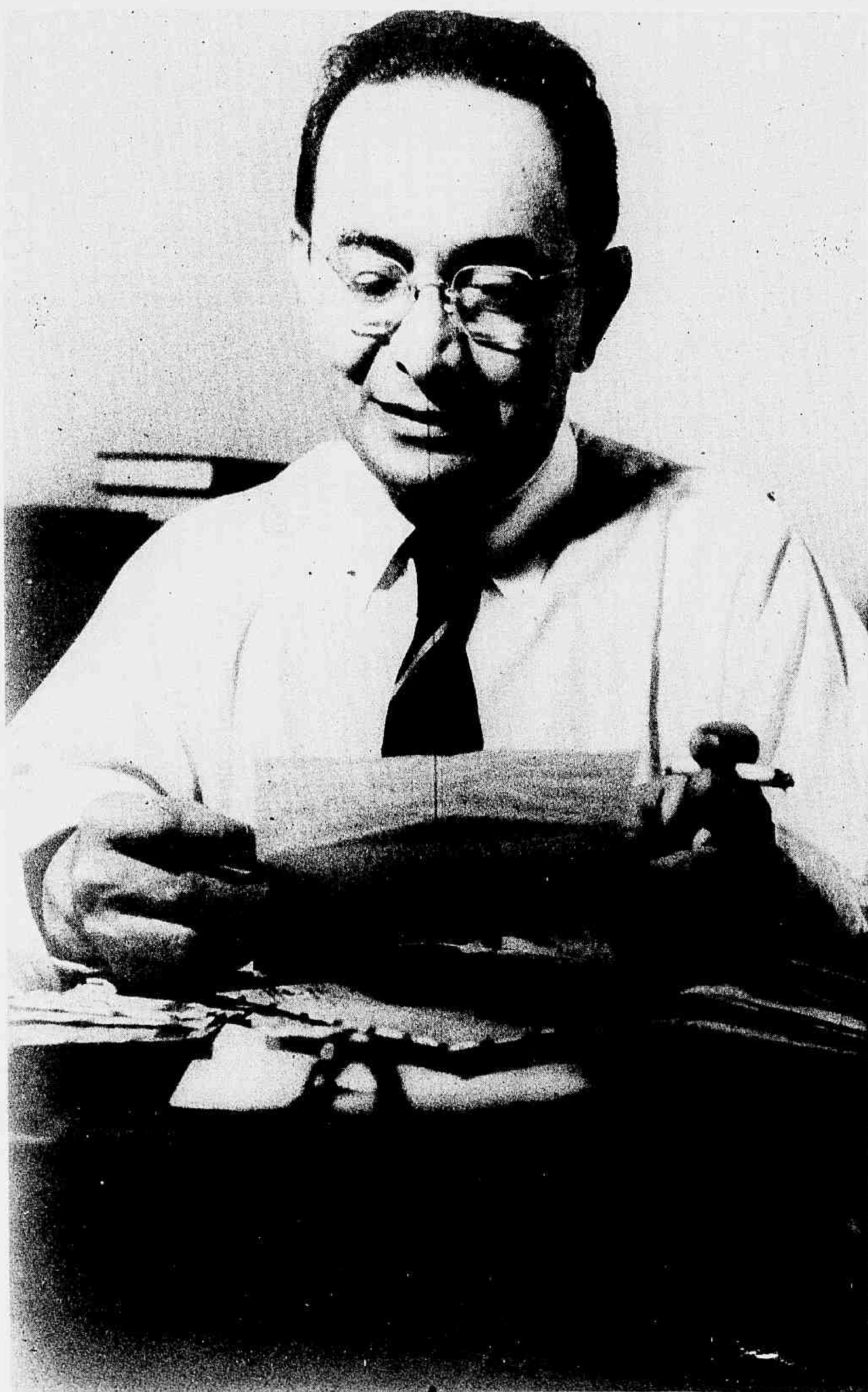
## O PETRÓLEO PODERÁ MATAR POLÍTICOS — O PETRÓLEO NA BALANÇA POLÍTICA — A PETROBRÁS E A LEI 2.004 — O LEÃO E O CORDEIRO — PERSPECTIVAS DO PETRÓLEO BRASILEIRO — CHATEAUBRIAND E JUAREZ — MONOPÓLIO E A SOLUÇÃO NACIONALISTA — OPINAM AS MULHERES

Reportagem de HUGO RODOLFO



CHATEAUBRIAND

**— Que faço no Brasil? — Defendo a democracia ocidental, contra a escravidão russa. Propago as instituições livres da Inglaterra contra o Kremlin asiático. Ou seja: tento por todos os modos impedir o acesso às fronteiras desta terra do apátrida bolchevista... «Jogue no lixo a Petrobrás».**



CAFÉ FILHO

**— Para que lado penderá a balança?**

APÓS debates amplos no Congresso, foi votada e aprovada a lei nº 2.004 que sob a forma de monopólio estatal, concedia recursos próprios à Petrobrás para explorar e industrializar o petróleo brasileiro. A carência de recursos, a falta de divisas e tôdas as dificuldades, advindas da atual conjuntura cambial, traçam caminhos ásperos à incipiente organização. Todavia, é necessário admitir que um vasto caminho foi percorrido, justamente a fase de grandes dispêndios monetários, qual seja à dos estudos geofísicos e geológicos, que demandam anos de pesquisas e pacientes trabalhos de perfuração.

A Refinaria de Mataripe, no recôncavo baiano e os poços petrolíferos de Candeias nos convenceram há algum tempo passado, quando ali estivemos, das reais possibilidades do Brasil. Um completo trabalho é executado ali, sob orientação de técnicos especializados e a curta distância que existe entre os poços perfurados e a refinaria, possibilita, apesar das múltiplas deficiências, u'a mostra alvissareira. É forçoso admitir, todavia, que a industrialização tem seguido passos morosos e curtos. Formam-se no próprio local os técnicos que depois de um período de estudos empenham-se na luta pioneira do petróleo. Candeias é uma vasta região que não muito se distancia de Salvador, capital da Bahia, e que se estende por centenas de quilômetros. As montagens técnicas atingem, ali, já agora, um período de adiantamento, tendo lutado inicialmente contra a adversidade imposta pela carência de matéria prima. A siderúrgica de Volta Redonda tem suprido, em grande parte, os reclamos de Mataripe, que atualmente se vale em escala acentuada do material que Volta Redonda lhe pode fornecer. Cubatão já em dezembro próximo estará refinando, estando a sua produção

# PETRÓLEO



**ARTUR LEVY (Pres. da Petrobrás)**
**«Ninguém que se oponha à solução nacionalista, no caso do petróleo, sobreviverá politicamente».**



**JUAREZ TÁVORA (General)**
**«Adotado como foi pelo govêrno o monopólio estatal, cumpre-nos cerrar fileiras em tôrno da medida».**



**DR. PLÍNIO CATANHEDE**
**«No próximo pleito presidencial, qualquer candidato contra a nacionalização do nosso petróleo, estará sumàriamente derrotado».**



**ROBERTO MORENA (Deputado)**
**«Chateaubriand é um entreguista carnavalosco. Quer entregar aos EE.UU. o que pertence ao Brasil».**

estimada em 65 mil barris diários. Na Bahia e na bacia do Amazonas o petróleo está sendo pesquisado e explorado. Um campo submarino na Bahia foi descoberto pela Petrobrás, recentemente.

O domínio do estado está sendo agora atacado. Seus opositores agitaram a questão da enexequilidade da Petrobrás e pretendem introduzir medidas que possibilitem a exploração do petróleo pelo capital privado, isto é, tanto pelos brasileiros, quanto pelas emprêsas estrangeiras. Objetiva-se dar um impulso imediato na obtenção do petróleo brasileiro. Cairia o monopólio estatal e, num espaço de tempo relativamente curto, poderia a nação abastecer-se com o petróleo de seu próprio solo. Resta entender as medidas e tomar o alcance de sua aceitabilidade... Vamos extrair o nosso petróleo entregando a tarefa ao govêrno e lutar com tôdas as dificuldades aventadas, ou permitiremos o estabelecimento no país de emprêsas estrangeiras, com recursos mais objetivos e imediatos?... Se optarmos pela segunda hipótese será oportuno conhecer o pensamento do senador Assis Chateaubriand, que está sendo no senado o propugnador do capital estrangeiro.

## UM CONSELHO DE CHATEAUBRIAND: — JOGUE A PETROBRÁS NO LIXO

O senador paraibano, não admite meias medidas. Quando o general Juarez Távora, numa entrevista coletiva anunciou a sua posição ao lado da solução nacionalista, Chateaubriand não se conteve:

— «É necessário que Café Filho jogue a Petrobrás no lixo... O Brasil está sendo transformado numa caverna de trogloditas, com o horror do contacto com as nações civilizadas. Estamos trilhando um caminho que nos levará à mais triste das situações. Juarez que sempre fôra favorável à iniciativa privada, em colaboração com o Estado, passou-se agora para o lado estatal, aderindo aos «nacionalistas».

Chateaubriand é intransigente e coloca o problema num plano vasto em que são pesadas as circunstâncias atuais, e são medidas as atitudes futuras. Não acredita na suficiência do Estado neste setor:

— «Para edificar o povo brasileiro em face da solução que propugnamos para o petróleo nacional basta citar êstes três exemplos: os Estados Unidos, a Inglaterra e o Domínio do Canadá. Todos êstes países produzem e consomem petróleo na base da iniciativa privada. Foi a livre emprêsa que descobriu o petróleo nos Estados Unidos, há perto de um século, e ainda hoje é ela que tem nas suas mãos o domínio integral das três indústrias: a pesquisa, a exploração e a refinação do óleo. Pois se três povos de níveis de progresso técnico e científico dos Estados Unidos, do Reino Unido e Grã-Bretanha e do Domínio Canadense, encaram o problema do petróleo dentro do ângulo da emprêsa livre, por que o Brasil há de transferi-lo para o plano estatal? Haveria talvez uma explicação para isso: é que tivéssemos uma organização estatal tão aperfeiçoada, dotada de uma aparelhagem tão completa, que o Estado pudesse melhor servir a causa dos combustíveis líquidos que o particular. Acontece, porém, que o Estado, no Brasil se chama Lloyd, Leopoldina e Central. «Glissez mortel».

## FALA O CORONEL ARTUR LEVY — O CORDEIRO E O LEÃO

O atual presidente da Petrobrás está absolutamente sereno e confiante. Sorriso franco, afável, controla com habilidade exímia suas emoções e não gosta de sair do campo estritamente técnico, quando fala com a imprensa. Com alguns minutos de conversa, obtínhamos



**EUGÊNIO GUDIN**
**(Ministro)**
**A idéia da livre exploração.**



**KERGINALDO CAVALCANTI (Sen.)**
**O pessimismo é a arma dos entreguistas...**



**OTHON MADER (Senador)**
**Ver o petróleo para acreditar no Brasil...**



**DOMINGOS VELASCO**
**(Senador)**
**Não adota qualquer reforma.**



**BILAC PINTO (Deputado)**
**«Chateaubriand fracassará mais uma vez. Sou dos que têm absoluta confiança na Petrobrás».**



**FERNANDO FERRARI (Deputado)**
**«Uma solução nacionalista. Lutei pela Petrobrás, tal qual aí está e e lutarei por ela. O monopólio estatal é o melhor caminho».**



**SANDRA CAVALCANTI (Vereador)**
**«Nesta campanha estou com Chateaubriand. Quando ouço falar em «o petróleo é nosso» sempre desconfio de comunismo».**



**ÁLVARO MOREIRA (Poeta)**
**«Dinheiro, há pouco. Mas é nosso, bem pago. Com êle assim mesmo, teremos o petróleo. «O petróleo é nosso».**

para os leitores a sua opinião sôbre a campanha encetada contra a emprêsa que preside:

— «Confesso que no íntimo estou satisfeito. Era mesmo necessário que o povo brasileiro conhecesse os problemas do petróleo e, nunca mais que agora, se falou em petróleo e Petrobrás. Todo o Brasil está aprendendo o valor e o sentido de uma luta patriótica que estamos travando para salvar o petróleo brasileiro».

Seus auxiliares de gabinete, homens de ação rápida, puseram à nossa disposição todos os dados que solicitamos, enquanto continuávamos conversando com o coronel Artur Levy. Aventuramos uma pergunta: Acredita que a atual campanha do petróleo poderá ter influência na próxima sucessão presidencial?...

— «Sim. Ninguém que se oponha à solução nacionalista, sobreviverá pollticamente».

— Qual o seu pensamento a respeito do argumento, que se valem os que combatem a Petrobrás, com referência à falta de divisas?

— «Não tem procedência o argumento. Com os recursos de que dispõem e que lhe são facultados pela lei 2.004, a Petrobrás está em condições de resolver o problema do petróleo no Brasil, dentro do prazo previsto pelo Congresso, isto é, dentro de 5 anos. E' preciso que se saiba que a Petrobrás deseja apenas os dólares que ela própria produz, além de uma parcela daqueles que ela economiza».

— As atuais dificuldades tenderão a agravar-se?

— «Não creio. Não há na história do país, uma crise dessa natureza, que se tenha prolongado indefinidamente. Trata-se de fenômenos cíclicos, que afligem por algum tempo a economia do Estado, mas que são forçosamente superados».

— E para a aquisição de material, que solução poderia ser adotada?

— «Pode-se resolver êste problema, adotando uma medida de racional distribuição das divisas que dispomos. A Petrobrás não poderá deixar de ter prioridade na divisão dessas divisas, pois que, as que recebermos serão largamente reproduzidas».

Parecia conveniente abordar a questão da reforma, para que pudéssemos conhecer o pensamento do coronel Levy. A reforma proposta, pelos que lutam pela livre exploração do petróleo, seria prejudicial à Petrobrás, perguntamos?

— «Evidentemente. Uma nova entidade, mesmo poderosa e armada de largos recursos, não poderá apresentar os mesmos resultados que a Petrobrás, no prazo em que o faremos... Não acredito que tais emprêsas, se viessem a se estabelecer no Brasil, teriam interêsse de fazer trabalhos de pesquisas e exploração, já que a reserva mundial é muito grande, excedendo o consumo. Êsses trabalhos, além de dispendiosos, demandam tempo, nada menos de 12 a 15 anos. Já a refinação, que é a operação que dá margem de lucros, exige tão sòmente 2 a 3 anos para a montagem e início de atividade. Assim, mesmo que as grandes emprêsas internacionais quisessem apenas refinar, sòmente dentro de dois ou três anos é que estariam em condições de operar no Brasil. A menos que adquirissem uma das refinarias particulares já existentes. Sendo uma emprêsa que se encontra em início, a Petrobrás seria, inevitàvelmente prejudicada pela indústria estrangeira que, paralelamente, se instalasse no Brasil. Teríamos um cordeiro ao lado do leão. Depois que estivermos devidamente instalados, em plena produção, então não mais temeremos a concorrência, por mais poderosa que seja».

**A LUTA CONTINUA — DEPOIMENTOS E SUGESTÕES**

As divergências acentuam a curiosidade dos que acompanham a batalha do petróleo. Inevi-



**CARLOS BRANDÃO DE OLIVEIRA**
**O presidente da Associação Comercial quer a livre exploração.**



**FÁBIO BASTOS**
**Não falou pelo Rotary Club, mas é pela livre exploração. «Onde há concorrência há progresso».**



**ODILON BRAGA (Deputado)**
**Um vasto plano de racionamento deveria ser imediatamente adotado pelo govêrno.**



**ALBERTO DEODATO (Deputado)**
**E' preciso vencer o domínio da emoção para debater o problema.**

## O POVO TAMBEM FALA DO PETRÓLEO



**EDUARDO VILELA (Médico) Proprietário da Clínica Fisioterápica. Rua da Lapa 16. 55 anos. médico pelo Brasil. França e Estados Unidos: «Se eu fôr esperar pela exploração estatal do petróleo. morrerei antes de ver a côr do petróleo do Brasil. Sou pelo capital estrangeiro.**



**ANA DA FONSECA (Telefonista) Casada. 33 anos: «Eu sou lacerdista 100 por cento e acho que o pensamento de Carlos Lacerda combina com o meu: Quero ver o petróleo explorado com o dinheiro do Brasil».**



**RENÉ G. JORDÃO (Industriário) 24 anos, solteiro. funcionário da Gráfica Mar Ltda.: «A favor da exploração pelo capital misto».**

# PETRÓLEO

tàvelmente o término da campanha está ainda longe de ser adivinhado. Empolgados uns, serenos e confiantes outros, defendem ardorosamente as suas opiniões. Reabrem-se os debates pela imprensa e nas tribunas parlamentares encorajados os representantes do povo, levados pela loquacidade que lhes é habitual, defendem idéias divergentes. O documentário fotográfico desta reportagem acentua posições tomadas e demonstra a animosidade que existe entre as duas correntes. Em seguida alinharemos os outros testemunhos que nos foram dados a conhecer:

**PLÍNIO CATANHEDE**
**(Pres. Cons. Nac. Petróleo)**

— O Petróleo poderá influir decisivamente no próximo pleito presidencial. Nas duas últimas eleições não houve candidato, de qualquer facção política, que fôsse contra a solução nacionalista. Dutra e Getúlio foram favoráveis à exploração estatal.

**Dep. FERNANDO FERRARI**
**(P.T.B.)**

— A Petrobrás é uma realidade maravilhosa e palpável. Boa vontade, patriotismo e muita ação farão o resto.

**Dep. ROBERTO MORENA**
**(Comunista)**

— O Chateaubriand é um entreguista carnavalesco. Quer entregar aos EE.UU., sem mais, nem menos o que pertence exclusivamente ao Brasil... (E se fôsse à Rússia, deputado?)

**CARLOS BRANDÃO DE OLIVEIRA**
**(Pres. Associação Comercial)**

— A Federação das Associações Comerciais do Brasil aprovou em sua última reunião e recomenda: «Que, feitas na legislação vigente sôbre exploração de recursos minerais as modificações necessárias, seja permitida em tôdas as fases da industrialização e comercialização do petróleo (pesquisa, extração, refinação, transporte, comércio etc.), ao lado da iniciativa estatal e assegurado ao Estado ou à Petrobrás 50 por cento, no mínimo das areas concedidas para prospeção e lavra do petróleo no país, a mais ampla participação do capital privado nacional e estrangeiro, quer por intermédio de firmas em nome individual, quer por intermédio de sociedades de qualquer tipo, ressalvados, na legislação que se elaborar, os legítimos interêsses do Brasil, com o objetivo precípuo de se tornar efetiva em nosso país, a descoberta, a industrialização e o comércio do petróleo, sem nenhum caráter monopolista.

**Dep. ODILON BRAGA**
**(U.D.N.)**

— Fui presidente e relator do Estatuto do Petróleo. E' um assunto que demanda um espaço maior e considerações estudadas. Minhas palavras são as de Juarez. Um plano de racionamento deveria ser imposto, para salvaguardar os interêsses do país. Eu voltarei ao assunto...

**JUAREZ TÁVORA**
**(Chefe da Casa Militar da Presidência de República)**

— (Entrevista coletiva) — Adotada como foi, pelo govêrno, legalmente a solução monopolista, parece-nos que o melhor que temos a fazer é, agora, cerrar fileiras patriòticamente em tôrno dessa medida, prestando-lhe cada qual, o apoio que estiver ao seu alcance para que, quanto antes, tenhamos obtido através dela o petróleo de que necessitamos com urgência.

## AS MULHERES NÃO ACREDITAM NO PETRÓLEO

**SANDRA MARTINS CAVALCANTE** eleita recentemente vereadora e professôra do Instituto de Educação, conferencista, dona de brilhante inteligência, respondeu categòricamente: «Estou muito desiludida com o andamento do petróleo brasileiro. Inicialmente fui pela nacionalização, mas o tempo mesmo acabou modificando as minhas idéias e sou forçada a admitir que o monopólio é prejudicial aos nossos interêsses. Ninguém pode ser totalmente favorável a Chateaubriand, mas no caso atual estou com êle».

**RAQUEL DE QUEIROZ**

Incisiva: **Não acredito no petróleo brasileiro.**

Raquel de Queiroz não gosta de falar em conferências e tem verdadeiro mêdo do microfone. Estava de malas prontas para viajar para São Paulo e quando falamos em microfone, (estávamos fazendo uma reportagem conjunta para revista e Rádio Globo) ela recusou delicadamente:

— Você não me falou em rádio!... Detesto microfones. A tremedeira impede o raciocínio. Não sei como tem gente que fala nisso... Afastamos ràpidamente o microfone e reconquistamos a simpatia com que a escritora nos recebera. E' magnífica na cordialidade. Suas respostas são precisas, instantâneas e ponderadas. Falamos sôbre suas crônicas, seus romances e sôbre o... petróleo...

— «Petróleo? Bem, primeiro é necessário saber se há petróleo no Brasil, porque até agora o que eu tenho visto, é que regateiam o preço da pele do urso, antes mesmo de se saber se há urso»...

O assunto estava encaminhado e o testemunho de Raquel de Queiroz poderia dar uns ares da inteligência feminina, ao árido assunto do petróleo. Via de regra, a mulher não gosta de assuntos técnicos; não porém, Raquel. Perguntamos-lhe se acreditava que a exploração do petróleo sob monopólio estatal poderia num certo prazo (3 a 5 anos) garantir as necessidades mais imediatas do país:

— «Não creio! Como socialista, só acredito em monopólio estatal, dentro de um regime socialista. Estas soluções, híbridas segundo penso, se revelarão inviáveis na prática».

Será impatriótico, atribuir, quanto ao petróleo nacional, o direito de exploração pelo capital estrangeiro?

— «O Brasil não tem dinheiro bastante, para explorar o petróleo, se é que êle existe. O monopólio estatal, no caso, parece que significa, apenas, monopólio do capitalismo nacional. Não vejo virtudes especiais no capitalismo nacional em contraposição ao capitalismo estrangeiro. Capital é um fenômeno internacional... Não sei porque ter mais mêdo do Rockfeller, do que do Matarazzo. O Matarazzo até está mais perto!»

Neste ponto lembramos a Raquel a questão das divisas. Perguntamos o que achava das dificuldades que a «Petrobrás» encontra para aquisição de dólares. Serão insuperáveis ou consequências da crise política atual, com tendências à normalização?

— «Meu amigo, não há dinheiro no Brasil. Essa história de dólares, câmbios, divisas, demagogias, tudo isso tem características de «getulismos e gregorismos»

— Acha que o petróleo influirá na próxima eleição presidencial?

— «Tenho a impressão de que a questão do petróleo tem sido ampliada artificialmente pelos comunistas e pelos demagogos getulistas. Creio que a massa, no sentido geral da população só se interessará realmente pelo assunto do nosso petróleo, pelos problemas do nosso petróleo, quando **aparecer** petróleo. Não creio na influência do petróleo na próxima sucessão presidencial»





**O general Mendonça Lima, diretor presidente da emprêsa, corta a fita simbólica, declarando inaugurada a nova agência. À direita: general João de Mendonça Lima, diretor presidente do Lóide Aéreo. — Maestro Eleazar de Carvalho. — Srta. Iara Brancante, chefe da Divisão da Produção e Propaganda do Lóide Aéreo. — Senhor Manoel Guerra Borges, chefe do Departamento do Material do Lóide Aéreo.**

# A NOVA AGÊNCIA DO LÓIDE AÉREO



Aspecto da fachada da Agência recentemente inaugurada.

NO dia 21 do mês p.p. teve lugar o ato de inauguração da nova Agência de Passagens e Cargas, que o Lóide Aéreo instalou na Avenida Nilo Peçanha, nº 26-B.

Pelo sr. general Mendonça Lima, diretor presidente da emprêsa, foi cortada a fita simbólica e entregue ao público a nova loja, que recebeu a bênção de d. José Vicente Távora, Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro. Em seguida, foi oferecido um coquetel aos presentes, entre os quais se viam, além de funcionários da companhia, muitas pessoas de destaque social nos meios militares e industriais do país. O general Mendonça Lima falou durante a cerimônia, ressaltando o extraordinário desenvolvimento do Lóide Aéreo no curto espaço de três anos, pondo em relêvo também a entusiástica colaboração de todos os funcionários, a cujo esfôrço, inteligência e operosidade se deve tal desenvolvimento. Em sua oração, o diretor presidente da emprêsa se referiu à Colônia de Férias que está sendo construída para os seus funcionários, e cujo funcionamento está previsto para o segundo semestre de 1955 ou o primeiro trimestre de 1956.

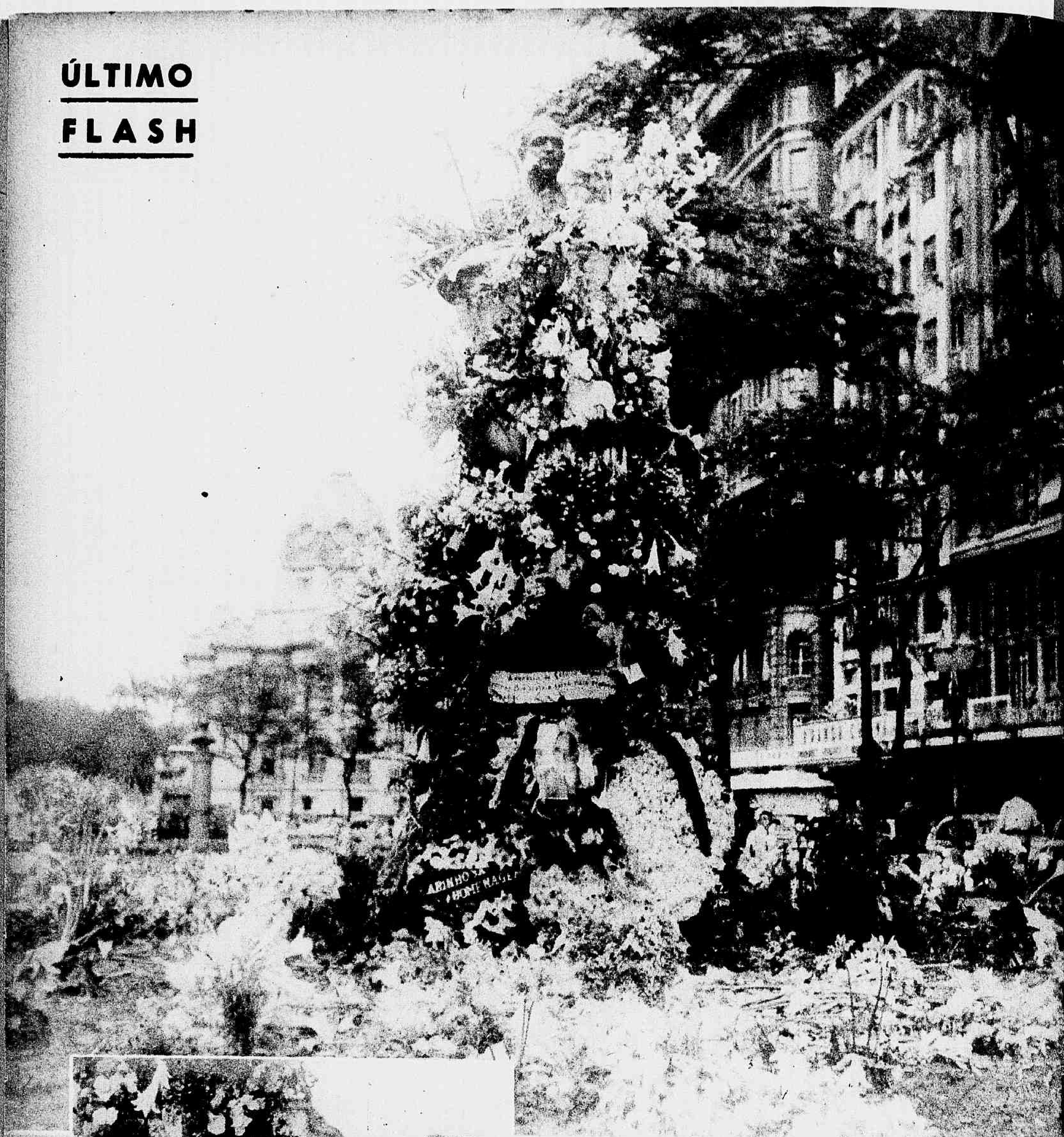
Ainda no programa social do Lóide Aéreo, segundo a palavra do orador, consta o projeto de uma Escola Rural para menores abandonados, de ambos os sexos, a ser mantida pela emprêsa. Dita escola funcionará em terras da Fazenda do Lóide, cuja área é de 48.400.000 m2., e está situada no município de Casemiro de Abreu, Estado do Rio. Terminando seu discurso, que foi muito aplaudido, o general Medonça Lima leu o quadro estatístico que damos a seguir, o que demonstra o grau de prosperidade já alcançado pelo Lóide Aéreo.

**1950**

| | | | |
|---|---|---|---|
| Nº de aviões | 7 | Passageiros transportados | 33.154 paxs. |
| Nº de linhas | 2 | Tonelagem transportadas | 2.050.317 kgs. |
| Nº de agências | 8 | Quilômetros percorridos | 1.880.439 klm. |
| Nº de empregados | 389 | Horas voadas | 7.462,00 horas |

**1953**

| | | | |
|---|---|---|---|
| Nº de aviões | 15 | Passageiros transportados | 153.846 paxs. |
| Nº de linhas | 15 | Tonelagem transportada | 14.111.211 kgs. |
| Nº de agências | 20 | Quilômetros percorridos | 5.237.044 klm. |
| Nº de empregados | 750 | Horas voadas | 20.507,6 horas |

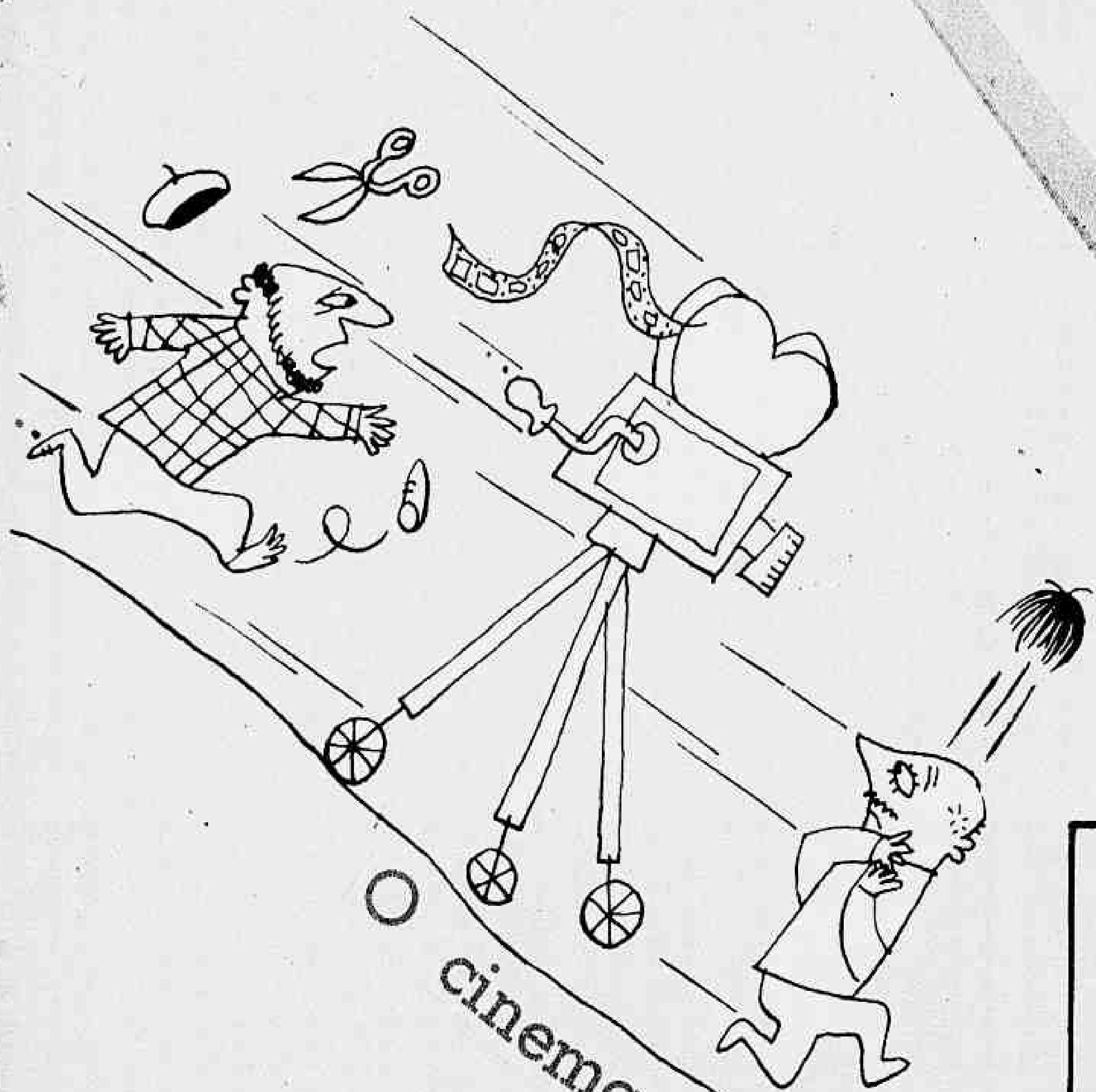




# FINADOS NA CINELÂNDIA

● O busto de Getúlio Vargas, situado na Praça Floriano, amanheceu coberto de flôres no Dia de Finados. E no transcurso daquele dia de saudade e tristeza, formou-se uma constante romaria ao local; gente de tôdas as classes ia depositar o seu lírio no pedestal de bronze, talvez porque o túmulo do ex-presidente, para receber essas homenagens do povo, está distante, em Itu. Mas a nota mais curiosa foi dada nos dias seguintes, quando as flôres continuaram ali acumuladas, ou renovadas, e sucessivos grupos, das primeiras às últimas horas, já noite fechada, acendiam velas, dobravam o joelho e faziam suas orações. Pela primeira vez um quadro que nos habituamos a assistir nos cemitérios, ocorreu em praça pública, na capital do país.

# TÔDA VEZ QUE OUVIA UM GONGO PARAVA DE FALAR. ERA LOCUTOR.







**— O senhor paga inteira.**
**— Sou estudante.**
**— Sua carteira?**
**— O senhor tem dúvidas?**

**NÃO COMPREENDO...**

**... porque a dona da casa só nos traz o cinzeiro depois que jogamos a primeira cinza no chão.**




**Ilustrado por**
PIQUI

# PONTOS DE VISTA



*LIQUIDAÇÃO são êsses 20% que o negociante dá ao comprador para poder tomar os outros 80%.*

•

*RELATIVIDADE é o tempo que levam as alianças para passar da mão direita para a esquerda.*

•

*PUBLICIDADE é a arte de convencer a si mesmo de que está convencendo aos outros.*



CINEMA CARIOCA

UM — Agora que já acabou o filme, porque não faz a barba?

OUTRO — Ainda não me pagaram.

# TIC-TAC

**(Piadas a minuta)**

O PAI — Você é capaz de explicar porque tirou zero na prova?
O FILHO — Porque é a nota menor que êles dão.

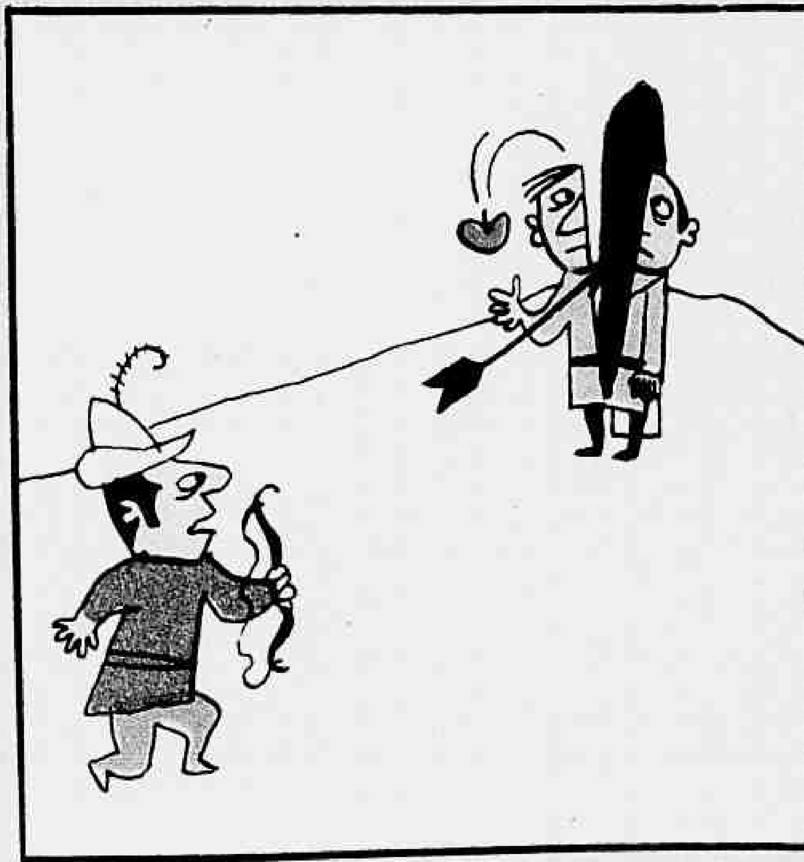
•

Tinha uma bôca enorme mas não gostava de comer melancia para não sujar os ouvidos.

## Vendia a prazo mas sempre cobrava a vista. Era oculista







# O PREPARADO QUE DÁ "It"

Êsse não-sei-quê maravilhoso e fascinante, segrêdo do sucesso feminino, entre nós celebrizou-se através do Leite de Rosas, o preparado que servindo à mulher em todos os seus cuidados de beleza, proporciona-lhe ainda aquêle misto indefinível de graça e sedução.

Envolva-se no «it» de uma pele perfumada e macia e seja também um tipo Leite de Rosas.

LABORATORIOS LEITE DE ROSAS LTDA.

RUA ANA NERI, 321

TELEFONE: 48-7660 — RIO DE JANEIRO